REVISTA DA SEMANA

12-12-53 Cr$ 5,00

A CÂMARA DE GÁS VINGARÁ A MORTE DO PEQUENO BOBBY

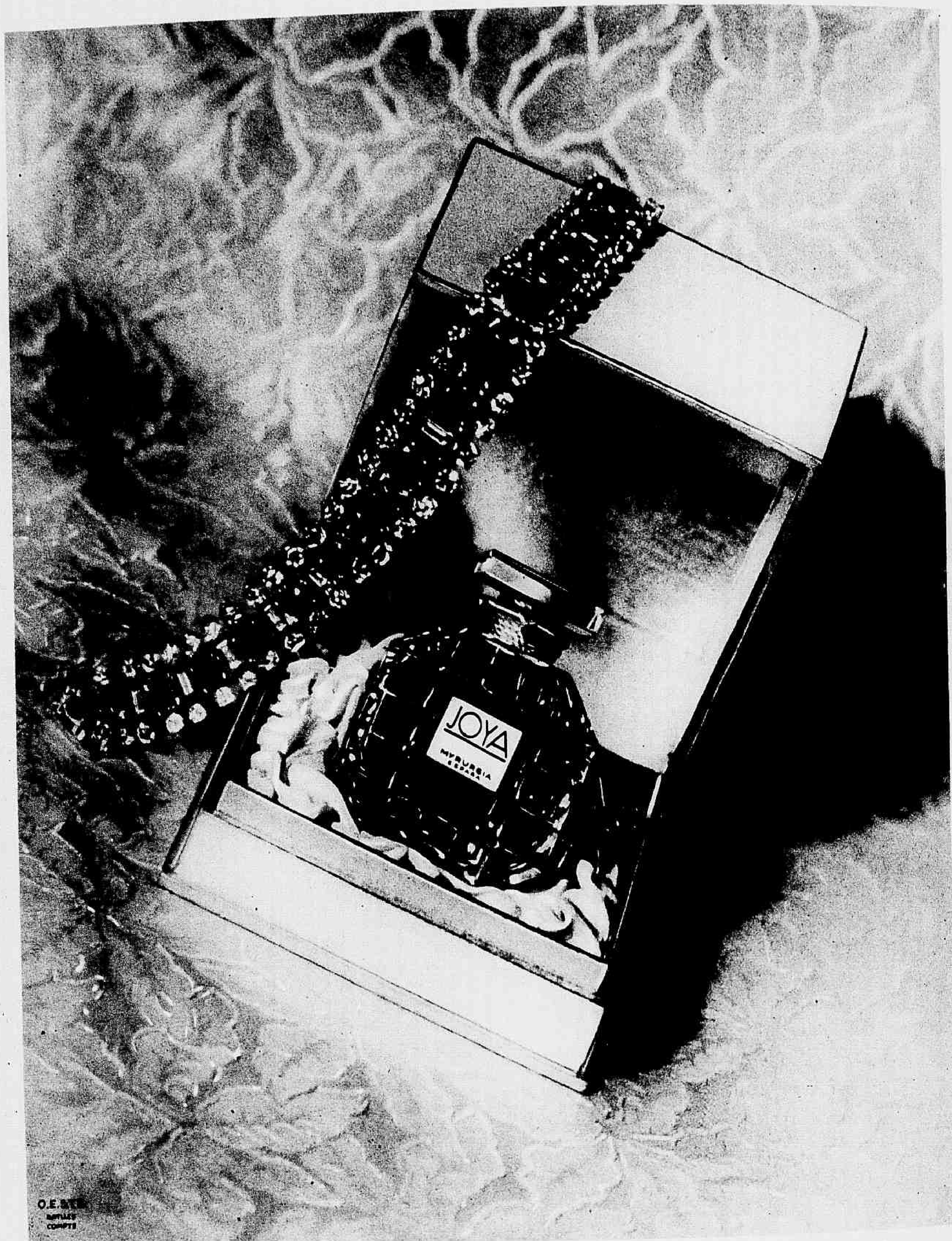
•

DÓRIS MONTEIRO NÃO VAI SE CASAR



•

O P. T. B. QUER 100 CADEIRAS NO CONGRESSO



EXTRATO

JOYA

Uma creação suprema de

·MYRURGIA·

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 50 ★ 12-12-53

SUMÁRIO

Tôda criança é capaz de desenhar 7
A batalha dos técnicos 8/9
Um golpe seria impossível 10/14
Nem sempre dois mais dois são quatro 20/21
As italianas 30/31
Os catarinenses federais 42/44
O PTB quer cem cadeiras 46/48
Dóris não vai casar-se 50/53
Ciganos 3
Por êsse mundo de Deus 4/6
Lasciare ogni speranza 19
Semana em Revista 54/55
Semana Política 56/57
Último Flash 58

Capa: — AVA GARDNER (M.G.M.)

- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistente: **Hélio Abreu**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..... Cr$ 250,00
Seis meses ..... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 280,00
Seis meses ..... Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 400,00
Seis meses ..... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

Ciganos

JOEL SILVEIRA

A nossa caminhoneta se aproxima do bando como de uma parede cinzenta: a parede fecha a estrada, a caminhoneta é obrigada a parar. O grupo também estaca, numa atitude apreensiva. A manhã sertaneja arde furiosa sôbre a caatinga, com um sol de fogo colado no céu muito azul.

Alguém se destaca do grupo e vem, cauteloso, até nós, as ferraduras do cavalo estalando, metálicas, nas pedras do caminho. É um homem velho, de pele curtida e marron, bigodes caindo em pontas, olhos apagados. Sorri, ao nos cumprimentar, e o sol resplandece, numa festa de fogo, nas duas fileiras de dentes de ouro:

— Bom dia, gajão.

São ciganos que vêm de sertões distantes — mas não de um ponto determinado, que não há princípio ou fim na caminhada dessa gente nômade, de olhos escuros e fala mansa. O grupo é numeroso: umas cinqüenta pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos encardidos pela poeira e tostados pelo sol. Viajam divididos em duas porções, vanguarda e retaguarda. O velho de bigodes compridos puxa o primeiro pelotão; o segundo, menor, ainda vem lá atrás, comandado pelo «capitão», o «dono da carga», general absoluto daquele pequeno trôço cuja guerra é o mercadejar malandro de todos os dias, à margem das estradas ou nas feiras matutas.

● O «capitão» é um moço forte, rosto duro, duas rugas hostis rasgadas na testa larga. Monta o cavalo negro e ajaezado de prata como se sentasse num trono; tem palavras atenciosas para nós, mas os seus gestos são de rei: não ri, tira o chapéu numa atitude de nobreza educada, e, então, os cabelos fartos se desmancham na cabeça e escorregam até o pescoço. Logo atrás, miúda e enfeitada, uma mulher ainda moça, talvez uma menina, põe os olhos medrosos no nosso grupo e tem um estremecimento quando um de nós pergunta para aonde vão todos. O «capitão», contudo, não se altera:

— No primeiro pouso a gente fica.

Nas portas da primeira cidade, escolherão um pouco de grama macia e aí levantarão os seus bivaques sujos. Sairão no dia seguinte para a cidade, levando nos «caçuás» e nos «bôca-pius» miudezas e lantejoulas que oferecerão à venda ou à troca. Dizem dessa gente que não é honesta, e que todo o seu comércio se sustenta numa pirataria miúda e velhaca. Mas é, sem dúvida, um comércio sem objetivo certo, sem a obsessão do lucro contábil, porque os ciganos não querem nada, não querem chegar nem partir — e de que serviria o dinheiro farto a vidas assim intinerantes, sem rumo nem morada? Apenas queimam no seu sangue todos os demônios da especulação, todos os diabos da velhacaria. E talvez a maior felicidade para qualquer um dêles é sentir que tirou de alguém, através dos artifícios do roubo ou da mentira, um objeto de valor que amanhã será passado adiante por dois vinténs ou uma cuia de farinha.

● O «capitão» faz uma última curvatura, cerimonioso; encara-nos com os seus olhos duros, arruma sob o chapéu os cabelos negros e lustrosos, despede-se

— Até a vista, gajão.

E o bando se põe novamente em marcha, em direção a lugar nenhum.





Por êsse MUNDO DE DEUS

● A atriz italiana Patrizia Lari casou-se com o conselheiro da embaixada da Pérsia em Roma e ganhou o nome de Sade... Após uma temporada em que serviu na Itália de dama de companhia da imperatriz Soraya, Patrizia está disposta a fazer de sua vida um tríplice programa: o marido, os coquetéis da diplomacia e o cinema.



O CIGARRO CAUSA REALMENTE O CÂNCER DOS PULMÕES

● A triste notícia cinetífica dos últimos dias veio dos Estados Unidos, com um comunicado do famoso cirurgião Evarts A. Graham de St. Louis:

«O dr. Ernest L. Wynder e eu obtivemos experimentalmente o câncer em camondongos usando simplesmente o resíduo do fumo do tabaco. Isso mostra conclusivamente que há qualquer coisa no fumo do cigarro que pode produzir câncer. Não é mais uma probabilidade. Nossas experiências o provaram fora de qualquer dúvida.» Segundo o dr. Wynder, só há uma coisa a fazer: obter da grande indústria americana do fumo os meios indispensáveis a estudos sérios que permitam a cientistas um trabalho paciente no sentido de remover do tabaco o fator canceroso, a exemplo do que já fêz a Standard Oil Co. em 1945, quando se descobriu que vários de seus operários eram vitimados pelo câncer.

Antes disso, os remédios para o fumante difíceis e precários: não fumar mais do que meia dúzia de cigarros por dia; preferir o charuto e o cachimbo. (Na foto, o virus do tabaco aumentado de 24.000 vêzes).



● O nome dela é Paule Eisler, e acaba de obter o título acima em disputadíssima competição realizada em Paris. São estas as medidas da bela vencedora: altura, 1,67 m; busto, 93 centímetros; cintura, 58 centímetros; quadris, 90 centímetros. (Foto «Agip» — Serviço Especial).

INSTANTÂNEOS



À porta do Stratocruiser «Canopus», a rainha Elizabeth II acena em despedida à multidão que foi desejar-lhe no aeroporto boa viagem, para sua excursão de seis meses pelo Império Britânico. Já dentro da cabine, vê-se ainda o Duque de Edimburgo. (Foto U.P.)

NUMEROSA SOLIDÃO

Anúncio colocado em uma estação de turismo na Itália: «Êste local é conhecido como o ideal para aquêles que buscam a solidão. As pessoas que desejam a solidão aqui chegam aos milhares de todos os quatro cantos do mundo».

MULHER NUA

Londres, de costumes tão puritanos em um passado próximo, descobriu agora os «shows» de mulheres nuas. A lei obriga, entretanto, que as coristas despidas permaneçam imóveis em cena, e que nenhum homem entre no palco, depois de descido o pano, antes que elas cubram seus encantos naturais.

ROSAS E LÔBOS

O escritor francês Paul Léautaud, de noventa anos, um dos sêres mais pessimistas que o mundo viu, deixou seu pequeno apartamento em Fontenay-aux-Roses e se mudou para um lugar mais adequado aos seus humores: Vallée-aux-Loups.

FALA QUEM SABE

Uma jornalista, entrevistando a escritora Colette, pergunta:

— Qual é o momento mais penoso da vida de uma mulher?

— É quando, respondeu a grande romancista, a mulher percebe que ninguém mais fala mal dela, momento em que compreende que envelheceu a ponto de ninguém mais interessar-se por ela.

ENTRE FRANCESES

O ator americano Alan Ladd, em Paris, contou a jornalistas que viu um dia, em Hollywood, Adolphe Menjou discutindo com o casal Ginger Rogers - Jacques Bergerac. Disse Menjou a Bergerac:

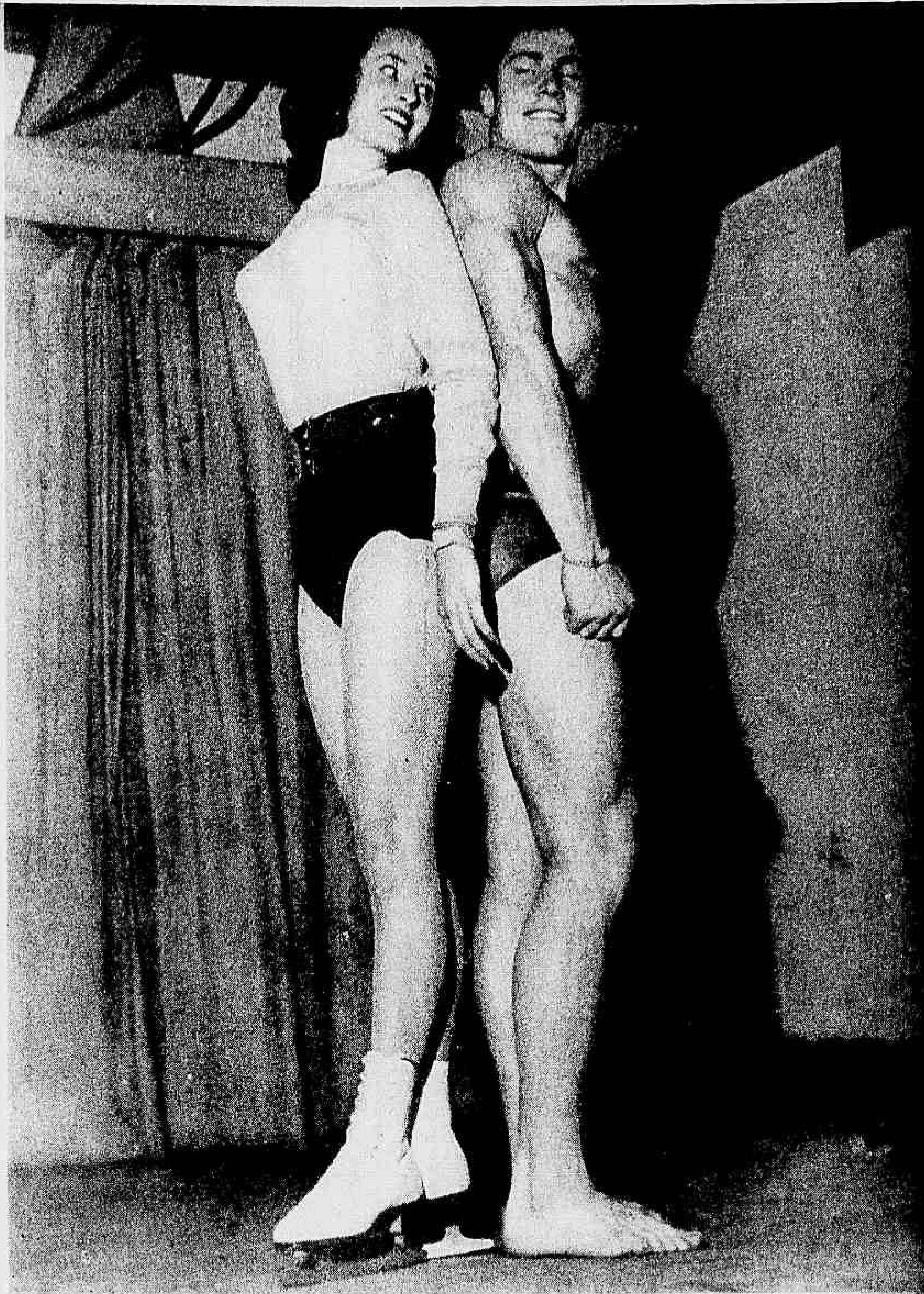
— Meu caro, não se esqueça de que eu conheci sua mulher antes de você ter nascido!

AUTOMÓVEIS

Segundo uma estatística dinamarquesa, a cidade do mundo que tem mais automóveis com relação ao número de seus habitantes é Detroit: 533 automóveis para mil habitantes; em segundo lugar, New York, com 170 para mil habitantes; e ainda, sempre na mesma relação, Turim, Roma, Birmingham e Paris, relativamente com 160, 119, 93 e 91.

NA TELA

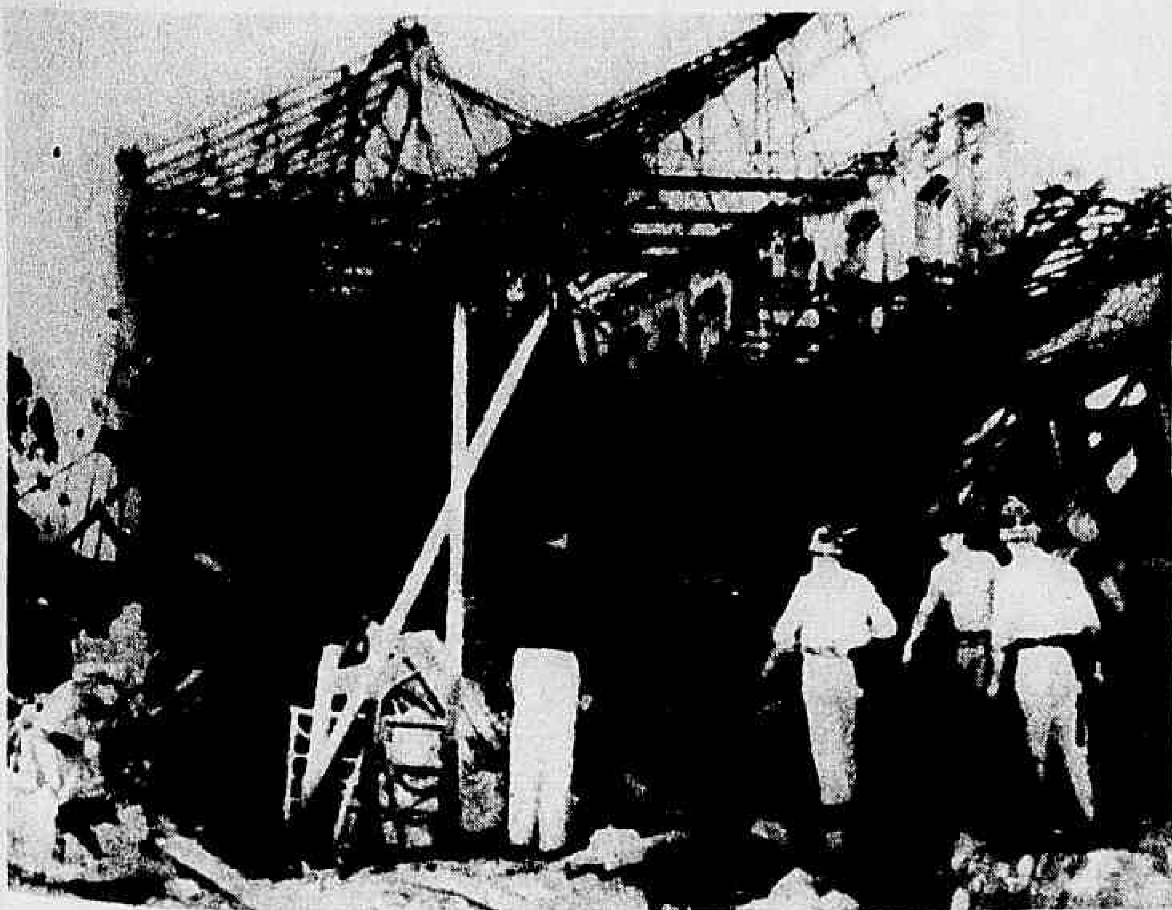
Atualmente são os seguintes os principais filmes exibidos em New York: «The Living Desert», o primeiro filme de longa metragem sôbre coisas da natureza de Walt Disney; «Decameron Nights», extraído das histórias de Bocaccio, com Joan Fontaine e Louis Jordan; «The Actress», uma comédia com Spencer Tracy, Teresa Wright e Jean Simmons; «The Captai's Paradise», com Alec Guiness; «The Robe», o primeiro filme em cinemascópio, com Richard Burton, Victor Mature e Jean Simmons; «The Cruel Sea», um filme sôbre a segunda grande guerra; «From Here to Eternity», extraído do romance do mesmo nome de James Jones.



«SINDBÁ NO GÊLO» — Para a pantomina «Sindbá no Gêlo» (Sindbad on Ice), foi organizado um concurso para a escolha dos protagonistas masculino e feminino. O resultado aí está. Ela é Diana Lees, de 21 anos, natural de Dundee, e êle Nigel Kishawi, de 22, respectivamente Miss e Mister «Ice Cake». (Foto Keystone).

O ESPÍRITO DE SÃO LUÍS

O produtor Sam Goldwyn estava disposto a pagar 250 mil dólares pelos direitos da filmagem de «The Spirit of St. Louis», o novo livro de Charles Lindbergh, mas desistiu de seu intento porque êste último fazia questão de reservar para si um direito de veto a atores, cenaristas e diretor.



Bombeiros lisboetas examinam os escombros da Fábrica de Munições que explodiu no centro da capital portuguêsa, deixando um saldo de 14 mortos e inúmeros feridos. Esta foi a maior explosão verificada em Lisboa. (Rádio-foto U.P.)

ONDE ESTÃO OS DÓLARES

Segundo dados, sòmente agora divulgados, a renda americana em 1948, apresentava o seguinte quadro:

1.	Renda de menos de 1.000 dólares por ano (uma família em dez)	10,6%
2.	Renda de 1.000 a 2.000 dólares por ano (uma família em sete)	14,5%
3.	Renda de 2.000 a 3.000 dólares por ano (uma família em cinco)	20,6%
4.	Renda de 3.000 a 5.000 dólares por ano (uma família em três)	33,6%
5.	Renda de 5.000 a 10.000 dólares por ano (uma família em seis)	17,9%
6.	Renda superior a 10.000 dólares por ano (uma família em trinta e quatro)	2,9%

N.B.: — Deve-se observar que essa estatística não exclui os comerciantes e fazendeiros que tiveram um ano infeliz, camponeses que vivem de suas colheitas, velhos e mulheres divorciadas, enfermos e doentes mentais sustentados pelo Estado.



Fred Walker contempla o mo-
mento aos mortos de Chester,
está inscrito o seu próprio
14º da primeira coluna à

A TRISTE E FANTÁSTICA HISTÓRIA DE UM REDIVIVO

PERDEU A MEMÓRIA EM 1915 E DESPERTOU EM 1953 EM UM MUNDO ESTRANHO

Por êsse MUNDO DE DEUS

● Em setembro de 1915, o soldado Fred Walker, do exército britânico, em combate na planície de Loos, desapareceu. Do seu grupo de combate apenas oito homens se salvaram, e todos êles testemunharam que o jovem Walker — de 24 anos — tinha também morrido. A família se inteirou oficialmente do ocorrido, e o nome de Fred Walker foi inscrito em uma placa de bronze aos mortos de Chester, onde nasceu.

Walker, entretanto, tinha sido apenas ferido na cabeça, tendo os alemães o enviado do hospital a um campo de prisioneiros. Vários oficiais germânicos o interrogaram: Walker se esquecera de tudo, qual era o seu regimento, sua cidade natal, o seu próprio nome. Pensando tratar-se de simulação, os alemães o espancaram.

Remetido mais tarde à Inglaterra, novas perguntas lhe foram feitas por médicos especialistas mas Fred Walker nem mesmo sabia que estava de volta a seu país, não dava a menor importância ao fato de ter acabado a guerra. Walker fêz uma peregrinação de hospital para hospital, de quartel para quartel, até que foi desmobilizado em 1924, quando o Ministério do Trabalho o empregou como tarefeiro. Durante trinta anos êle viveu como um autômato, mergulhado na treva. Uma tarde, em uma rua, alguém lhe bateu nas costas: «Alô Pudding!»

Ouviu essas palavras com um estremecimento: Pudding era o nome que lhe davam seus companheiros de batalhão. Lembrou-se de algumas fisionomias, conversando com o antigo camarada, mas confessou que suas lembranças eram insuficientes, e que não sabia mesmo quem êle era.

— É por causa de seu ferimento, lhe diz o outro.

— Que ferimento?

— Na cabeça, ora essa!

O outro lhe conta que estiveram no mesmo hospital na Alemanha.

— E você se lembra do meu nome?

— Pudding.

— Meu verdadeiro nome?

— Espera um pouco... Era Parker? Ou Walker?

— Acho que era qualquer coisa assim.

— A única coisa que eu sei é que você era de Chester.

Os dois se despediram, depois de terem bebido bastante, e marcaram um encontro para o dia seguinte. Mas no dia seguinte Walker já havia-se esquecido até mesmo de seu compromisso. E novamente durante anos, Walker permaneceu neste mundo sem saber seu nome e seu passado.

Um dia, em um trem, ouvindo o chefe gritar o nome da cidade de Chester, Robert Walker desembarcou. Saindo da estação, recordou-se que já havia visto a estátua da rainha Vitória, diante do hotel. Tomou a rua principal cujo nome lhe pareceu também familiar. Não se lembrando de mais nada, voltou à estação, onde esperou outro trem.

Ainda mais duas vêzes, voltou a Chester sem saber quem êle era. Em sua última visita, entrou em uma igreja, ao cair da noite, aproximou-se de uma placa de bronze iluminada por uma lâmpada, a placa em memória dos combatentes de Chester. Sua atenção se prendeu a um dos nomes: F. Walker. Repetiu êste nome, tentou lembrar-se de mais coisas e não o conseguiu. Mas o nome o obsecava. Para não esquecê-lo, passou a repeti-lo noite e dia, até que adoeceu e o conduziram a um hospital de Chester.

Mrs. Ankers, uma funcionária do hospital, ao ouvi-lo pronunciar o nome, disse-lhe:

— Conheci um Walker. Morreu na guerra.

— Onde morava?

— Na rua Stephen ou na rua Forsbrook.

— Forsbrook Street! Mas era lá que eu morava com meus pais.

— O senhor é de Chester?

— Devo ser. Estou certo de que meu nome é Walker.

Mrs. Ankers achava que o doente tinha delírios mas lhe prometeu que no dia seguinte iria ver se os Walker ainda moravam em Chester.

Realmente, no dia seguinte, entravam no hospital um homem por volta de cinqüenta anos, acompanhado de uma jovem. Levaram os dois ao leito de Fred Walker:

— Sou Joseph Walker, diz o visitante. Meu irmão Fred morreu em combate em 1915 no Passo de Calais.

— Joseph?

O nome e a fisionomia não lhe lembravam nada. Por sua vez, Joseph, não reconheceu no velho o seu irmão de vinte e três anos.

No dia seguinte, uma outra senhora, nascida Maggie Walker, veio ver o doente. E como Joseph, não reconheceu Fred. À tarde do mesmo dia, entretanto, uma senhora de mais idade entra na enfermaria. Apenas aparece à porta, quando Fred grita:

— Minnie!

Ela caiu nos braços dêle:

— Fred!

Depois de quarenta anos de separação, Minnie reconheceu no velho acabado o irmãozinho que ela ajudara a criar. Fred Walker, transportado para a casa dos parentes, começou a reencontrar o seu passado. Coisa estranha: só então êle foi tomando consciência do mundo em que vivia, assustando-se com os ônibus, perguntando pelos tílburis de Chester em 1915: durante os trinta e oito anos que durou sua amnésia, nada havia percebido dos acontecimentos que agitavam e mudavam o mundo. Não se lembrou da guerra de 1939, dos bombardeios em Londres.

Nasceu um velho sem passado. Teria valido a pena?



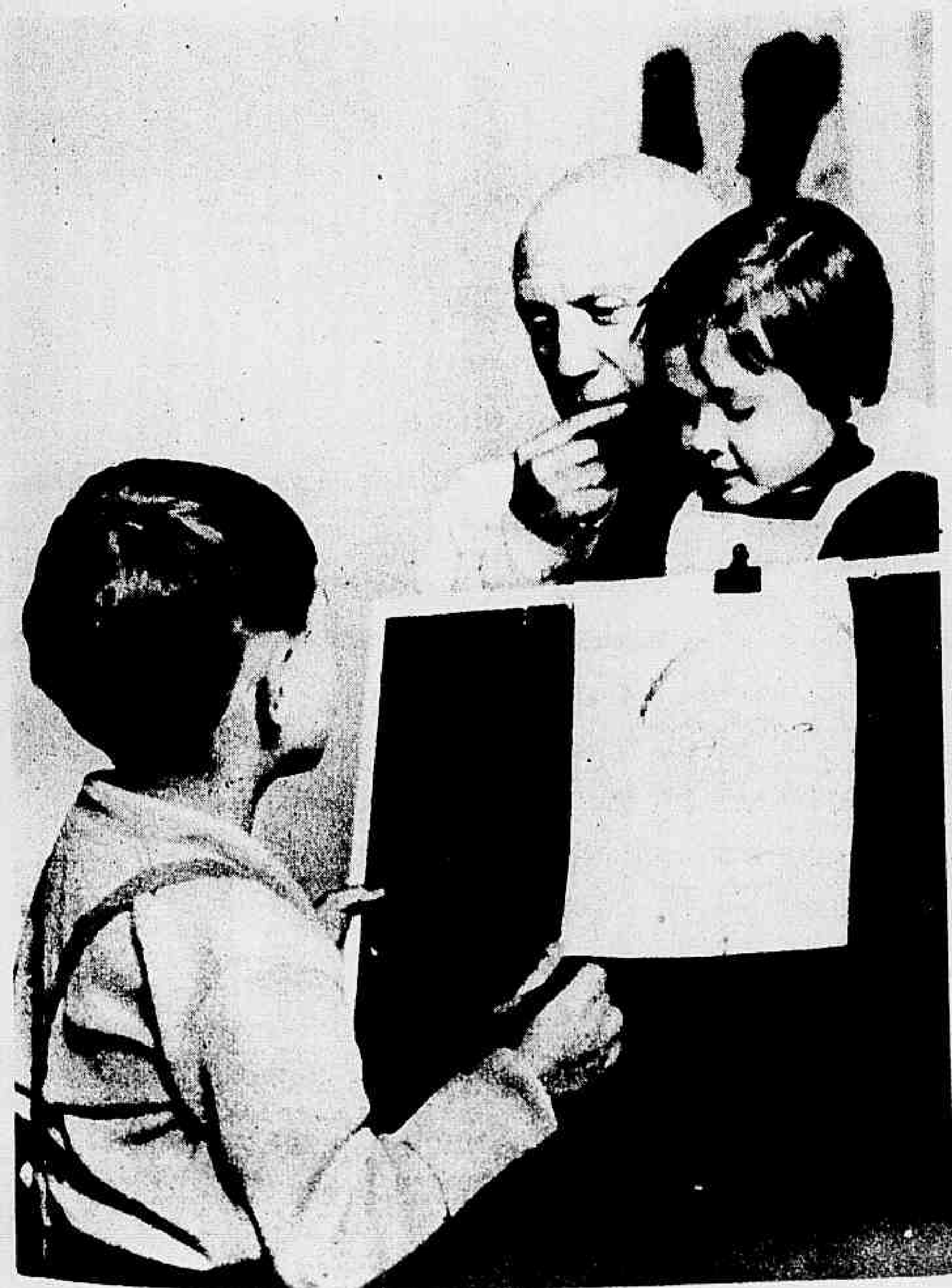
MADAME TITO VOTA NO MARIDO

Madame Jovanka Tito, depõe na urna o seu voto, durante as recentes eleições (com candidato único) em Belgrado. No distrito da capital iugoslava, composto de um eleitorado de 39.402 eleitores, o Mal. Tito obteve 34.768 votos. (Foto Keystone).

Afirma Picasso:

"Tôda criança é capaz de desenhar"





O GRANDE PINTOR EMPRESTA AOS DOIS FILHINHOS, CLAUDE E PALOMA, OS SEUS PRIMEIROS MODELOS: OS POMBOS.

AS invenções infantis são, quase sempre, significativas. É a experiência que o pintor Pablo Picasso acaba de fazer no seio de sua própria família. Uma criança desenha por brincadeira. Mas como ela geralmente brinca com uma gravidade apaixonada, seu desenho toma a expressão inconsciente de sua personalidade. Quando, na sua casa de Vallauris, Picasso põe-se a desenhar com seus filhos, não se saberia dizer qual, entre todos, toma mais interêsse pelo divertimento: se o mestre setuagenário ou se os jovens alunos. Êstes últimos desenham de preferência pássaros, mas sem qualquer intenção política como aquela que fêz nascer a famosa e discutida «pomba da paz».

E por falar em pombos, êles lembram a Picasso coisas de sua infância, pois o seu pai, um pintor espanhol, possuía um numeroso pombal, o qual cercava de todo desvêlo e ternura. E foi lá, na velha casa paterna de La Coruña, que Pablo Picasso aprendeu a desenhar, sentado, durante dias inteiros, diante dos mesmos modelos: os pombos mortos que o seu pai segurava tristemente pelos pés e estendia sôbre uma tábua lisa. Pois todos êsses pombos que êle pintou, na sua infância, Picasso os vê, agora, nascer novamente no traço inexperiente dos seus filhinhos. Claude e Paloma, herdeiros do grande pintor, se iniciam, assim, na pintura por onde o seu próprio pai começou.

A Batalha dos Técnicos

Zezé Moreira, o mais cotado — Gentil Cardoso espera a sua grande chance — Flávio Costa, recordista de títulos, fora do páreo da torcida.

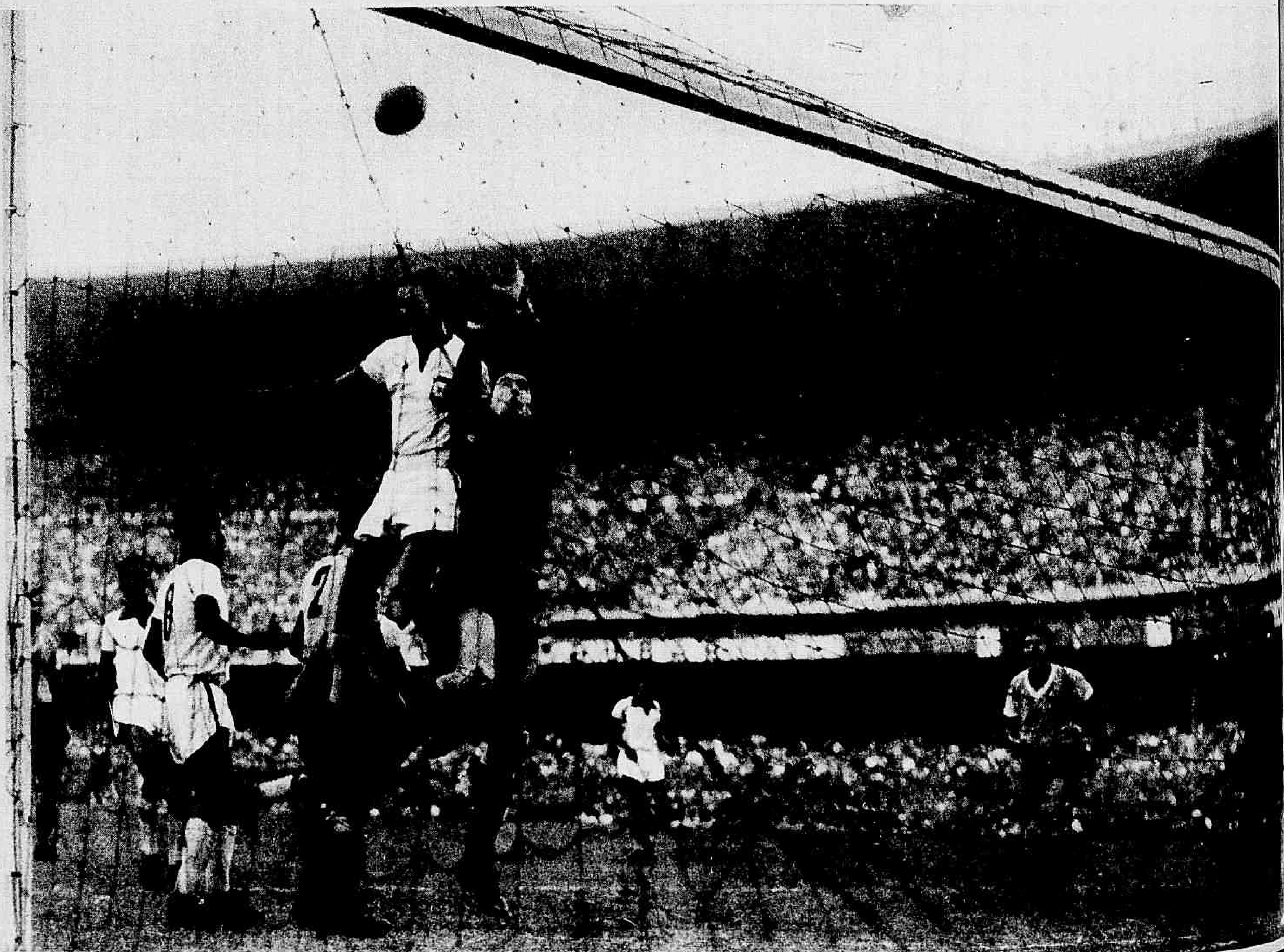
Reportagem de LEVY KLEIMAN

A pergunta paira no ar. Quem será o técnico da seleção brasileira que disputará o Campeonato Mundial de futebol? Três são os nomes mais cotados entre os membros do Conselho Técnico de Futebol, órgão da C.B.D. encarregado de escolher o técnico e os jogadores que irão formar o plantel do Brasil que disputará as eliminatórias do grupo sul-americano com o Chile e o Paraguai, aqui, em Santiago do Chile e em Assunção, a fim de poder candidatar-se às finais na Suíça, em 1954: Flávio Rodrigues da Costa, Alfredo Moreira Júnior (Zezé Moreira) e Gentil Alves Cardoso são os preparadores mais cotados para ocupar o importante pôsto de general das fôrças expedicionárias do futebol que irão batalhar nos campos pacíficos da Suíça em busca de uma glória perdida na tarde de 16 de Julho de 1950 no "front" do Maracanã.

A questão do técnico assumiu tôda esta importância porque hoje mais do que em 1950 os jogos são ganhos pelos sistemas táticos em que os jogadores nada mais são do que pedras num tabuleiro de xadrez movimentadas pelos orientadores dos times. Pedras com funções delimitadas em planos pré-estabelecidos de acôrdo com a natureza do adversário. O presidente do Co[...] Técnico de Futebol da C.B.D., José Maria Castelo Branco, o [...]turista do futebol brasileiro, disse que o técnico da seleção b[...]ra à Copa do Mundo seria o técnico do clube campeão, tal[...] sando em Flávio Costa, quando tudo indicava que o Vasco [...]taria o título. Por coincidência o Fluminense assumiu a[...] do campeonato e então aquêle método de escolha já não [...]

As opiniões se dividem entre os conselheiros e enquanto [...] tempo corre e dentro de dois meses a seleção da C.B.D. ter[á] enfrentar os chilenos e paraguaios, e até agora ainda n[ão] técnico, nem tampouco jogadores escolhidos. Por outro la[do] paraguaios, campeões sul-americanos, não dormem de to[...] estão treinando com afinco, a fim de manterem o prestígio [...]quistado no continental de Lima.

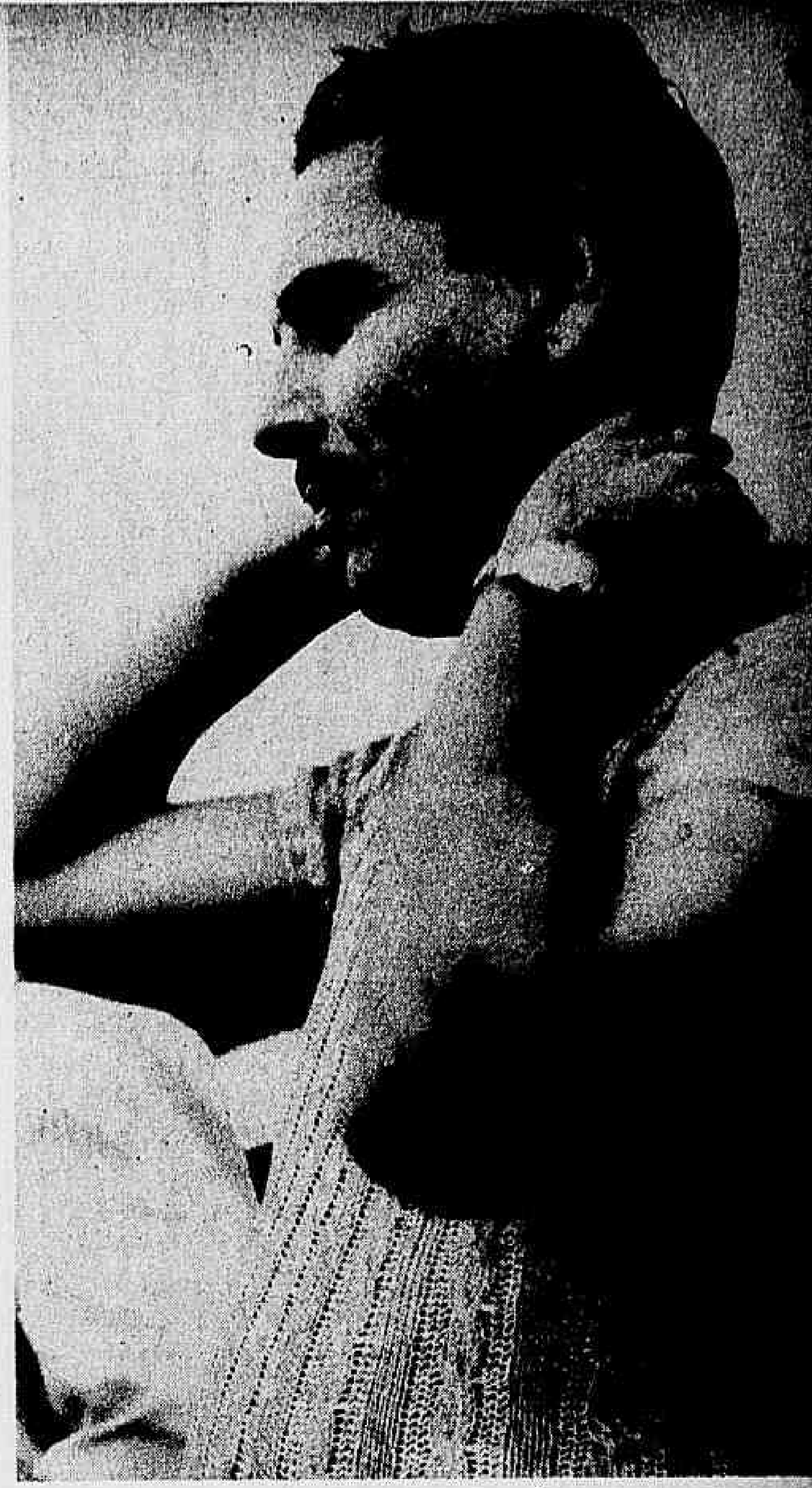
Enquanto os "donos do futebol nacional" não escolhem o [pre]parador e os jogadores, chovem os palpites para a formação [do] selecionado brasileiro e o seu respectivo técnico. Aí estão os [...] generais, as suas credenciais, os seus planos, e as suas possibilidades.



Instante final da Copa do Mundo de 1950. Jair Rosa Pinto tenta a cabeçada, enquanto Máspoli prepara a defesa, e o juiz Reader dá o jôgo por encerrado: Uruguai 2 x Brasil 1. Era a última esperança de conquista do título mundial de futebol de 1950.







ZEZÉ MOREIRA

● Alfredo Moreira Júnior é dos três o nome mais falado para arcar com as responsabilidades de vencer as eliminatórias e classificar o time brasileiro às finais na Suíça, onde a torcida espera que haja um jôgo decisivo Brasil x Hungria, para decisão do título. Zezé Moreira conquistou uma glória antes nunca alcançada por outro preparador, um campeonato obtido em campos estrangeiros, o Pan-Americano de 1952, com um quadro armado às pressas, apenas um treino nas vésperas de embarcar para o Chile. O preparador do Fluminense, que já foi médio do Esporte Clube Brasil, do Palmeiras, do Flamengo, do Botafogo, já levantou dois campeonatos da cidade, o célebre certame de 48, quando o alvi-negro levou a melhor sôbre o Vasco na época orientado por Flávio Costa, e o de 1951 pelo Fluminense, e conquistou dois expressivos títulos internacionais, o Pan-Americano e a Copa Rio de 1952. Perdeu o campeonato brasileiro, justamente para a seleção paulista, orientada pelo seu irmão, Aimoré Moreira. A grande mágua da C.B.D. foi êle ter recusado a direção do selecionado brasileiro que disputou o último Sul-Americano e que nas mãos do seu irmão resultou numa página desastrosa para o futebol nacional. E' senhor do seu nariz, o que muito incomoda aos «cartolas» cebedenses. Tem fôrça moral sôbre os seus comandados e confia nos seus planos táticos, principalmente na marcação cerrada e nos contra-ataques que pegam desprevenidas as defesas contrárias. Mas no jôgo do Fluminense contra o Botafogo, foi derrotado pela sua própria tática, pois Gentil ganhou a batalha forçando a [illegible]aguarda tricolor pelos flancos. Dizem que e[illegible] face dos últimos acontecimentos futebolístic[illegible] reúne as maiores possibilidades.

GENTIL CARDOSO

● Gentil Álves Cardoso, o mais discutido dos treinadores, bem que merecia uma oportunidade para mostrar os seus méritos. O tenente da Aeronáutica, o introdutor da tática do WM, o homem do megafone, o mais falador dos preparadores (há dois anos que caiu de ritmo). Já foi técnico de quase todos os clubes da cidade. Começou como orientador do Sírio Libanês, onde lançou o célebre Leônidas (Diamante Negro), foi preparador do Bonsucesso (três vêzes), América (duas vêzes), Vasco (duas vêzes), Flamengo, Fluminense e Botafogo. Também orientou o Cruzeiro, de Pôrto Alegre, e o Corintians, de São Paulo. Possui também dois títulos muito discutidos, o super-campeonato de 46 pelo Fluminense, após um campeonato que terminou empatado entre o tricolor, o América, o Flamengo e o Botafogo, e o de 52, pelo Vasco, depois do time cruzmaltino ter conquistado um quinto lugar em 51, com todos os «cracks» veteranos considerados fora de cogitações. Nunca dirigiu um selecionado, e por isto grande parte da torcida é da opinião que os dirigentes deveriam dar-lhe uma chance, já que êle derrotara o seu mais poderoso rival, tática e numèricamente. Conhece futebol a fundo e o seu maior «milagre» foi ter reabilitado um time de fracassados como o era o Vasco, conquistando um campeonato que os próprios vascaínos consideram impossível levantar, o de 1952. O Botafogo, apontam os seus partidários, possuía um bom plantel de valores individuais, mas sob a direção de Gentil ganhou personalidade e hoje é um dos maiores candidatos ao título da cidade. Foi felicitado pelo presidente da C.B.D., o botafoguense Rivadávia Correia Meyer, pela estupenda vitória sôbre o tricolor, mas isto não quer dizer que êle venha a ser o treinador. A sua cotação melhorou, e se Zezé Moreira desistir, é provável que êle alcance a sua maior ambição.

FLÁVIO COSTA

● Flávio Rodrigues da Costa estêve bem cotado até poucas semanas, mas os revezes sucessivos do seu time, o Vasco da Gama, baixaram o seu cartaz de técnico, porque perdeu no terreno tático até para o Bangu, sob a orientação de um técnico de juvenis, o veterano jogador Tim. O «Alicate», apelido que teve quando médio-esquerdo do Flamengo, apesar da sua «estrêla» ter-se apagado um pouco nos últimos tempos, é o preparador que possui o maior número de títulos: campeão carioca de 1939, 1942, 1943 e 1944, pelo Flamengo — de 1947, 1949 e 1950, pelo Vasco da Gama, quatro vêzes campeão brasileiro, campeão Sul-Americano de 1949, campeonato disputado no Brasil, vice-campeão do mundo de 1950, duas vêzes vice-campeão continental (Santiago do Chile, em 1945 e Buenos Aires, em 1946), campeão dos campeões do continente, pelo Vasco da Gama, em 1948. Venceu também duas vêzes a Copa Rio Branco e uma vez a Copa Roca. Títulos não lhe faltam. Foi o inventor da «diagonal», mas a torcida não lhe perdoa a perda da Copa do Mundo, na melhor oportunidade do futebol brasileiro. Dizem os entendidos que o seu sistema de jôgo e sua maneira de comandar já foram superados por outros preparadores. Acham que fechou os olhos e os ouvidos à evolução do futebol brasileiro. Tem grande cotação entre a maioria dos conselheiros da C.B.D., que o considera como o treinador ideal. Êle confessa que não aceitaria a sua indicação e opina por Zezé Moreira para orientador do «scratch» nacional. Flávio estagnou no espaço e no tempo, o que equivale a dizer que não evoluiu, segundo a opinião dos seus inimigos. Possui um D.I.P. bem organizado o que o tem defendido nas horas amargas, e êsse grupo de jornalistas é que mais tem feito fôrça para que êle volte a dirigir a seleção brasileira, em busca de uma reabilitação para o seu cartaz de técnico internacional.

Seis perguntas aos líderes da Câmara

VIEIRA LINS (líder do PTB e vice-líder da maioria):

"UM "GOLPE" SERIA IMPOSSÍVEL"

«Revista da Semana» está ouvindo os líderes na Câmara, dos partidos maiores. Na última semana, fizeseis perguntas a AFONSO ARINOS, líder da minoria no Palácio Tiradentes e um dos mais destacados comandantes da UDN nacional. O nosso entrevistado de hoje é o deputado VIEIRA LINS, líder do PTB na Câmara. Apesar de pernambucano (Vieira Lins nasceu em Timbaúba, Pernambuco, no dia 29 de abril de 1901), Vieira Lins representa o Paraná, para onde deslocou-se não faz muito tempo e capitaneou, nas últimas eleições, uma campanha eleitoral ruidosa e fulminante. E' orador de eloqüência sôlta e apaixonada, político de convicções e em permanente contato com seu eleitorado.

Vieira Lins exerce a advocacia criminal desde 1921, quando começou a defender Júris, em Campina Grande, João Pessoa, Olinda e Recife.

Entrou para a Faculdade de Direito do Recife em 1924; representou a mesma Faculdade em 1926 no 1º Congresso de Estudantes de Direito em Belo Horizonte.

Em 1927 transferiu-se para a Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, onde se formou em 1928. Ainda em 1927 representou sua Escola, nos festejos do Centenário dos Cursos Jurídicos do Brasil, realizados em São Paulo. Nesse mesmo ano entrou para a política, sendo membro do Diretório Acadêmico do Partido Democrático do Distrito Federal e tomou parte na caravana, que chefiada por Assis Brasil visitou o Estado de São Paulo a 14 de julho, percorrendo a zona de Jaboticabal, Bebedouro, Monte Azul, Barretos, etc., na companhia de Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, Zaroastro Gouvêa e Arthur Rio Apa, fazendo comícios.

Formado, passou a residir em Bauru (Estado de São Paulo) onde foi presidente da subsecção da Ordem dos advogados, Presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Estadual, advogado da Confederação dos Ferroviários do Brasil, presidente da Liga Regional Operária, e prefeito municipal.

Em 1933 e 1934 professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de Campo Grande (Mato Grosso).

Atualmente, deputado federal pelo Paraná e líder do P.T.B. na Câmara Federal, de cujo partido é membro do Diretório Municipal de Londrina, membro do Diretório Estadual do Paraná e membro do Diretório Nacional.

AS RESPOSTAS

1 Não creio na existência de ameaça ao regime democrático em que vivemos. Certamente, a falta de planificação econômica, como programa de govêrno, a ser inflexivelmente executado, e a desorientação das massas promovida pelas informações tendenciosas de parte da imprensa nacional, produzem essa inquietação popular, que maus políticos exploram demagògicamente, como perigo para o regime e possibilidades de "golpes". O regime, porém, está consolidado na opinião popular, que luta por liberdade democrática e justiça social.

2 Já declarei não crer nessa ameaça, entretanto contra ela, ou a possibilidade de vir a existir, os partidos podem usar como armas a firmeza de seus propósitos em cumprirem seus programas, imporem seus princípios, evoluindo e reformando o que fôr superado pela marcha dos acontecimentos, ao invés de se perderem em discussões estéreis e ataques pessoais, ou divagarem em campanhas imediatistas, de finalidade puramente eleitoral.

3 Não. Outras sãos as condições políticas e sociais de hoje: O povo quer o cumprimento da Constituição e já se julga apto a reformar pelo voto livre o Congresso Nacional, remoçando-o, não pela idade dos eleitos, mas pelas suas idéias, caráter e tenacidade.

4 Legislar com ausência de interê[...] soais, ou de grupos, mas com [...] visão dos problemas nacionais e so[...] com alentado espírito público.

5 O atual Legislativo, ainda não al[...] certamente, o máximo de produ[...] exigida pelo regime, isso porém em [...] de fatôres estranhos à sua vontade. [...] tica dos Estados, realizada ainda num [...] tido estritamente político, onde as [...] personalistas dos chefetes truncam o [...] tido nacional do regime, vem quase [...] refletir no Legislativo com pruridos [...] nalistas em prejuízo do todo, que é a [...]

Mesmo assim, êsse Legislativo, com [...] ras impressionantes de valor moral e cu[...] ral, em todos os partidos, tem produ[...] bastante e prestado à Democracia um [...] serviço de consolidação, afogando aq[...] sentido de subserviência tão comum [...] passado, e constantemente demonstr[...] independência e coragem na apreciação [...] várias questões nacionais.

6 Não me sinto muito a vontade p[...] dizer como deve funcionar o mecan[...] mo da liderança, isto por não advogar [...] causa própria, uma vez que tenho a hon[...] de ser líder do Partido Trabalhista Bra[...] leiro e vice-líder da Maioria, do que mo[...] destamente me vou desincumbindo. To[...] via, entendo que liderar é saber coord[...] os valores da bancada e aproveitá-los, [...] máximo, nas várias tarefas legislativas, [...] relação direta dos conhecimentos e [...] pendores de cada liderado. É conquista[...] confiança dos seus comandados pelo tr[...] pela atenção continuada e sobretudo [...] assistência imediata à solução de seus p[...] blemas na bancada; serenidade na a[...] ção política, igualdade de tratamento [...] companheiros, mas energia nos momen[...] necessários à fixação de orientação pol[...] partidária.

Assim tenho me esforçado, por fazer f[...] cionar o mecanismo da liderança que o[...] crendo bem servir a Pátria e ao Partid[...] Legislativo e ao povo. Outros líderes [...] sarão doutra forma; eu procurarei ap[...] der com êles o que possa utilizar para [...] de todos.

AS PERGUNTAS

1 Acredita que fatôres de ordem política ou econômica estariam a ameaçar a continuidade do regime?

2 De que armas dispõem o partido para enfrentar e vencer uma possível conjuração anti-democrática?

3 Seria possível, hoje, o sucesso de um «golpe» político nos moldes do «Estado Novo»?

4 Qual a contribuição melhor, por parte do Legislativo, para que o regime democrático se fortaleça ao ponto de anular a ação dos seus inimigos declarados ou encobertos?

5 Quais os mais relevantes serviços prestados ao regime demrocrático pelo atual Congresso?

6 Como entende deva funcionar o mecanismo da liderança?



(Foto de ARNALDO VIEIRA)



O corpo da criança estava embrulhado num pacote de 1m,20, sob uma camada de cal, em cova rasa no quintal da cúmplice.

A CÂMARA DE GÁS VINGARÁ



A sra. Greenlease e seu marido Robert, quando acompanhavam os fune[...] filho trucidado pelos «gangsters» de Kansas City.

Será no dia 18 próximo a execução, em Kansas City, de Carl Austin Hall e Bonnie Brown, autores de um dos mais hediondos

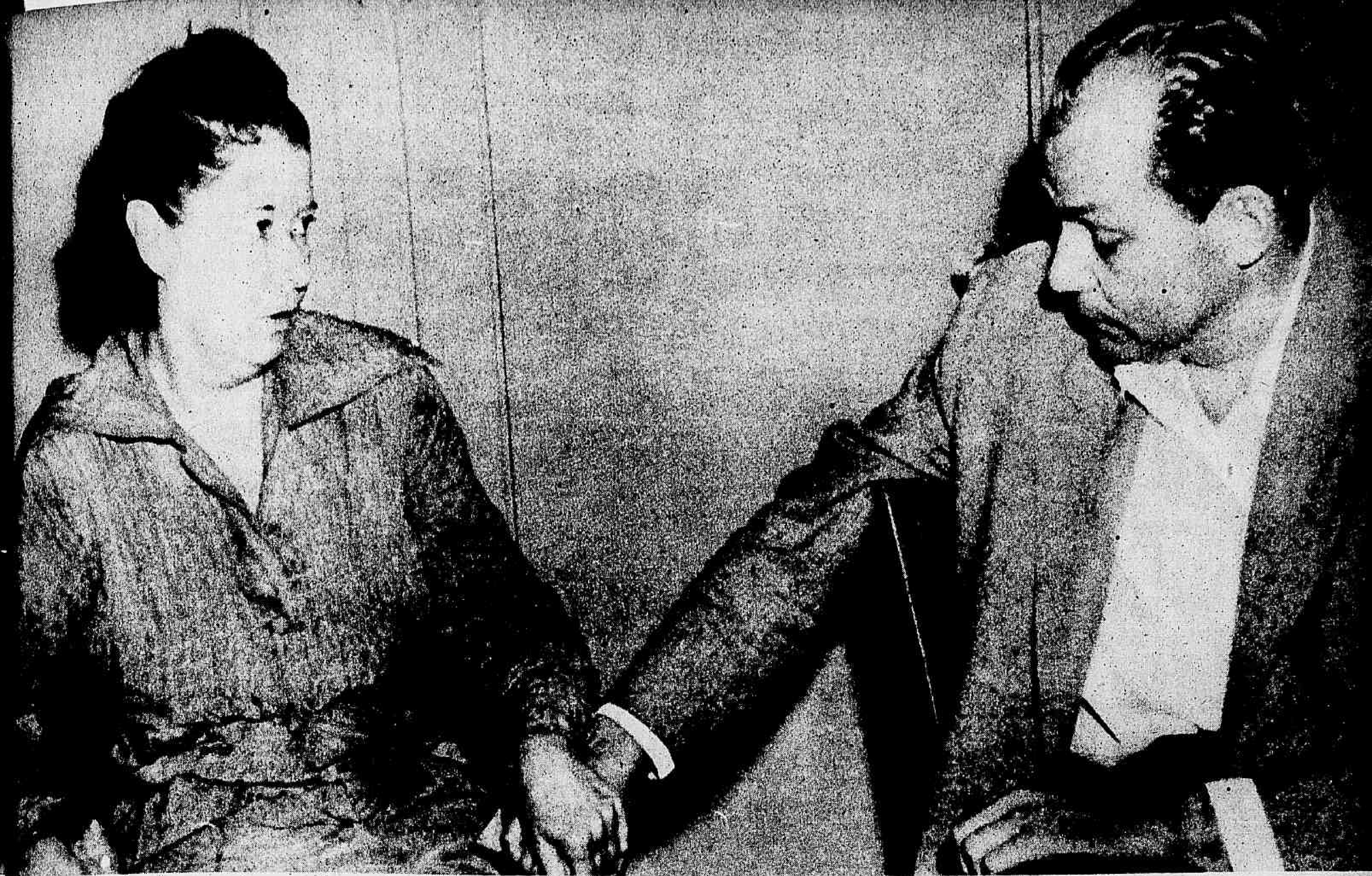
A primeiro de março de 1932, Charles Lindbergh estava a jantar com [...] pôsa, em sua residência de Hopewell, despreocupados e felizes, quando [...]ram surpreendidos por angustioso grito de Betty Gow, lá do pavimento su[...] onde dormia Charles-Auguste, o filho do casal. Eram vinte e duas horas. O[...] se ergueram alarmados. Que seria?

Correram como loucos lá para cima, e foram encontrar a «nurse» a[...]nham raptado a criança, tendo o criminoso subido ao primeiro andar p[...] escada que ainda estava lá. Nenhum vestígio do «gangster», a não serem [...] traços de lama deixados no soalho pelos seus sapatos.

A MORTE DE BETTY

Poucas horas depois, recebia o famoso Lindbergh um telefonema. Vo[...]nhecido, le homem, lhe estipulava a soma de 200 mil dólares para re[...] filho. A êsse tempo já a polícia de Nova York se punha em diligências e [...] Lindbergh que não desse um centavo ao bandido. Mas o casal, cujo ún[...]sejo era o de recuperar a criança, àquele tempo, com um ano e nove mes[...] deu ouvidos à recomendação da polícia e resolveu mandar o dinheiro. [...]termédio de um certo dr. Condom, que se havia proposto negociador po[...] de pequeno anúncio aparecido em um jornal de Bronx, Lindbergh man[...] dinheiro.

Passou-se um mês em casa dos desolados pais, e o menino não é de[...] A 12 de maio daquele ano fatídico, é encontrado o corpo da criança [...] terreno, a oito quilômetros da casa de seus pais. A morte do garotinho [...] no mesmo dia de seu rapto.



Os dois monstros: CARL AUSTIN HALL e BONNIE BROWN, ela uma prostituta, e êle um egresso da cadeia, alcoólatra inveterado.

MORTE DO PEQUENO BOBBY

crimes dos últimos tempos ★ Mrs. Lindbergh desmaiou ao ler a notícia do rapto que era como o que lhe acontecera há vinte anos.

O MISTÉRIO HAUPTMANN

A senhora Lindbergh estava grávida, e o choque foi tremendo. Seu marido, coberto de glória pelo seu feito sensacional de atravessar o Atlântico num aviãozinho, tendo-o como único tripulante, também se mostrava desolado, acabrunhado, e sofreu a maior dor que pode suportar um coração de pai. A polícia prendeu o alemão Haptmann carpinteiro entrado irregularmente nos Estados Unidos, e que, tendo pago a gasolina de seu carro, a uma bomba, com dinheiro «marcado», do resgate, foi considerado suspeito. Estava-se em 15 de setembro de 1934, dois anos e meio depois do rapto da criança de Lindbergh.

Embora não ficasse positivada, em tôda a sua clareza, a culpa de Hauptmann, o processo chegou ao seu têrmo e a sentença do Tribunal foi esta: cadeira elétrica. O alemão foi levado à morte jurando sua inocência. Jamais confessou seu crime. O caso apaixonou o mundo inteiro, e muitos criminalistas, advogados, homens de imprensa, etc., acharam que a sentença fôra precipitada, e que, se Hauptmann era o criminoso, isso não ficara provado, não se devendo condenar ninguém à pena máxima, por simples provas circunstanciais. Fôsse ou não o culpado, até hoje não apareceu o verdadeiro criminoso, a fim de limpar a nódoa do nome do alemão imigrante.

O casal Lindbergh deixou os Estados Unidos e viajou pelo mundo, achando-se agora na «Ilha dos Amorosos Solitórios», como passaram a chamar a residência dos infortunados pais de Charles-Auguste. Quando se deu o revoltado rapto, a sra. Ana Lindbergh estava grávida. Nasceu êsse segundo filho, e, logo depois mais outro. Estão sendo educados com todo o carinho. Ao ser eletroexecutado Hauptmann, sua espôsa também esperava a cegonha. Quando nasceu o filho, ela lhe deu o nome de Manfredo, o qual vive hoje na Inglaterra.



Um dos recentes retratos do pequeno Bobby (Robertinho), ao lado de seu pai, rico industrial daquela cidade americana.



Crianças do Colégio católico N. S. de Sion, onde também estudava o pequeno Bobby, assistindo a uma missa nesse educandário.

A VEZ DE BOBBY

Dizem que, pela manhã do dia 28 de setembro último, dois dias após o sensacional rapto do menino Bobby Greelease, quando Mrs. Lindbergh deu com os olhos nas manchetes dos jornais que tratava do caso, teve um choque tão grande, que seu espôso se assustou e, instintivamente, telefonou aos dois filhos no colégio, pedindo que viessem para casa. Por sua vez, Manfredo, ao dar com a notícia, recebeu outro choque tremendo, como se se tratasse de um caso com pessoa de sua família.

O caso de Bobby Greenlease ainda estarrece o mundo. No dia 26 de setembro p. p., em Kansas City, chega ao colégio católico «Nossa Senhora de Sion» uma senhora e diz na portaria:

— Sou tia do menino Bobby Greenlease e vim buscá-lo para ver a mãe, que está passando muito mal.

A permissão para a saída do menino antes da hora regimental foi dada e aquela mulher o tomou pela mão, levando-o a um carro. Bobby estava com seis anos e meio e ao saber que o levavam antes da hora de terminar as aulas, às 5 da tarde, achou excelente, e com certeza, já se via livre a brincar no parque de sua residência, com o seu cãozinho Honey Boy, de quem era amigo sincero e dedicado. Aquela mulher estranha, uma «tia» a quem jamais vira, apesar de trazer-lhe a notícia inquietadora de que sua mamãe estava muito mal, acometida de uma doença momentânea, ia-lhe proporcionar alguns momentos de folga. Na sua inocência, não desconfiou de nada e se deixou levar pela cúmplice de ladrões de crianças.

Já estava o menino em poder dos «gangsters», quando chega um telefonema à residência dos pais:

— Eu lhe devolverei seu filho, se o senhor mandar entregar-me 600 mil dólares. Darei a forma de fazer chegar o dinheiro a minhas mãos.

600 MIL DÓLARES E UM PEQUENO CADÁVER

O choque que Mr. Greelease recebeu foi o mesmo que Lindbergh sentira há vinte anos passados. Com estas diferenças: o aviador ainda não tinha trinta anos, quando lhe roubaram o primeiro filho, enquanto o milionário já está com sessenta e cinco janeiros, e, talvez, não possa mais ser pai. Lindbergh perdeu seu primeiro filho, mas já é pai de dois. E o velho Greenlease? Só possui Bobby, já com seis anos e meio. E o levaram.

Durante oito dias o desolado pai manteve conversa pelo fone, com os raptores de seu filho. Mas já não podiam receber os telefonemas, encarregando-se disso um amigo do casal. O que Mrs. Lindbergh sofreu, só Mrs. Greenlease poderá saber, pois ela também sofreu noites de insônia, chorou lágrimas de sangue, aflita sob pesadelos terríveis, numa espera dolorosa e martirizante.

O pai de Bobby é amigo da família do presidente Eisenhower, e um irmão dêste é seu banqueiro. A importância do resgate foi logo posta à disposição dos «gangsters», e Mr. Greenlease, suspeitando de que o filho já estivesse morto, como sucedera com o de Lindbergh, pediu pelo telefone, aos criminosos, que fizessem o filho vir até o aparelho, para falar com ela. Em vão. Mas apesar de tudo, mandaram entregar os 600 mil dólares aos delinquentes. Quando a opulenta mansão dos Greenlease já se preparava, festivamente para receber o menino, eis que chega a fatal notícia, vinda da Polícia Federal:



O filho de Lindbergh, de um ano e meses, cujo cadáver custou 200 mil dólares, e Hauptmann, o acusado.

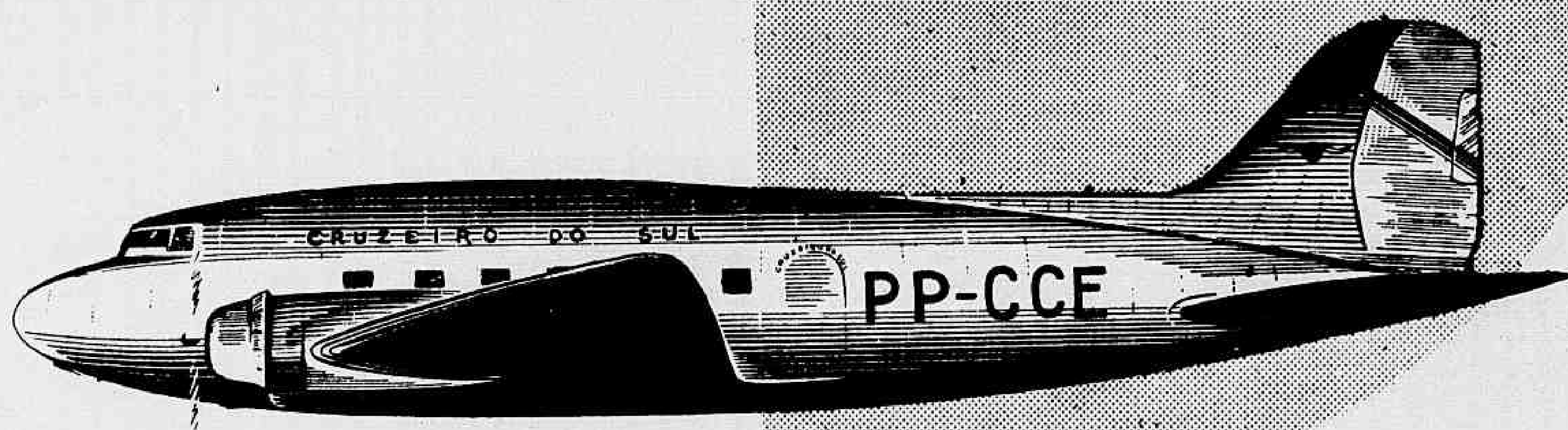
Foi descoberto o cadáver da criança no jardim da casa da mulher que o retirara do colégio. Sôbre a cova muito rasa, ergueram um montículo de terra com algumas flores. O menino fôra morto talvez no dia do rapto, com três tiros de revólver. O principal culpado está prêso. Que o sr. Greenlease tivesse corageb, pois era preciso ir reconhecer o corpo...»

O FIM

Era o fim. O mundo inteiro seguiu, depois, o curso das diligências policiais. Quando ficou esclarecido que os dois criminosos eram Carl Austin Hall, de 3 anos e Bonnie Brow (a tal «tia» do menino), de tôdas as partes do mundo rugiu um só grito aos ouvidos do Tribunal: nada de longo processo, nada de exames psiquiátricos, nada de protelação. Morte, morte rápida aos abomináveis «gangsters». E assim sucedeu. O casal de raptores foi condenado à morte na câmara de gás, e ali pagará o hediondo crime, no dia 18 do corrente.

Para honrar o Brasil

A Mais Vasta Rede Aérea Doméstica Do Mundo!



Abrangendo a totalidade do território nacional

linhas regulares para todos os Estados e Territórios Nacionais, inclusive as capitais respectivas, afóra derivações para Argentina, Bolivia,Venezuela, e Guianas Inglesa e Francesa



Serviços Aéreos



CRUZEIRO DO SUL

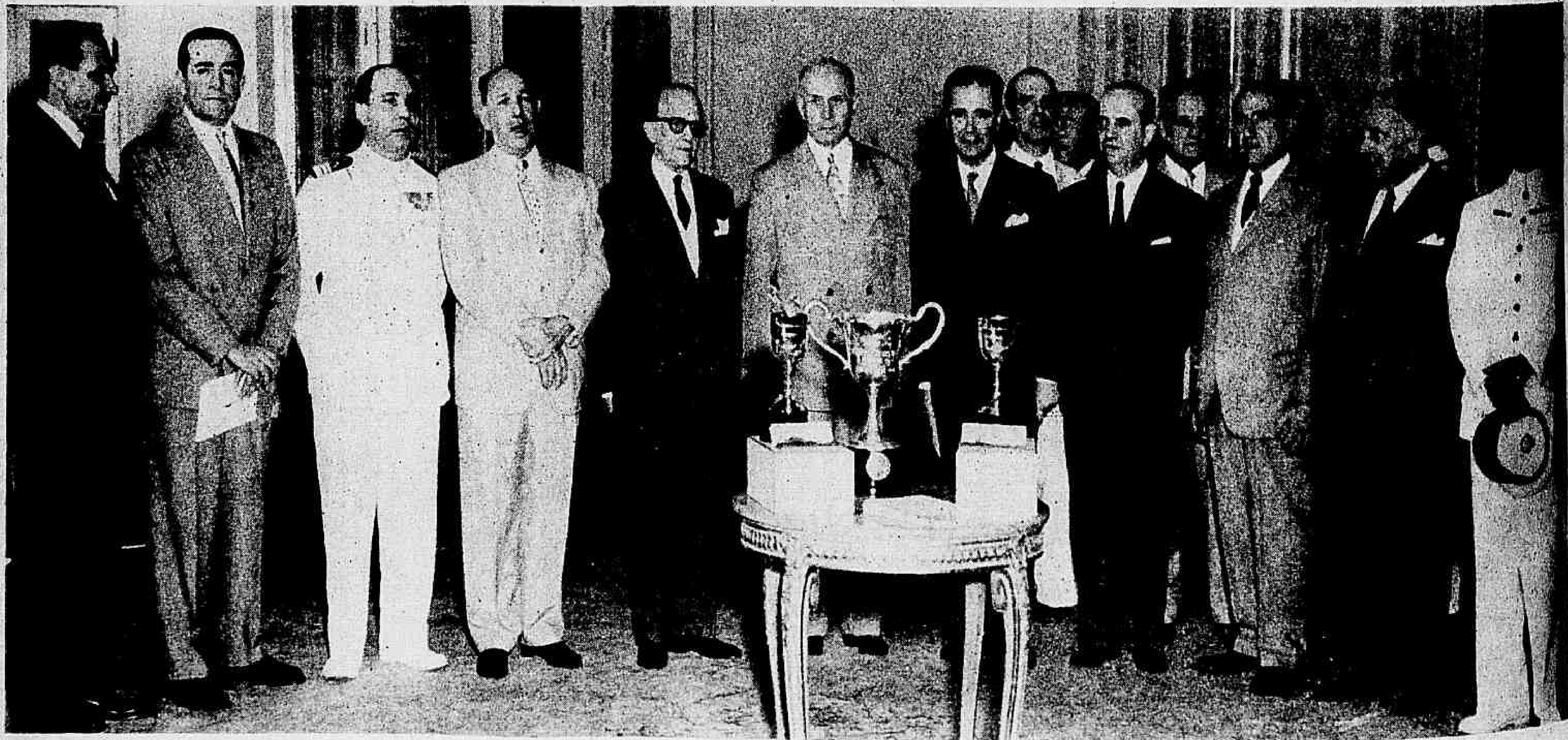
AV. RIO BRANCO, 128 — TEL. 42-6060
AV. NILO PEÇANHA, 26-A — TEL. 32-7000



O presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro cumprimenta a sra. Américo Thomaz. Ao lado, a sra. almirante Dodsworth; à direita, nas varandas das Sociais, descortinando a bela paisagem que o Hipódromo

HOMENAGEM A PORTUGAL

UM DIA de grande gala para o Hipódromo Brasileiro foi o domingo, dia 22 do mês p. passado, quando recebeu a visita honrosa do ministro da Marinha de Portugal, almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz. À armada lusa e ao seu ilustre representante foram dedicados dois páreos, cujos vencedores, os proprietários sr. Valdemar Costa e o deputado Jorge Jabour e jóqueis L. Leighton e Rigoni, receberam valiosos prêmios oferecidos pelo nosso ministro da Marinha. Antes, porém, das corridas, o ministro Renato Guilhobel, acompanhado de altas autoridades navais, reuniu o nosso eminente vi-



Após o desenrolar dos páreos «Marinha de Portugal», «Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz» e «Jockey Club do Peru»: o presidente do Jockey Club do Brasil, dr. Mário de Azevedo Ribeiro entre os ministros da Marinha do Brasil e de Portugal, dos embaixadores luso e peruano e demais pessoas gradas, antes da entrega dos prêmios aos vencedores daquelas provas turfísticas que se revestiram numa festa inesquecível e de grande expressão para o «turf» brasileiro.



Brasileiro oferece, realizou-se o almôço oferecido pelo ministro Renato Guilhobel ao seu colega da Marinha de Portugal, almirante Américo Tromaz. São flagrandes dessa reunião o que a gravura nos apresenta,

sitante, sua comitiva e pessoas gradas, entre as quais a embaixatriz e o embaixador de Portugal, em um almôço, servido na varanda das Sociais do Hipódromo.

Outra grande homenagem prestou a nossa entidade turfística, naquele mesmo dia, ao Jockey Club do Peru, oferecendo-lhe um páreo de honra, que teve a assisti-lo o embaixador daquele país irmão, acompanhado de seus secretários. Ao proprietário vencedor, o dr. E. G. Bastos, foi oferecida uma artística taça de prata. Para a entrega dos prêmios, o presidente Mário Azevedo Ribeiro reuniu, no Salão das Rosas, os homenageados, aos quais saudou. Ao champagne, o ministro Américo Thomaz e o embaixador do Peru, agradecendo as homenagens prestadas pelo Jockey Club Brasileiro, tiveram ocasião de enaltecer a beleza e a grandeza da bela obra arquitetônica do Hipódromo Brasileiro.





O ministro da Marinha de Portugal e o embaixador do Peru entregam valiosos prêmios aos proprietários e jóqueis dos cavalos vitoriosos nas provas que lhes foram dedicadas e que foram, respectivamente, os srs. Jorge Jabour, E.P. Bastos, Valdemar Costa, e os conhecidos jóqueis Rigoni e Leighton. O doutor Mário de Azevedo Ribeiro, dinâmico e prestimoso presidente do Jockey Club Brasileiro, posa também, entre os ilustres visitantes por esta entidade homenageados.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

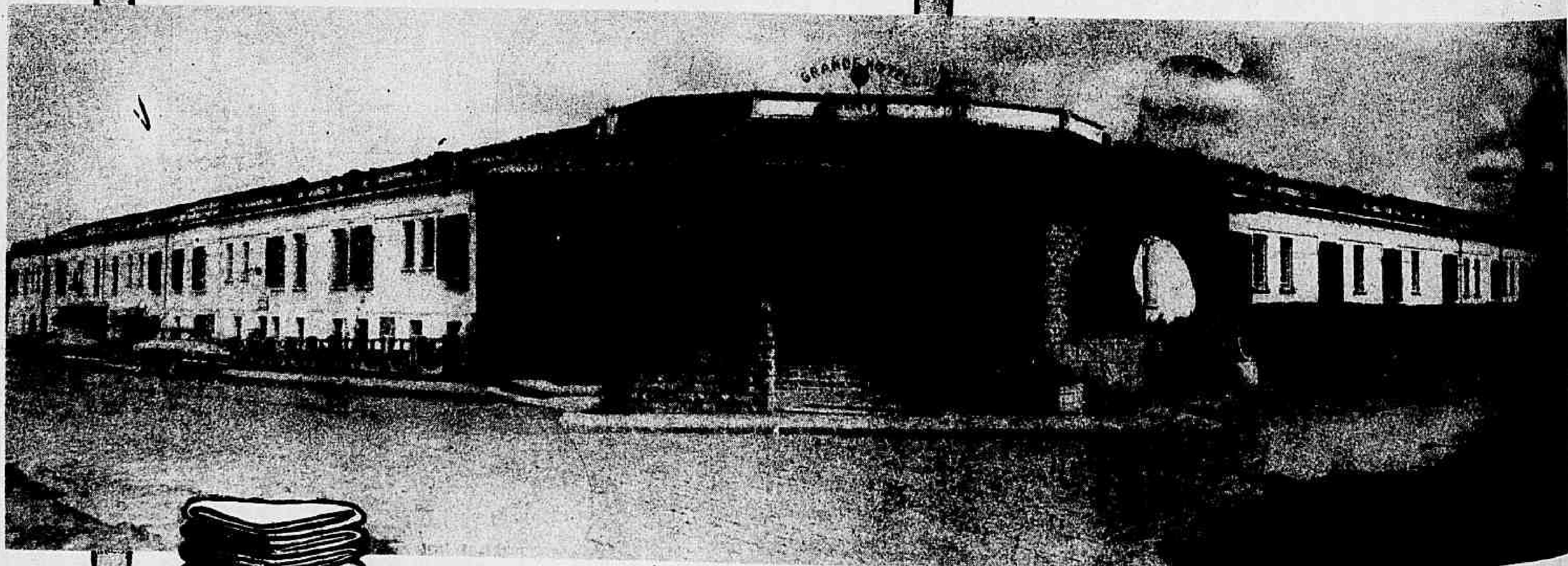
RESERVA DE APOSENTOS

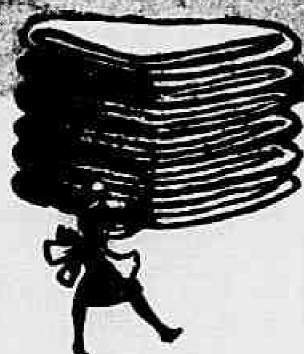
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

EXCELENTE BAR

AMPLA VARANDA

SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)

LASCIATE OGNI SPERANZA

HÉLIO PELLEGRINO

PASSO a mão pela barba, diante do espelho. São sete horas da manhã e o dia me espera lá fora, claro e límpido, com seus ruídos urbanos explodindo ao sol. Manejo a torneira com fé, esperança e caridade, na certeza de que essas virtudes teologais, somadas ao azul que irrompe pela janela escancarada, farão brotar do feio metal um jato de água capaz de lavar epidermes e pecados. A torneira, porém, insensível às extraordinárias favorabilidades da paisagem, responde com uma tosse rouca e sêca, entre feroz e irônica, e a tal ponto se enfurece ante as minhas tentativas de fazê-la funcionar, que eu dela retiro a mão apressado — como se o estúpido objeto pudesse morder.

Pela minha cabeça perpassa, muito de longe, como um perfil de gaivota no horizonte recuado, o verso dantesco «Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate». Nada há, entretanto, que justifique uma associação de tal maneira pessimista. A manhã avança e se expande como um grande corpo luminoso. O mar, azul e tranqüilo, carrega em seu dorso pequenas embarcações de pesca. A linha das montanhas é nítida e solene, ao longe. Chega do oceano uma brisa leve e salgada, que me faz bem. Passo de novo a mão pela barba, olho no espelho a minha cara de trinta anos. «Não há de ser nada», digo alegremente, e me disponho sem queixa a fazer a barba no barbeiro e a ficar sem meu banho.

Desço para o café, na melhor das disposições, e abro a geladeira em busca de manteiga. Acontece que sou mineiro, modéstia à parte, e não dispenso a manteiga. Arranquem-me as liberdades públicas, mas não me deixem sem manteiga. Façam-me pular de pára-quedas, obriguem-me a votar com o govêrno, mas não me tirem a manteiga. Pois me tiraram a manteiga, eis o que há. Da cozinha, a empregada, num laconismo cruel e burocrático, pregou-me na consciência o cartaz amarelo de que fala o poeta: NÃO HÁ MANTEIGA. E nada mais disse, nem lhe foi perguntado.

● Após êsse rude golpe culinário, eis que o verso dantesco voeja em minha cabeça, com mais fôrça. Agora já não é um simples perfil de gaivota, na curva afastada do horizonte. Tomou asa e corpo, farfalha ruidoso e próximo, ameaçando subverter com sua presença o concêrto das coisas claras, dentro da manhã clara. Grande é, no entanto, o poder da natureza madura. O azul macio do céu, contra o qual se arremessa um ramo verde de árvore, o mar flexível e numeroso, os edifícios banhados de sol, tudo isto nos abre pela frente a cálida perspectiva da esperança. «Não há manteiga, mas não há de ser nada», digo de mim para mim, enquanto faço sinal ao lotação que me conduzirá ao trabalho.

E vou para o trabalho, dentro do lotação que atravessa a manhã como se varasse um túnel compacto de luz. Os pneus aderem ao asfalto, cantando a sua veloz canção. Entra vento pelas janelas do carro, um vento ruivo que acaricia os cabelos da minha vizinha de banco, enquanto os objetos vão ficando para trás, na corrida frenética. De repente, ruído de ferros se enfrentando, freios bruscos acionados com violência, gritos de susto e uma pancada na cabeça: «mas como dói!»

Meio tonto, no centro da rua, a cabeça obtusa, chego à conclusão de que é áspera e agressiva a conjuntura do mundo. O verso dantesco se afirma como uma imposição quase irresistível. Entrego-me, por alguns momentos, à suprema amargura de estar vivo. Mas eis que a beleza da manhã começa de novo a me envolver. Sim, a manhã. A luz alta e nítida. O céu macio, o sol...

— É preciso não esquecer — diz uma voz grave e próxima — que o plano Aranha e a carestia da vida...

Dois sujeitos passam por mim, conversando. O trecho de conversa me atinge como outra pancada na cabeça. Dissolvem-se, em definitivo, as favorabilidades da paisagem. E o verso dantesco planta a sua bandeira negra no meu crânio.





— Que acha das contas do sr. Oswaldo Aranha?

[illegible]

Afirma o matemático Cecil Thiré:

NEM SEMPRE DOIS MAIS DOIS SÃO QUATRO

O conhecido professor do Colégio Pedro II acha que «é um desrespeito pedir a explicação da Teoria da Relatividade em quatro linhas» e declara que «para acompanhar a alta de preços no Brasil será preciso inventar uma outra matemática: a estrastoférica».

Texto de MARITA LIMA — Fotos de ALBERTO FERREIRA

HÁ trinta e sete anos o Professor Cecil Thiré exerce o magistério, lecionando Matemática. Há trinta e seis anos dá aulas no Colégio Pedro II. Calcula que já tenha tido para mais de seis mil alunos, e que já tenha examinado coisa de dez mil estudantes. Escreveu cêrca de vinte e cinco livros.

Mas, agora, chegou a sua vez de responder a perguntas. Nossa reportagem submeteu também o matemático Thiré a uma entrevista "Ping-Pong", obtendo as seguintes respostas:

P — O professor pode explicar, em quatro linhas, a Teoria da Relatividade?

R — É uma teoria da Física que trata do tempo e do espaço como grandezas que não podem ser consideradas isoladamente. Conceder apenas quatro linhas para explicar a Teoria da Relatividade é um verdadeiro desrespeito a ela.

P — Qual a conta mais difícil que já fêz?

R — Foi por volta de 1919. Tratava-se de uma conta de somar os meus magros contos de réis, para comprar uma casa.

P — É verdade que os números não mentem, jamais?

R — Não, não mentem. São absolutamente verdadeiros.

P — E como explica o número do seu carro na caderneta dos guardas de trânsito? Também aí os números são verdadeiros?

R — Não explico, pago as multas.

P — Que acha das contas de Osvaldo Aranha?

R — Em primeiro lugar, êle não foi meu aluno. Depois, não sou financista para me meter em teias de "aranha".

P — É verdade que 2 mais 2 são 4?

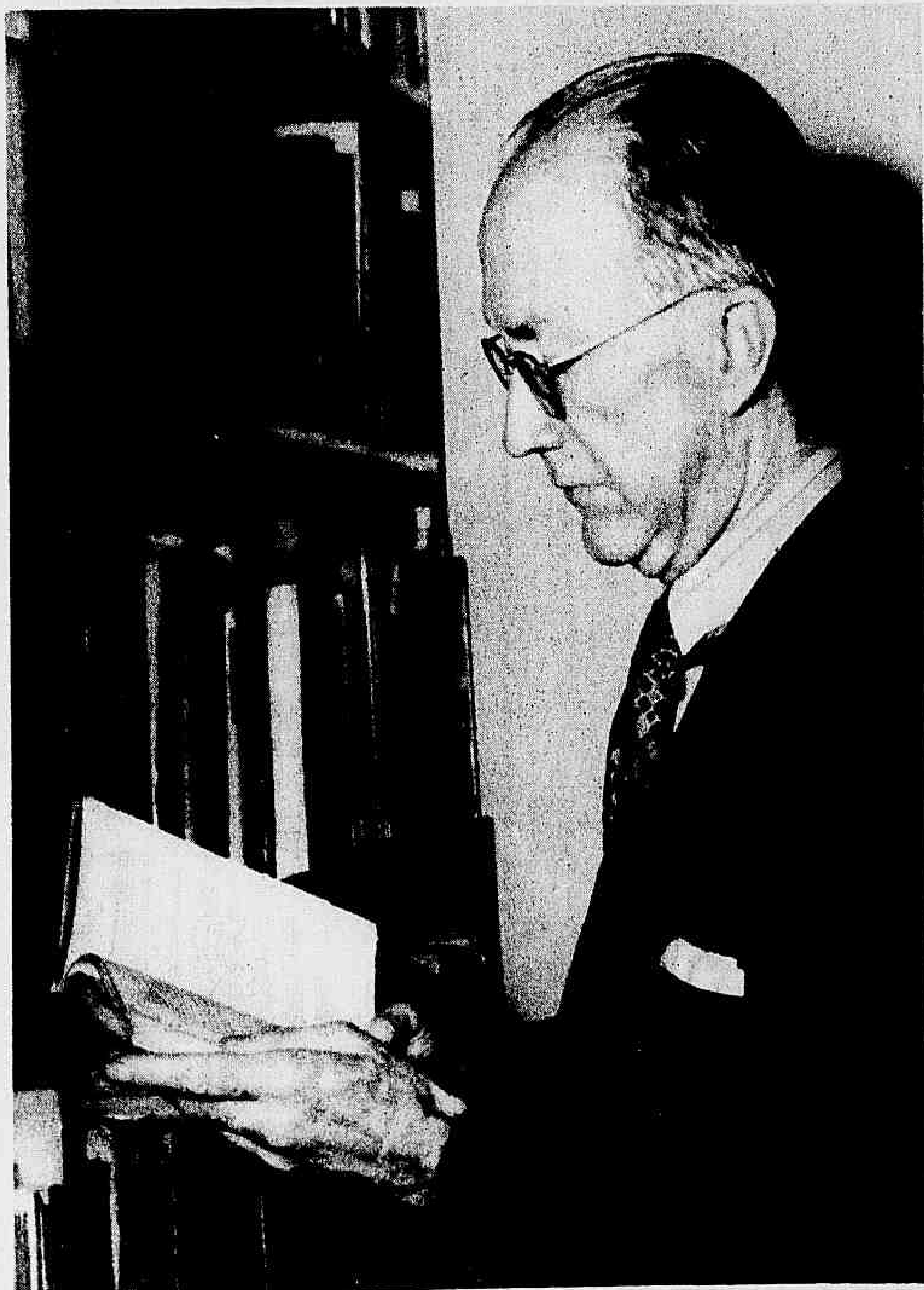
R — Depende. Pelo sistema decimal, 2 mais 2 são 4, mas pelo sistema de base 3 ou de base 4, está errado. Aí, a resposta certa será 10, no primeiro caso e 11 no segundo.

P — Há problemas matemáticos insolúveis?

R — Há. A quadratura do círculo, por exemplo.

P — O senhor sabe que Luz del Fuego escreveu no seu livro que sempre dispende as suas horas de lazer passeando pelos seus jardins e meditando na quadratura do círculo?

R — É interessante. Será que ela pretende obter a quadratura de suas formas anatômicas? Belas, aliás!



— Um bom matemático tem sempre um bom orçamento?
— Ninguém tem um bom orçamento, atualmente, porque ainda estamos esperando a carne a 6 cruzeiros o quilo...

P — Um bom matemático tem sempre um bom orçamento?

R — Ninguém tem um bom orçamento, atualmente, porque ainda estamos esperando a carne a Cr$ 6,00 o quilo.

P — Para acompanhar a alta de preços no Brasil é preciso matemática secundária ou superior?

R — Será preciso inventar uma outra matemática: a estratosférica.

P — Qual o número mais simpático?

R — 3.

P — Por quê?

R — Porque é data do meu nascimento.

P — O Brasil seria melhor se todos os brasileiros soubessem aritmética?

R — É difícil de responder. Acho que não.

P — Que acha da taboada?

R — É a dor de cabeça de muita gente.

P — Qual o maior disparate que escutou de um aluno?

R — São tantos que é difícil dizer o maior, mas posso citar dois exemplos: "uma vertical é uma linha que tem vértice"; "superfície de uma esfera é a pele da esfera".

P — Qual a superfície do Brasil, em centímetros?

R — 8.516.037.0000000000cm2

P — E em milímetros?

R — 8.516.037.000000000000mm2

P — Falta de conhecimentos aritméticos é indício de mau caráter?

R — Não. Creio que as duas coisas são absolutamente independentes, uma da outra.

P — O que é mais aconselhavel a um estadista: saber aritmética ou falar inglês?

R — Falar inglês.

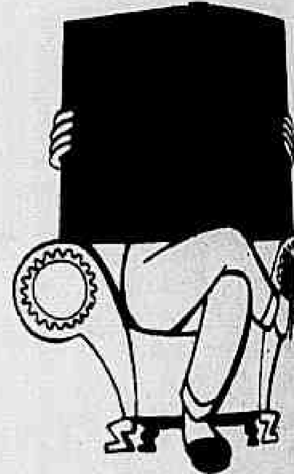
P — Vê, realmente, alguma semelhança entre o número 21 e o touro?

R — Não vejo nenhuma relação, porque não sou conhecedor do jôgo do bicho.

ESPELHO DE ESCRITORES

CARLOS CASTELO BRANCO

JORNALISTA, contista, poeta para uso interno, nasceu o autor de «Continhos Brasileiros» em Teresina, Piauí, a 25 de junho de 1920. Numa crônica deliciosa, publicada no «Jornal de Letras», Carlos Castelo Branco reconstitui sua visão infantil da cidade natal, «uma vila tranqüila, com casinhas modestas plantadas à margem das ruas, sôbre cujo leito arenoso crescia o capim de burro». Depois, veio a revolução de trinta, e o menino curioso tomou contato com os grandes problemas cívicos através do tiroteio e da arruaça de rua, seguidos de obscuras e misteriosas mudanças de govêrno. Talvez lhe venha daí o horror à violência, e um jeito cético de encarar as mudanças políticas que possam ocorrer em nossa estremecida pátria. Após as doenças comuns da infância (sarampo, coqueluche, catapora), emigrou o escritor para o sul do país, em busca do progresso. Por uma fatalidade de temperamento, estagiou durante oito anos em Minas Gerais, onde se tornou jornalista completo e professor de melancolia. De fato, grande foi a tristeza que absorveu no contato com a paisagem mineral das Alterosas, e grande foi a solidão que acumulou ao descer, de madrugada, a rua da Bahia, após o trabalho, durante anos a fio. Nada disto o impediu, entretanto, de tentar uma cura de alma num lugar menos sombrio e mais cosmopolita. Veio para o Rio de Janeiro, como secretário do «O Jornal». Daí para cá, ocupou todos os cargos possíveis em quase todos os órgãos da imprensa carioca. É grande jornalista, redige bem como o diabo, entende de cozinha de jornal, é esperto e malicioso como pouca gente. No Rio, ganhou alguns quilos de pêso e muita notoriedade, casou-se excelentemente e ainda hoje procura enxugar algum resto de tristura mineira que por acaso lhe tenha ficado nas dobras mais secretas do espírito. Publicou apenas um livro, e bem fino, mas estas poucas páginas, limpas e magnìficamente bem escritas, o credenciam como um de nossos melhores contistas. Lúcido, mordaz, quase impiedoso na superfície, esconde em verdade um coração de passarinho, e seu convívio é dos mais agradáveis e fecundos. Quanto ao mais, considera Machado de Assis e Mário de Andrade os dois escritores mais importantes da literatura brasileira. Afirma que em sua vida não há acontecimentos relevantes, uma vez que não dá a menor importância aos acontecimentos. Jamais praticou esporte, a não ser futebol de meia. Faz jornalismo por necessidade e não o considera como sua verdadeira vocação. O momento mais difícil de sua carreira profissional: quando secretariou a revista «Voga», de Millor Fernandes. É tido e havido como o colunista mais maledicente da República, mas vê nisso uma grossa incompreensão: «sou apenas repórter», diz êle com um jeito cândido. Coisas que lhe dão real prazer: a casa, a conversa e o livro. Considera que o teatro brasileiro começou com Nelson Rodrigues. O livro que lhe despertou mais emoção foi «Metamorfose» de Kafka. Poetas brasileiros de sua preferência: Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira e Tiago de Melo. Como não sabe inglês, considera Proust, Sthendal e Balzac os maiores romancistas do mundo. Não consegue ler Tolstoi além da página cinqüenta, e gosta de «A Morte de Ivan Ilitch» por não ter a novela êsse número de páginas. Seu candidato à presidência da República, no próximo pleito: Prudente de Morais Neto. Livros que espera jamais ler: «Guerra e Paz», «Servidão Humana», «Sparkenbroke», «A Montanha Mágica» e «Território Humano». Goza de perfeita saúde e não acredita na morte. Sôbre a chamada «geração de 45», declara apenas que não mora em S. Paulo. Coisas que realmente o entristecem, quando se lembra: rua da Bahia, em Belo Horizonte; uma conversa noturna com Murilo Rubião, em 1948; uma rua de Belém do Pará, cujo nome ignora, atrás do Hotel Central. — H. P.

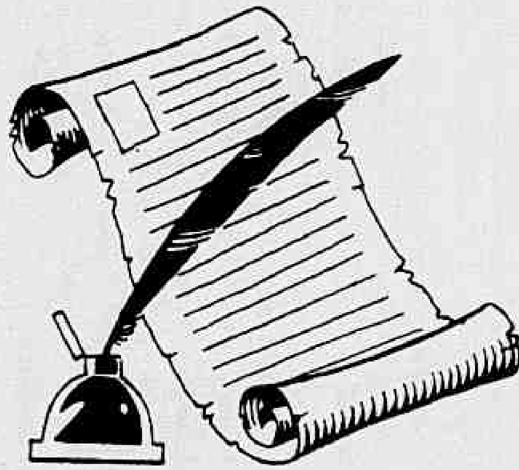




O «Cristóvão Colombo», de Paul Claudel, era uma ópera, cuja partitura musical foi escrita por Darius Milhaud (secretário do poeta quando êste foi ministro plenipotenciário da França no Rio). Paul Claudel, agora na idade de oitenta e cinco anos, retomou a peça e a reescreveu para o teatro: Jean-Louis Barrault e Madeleine Renaud a montaram no teatro Marigny.

Na foto, Claudel medita diante de seu futuro túmulo, ao lado da sepultura de seu neto, morto em 1938, com dois anos de idade.

UM POEMA POR SEMANA



Congresso Internacional de Poesia

Provisòriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais em baixo dos subterrâneos.
Cantaremos o mêdo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque êste não existe,
existe apenas o mêdo, nosso pai e nosso companheiro,
o mêdo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o mêdo dos soldados, o mêdo das mães, o mêdo das igrejas,
cantaremos o mêdo dos ditadores, o mêdo dos democratas,
cantaremos o mêdo da morte e o mêdo de depois da morte,
depois morreremos de mêdo
e sôbre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE («Sentimento do Mundo»)

Fatos — Fitas — Fotos

● Na Biblioteca Pública de Belém do Pará, durante vinte e cinco anos, «Les Fleurs du Mal», de Charles Baudelaire, estêve catalogado como livro de botânica, até que o jovem escritor Oliveira Bastos, tendo dado pela coisa, promoveu a inclusão do volume na estante de poesia.



CIRO DOS ANJOS

● O poeta Emílio Moura, tendo entrado numa livraria de Belo Horizonte com um livro debaixo do braço, ainda por abrir, acabou por deixá-lo numa das mesas de mostruário, com mêdo que o tomassem como ladrão de livro.

● Um psicanalista, amigo do autor do «Canto da Hora Amarga», interpretando êsse gesto, considerou-o como um desejo inconsciente do poeta de furtar livros. Emílio Moura ficou indignado e o psicanalista, em virtude dessa reação emocional, não teve nenhuma dúvida sôbre o acêrto de sua interpretação.

● Ciro dos Anjos, mineiro cauto e previdente, ao ser convidado para lecionar assuntos brasileiros na Universidade do México, consultou vinte pessoas sôbre a conveniência da viajem. Dezessete lhe responderam pela afirmativa, mas o autor do «Amanuense Belmiro», num respeito exemplar pela minoria, adiou de três semanas o seu embarque.

● O poeta Murilo Mendes acha que a coisa mais bem repartida no mundo é a burrice. Acha também que a indigestão produz mais vítimas do que a aviação e considera que o suicídio de um poeta só poderá ser um ato de bovarismo teológico.

● Poema de Jorge de Lima, escrito aos nove anos de idade:

«Tenho pena dos pobres, dos aleijados, dos velhos,
Tenho pena do louco Neco Vicente
E da Lua sòzinha no céu.»

● GRAHAM GREEN NO CINEMA. «The Man Between: Argumento: Graham Green; direção: Carol Reed; intérpretes: James Mason, Claire Bloom e Hildegarde Neff. Foto: os dois principais em um intervalo. ▶



Cineac literário

A presença de Jorge de Lima dá o tom aos suplementos literários das últimas semanas. Sôbre o grande poeta morto já escreveram, entre outros, Tristão de Ataíde, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Luís Santa Cruz, Antônio Olinto, Eneida, Osório Nunes, Gilberto Freire, Quirino Campofiorito, Valtensir Dutra, Valdemar Cavalcânti, José Escobar Faria, Atílio Milano e Oto Maria Carpeaux. Os poetas Paulo Armando e José de Carvalho, por sua vez, vão promover uma série de conferências públicas sôbre a personalidade do criador de «Invenção de Orfeu».

★

Foram finalmente abertos os envelopes de identificação dos vencedores dos concursos de peças de teatro, roteiro cinematográfico e monografia sôbre o desenvolvimento econômico de S. Paulo, promovidos pela Comissão do IV Centenário. O prêmio teatral, no valor de Cr$ 60.000,00, foi concedido ao sr. Edgar da Rocha Miranda, classificado em segundo lugar com sua peça «E o Noroeste Soprou», já que não foi distribuído o primeiro prêmio. Obtiveram menções honrosas os trabalhos: «O faqueiro de prata», de Aluísio Jorge Andrade Franco; «Eduardo», de Augusto Pinto Boal e «A fronteira d'El Rey», de Alceu Marinho Rêgo. O prêmio de roteiro cinematográfico foi conferido ao sr. Válter Jorge Duerst, com o roteiro «Quase a guerra de Tróia». Não foi concedido o prêmio no concurso de monografias sôbre o desenvolvimento de S. Paulo. A Comissão Julgadora recomenda, no entanto, à publicação, o livro «Café e Negro», da autoria de Ernâni da Silva Bruno.



O sr. Raimundo de Souza Dantas, no segundo artigo de uma série, publicada com o título de «Psicologia do Enfêrmo», faz as seguintes considerações, muito originais: «23, junho — Amanhã, domingo, estou comprometido com Neusa e os irmãos a ir a um passeio no interior. Que farei? Sinto-me exausto. — 24, junho — Não irei ao piquenique. A manhã está úmida e eu não me sinto bem. Preferível ficar repousado, ler um livro. — 16, junho — Até aqui o meu viver não passou de um desordenado suceder de dias e acontecimentos. Nunca acreditei na disciplina. Havia ocasiões, porém, em que me ocorriam certas vacilações, as quais me deixavam numa tensão de espírito que, num ligeirismo característico, logo denominava de insatisfação».

★

O Clube de Poesia de S. Paulo acaba de lançar uma «Antologia Brasileira de Poesia Moderna». Para proceder ao lançamento, estiveram no Rio os poetas Domingos Carvalho da Silva, Carlos Burlamaqui Kopke e Antônio Rangel Bandeira, todos próceres da «geração de 45».

★

O deputado e escritor Rui Santos, autor do romance «Água Barrenta», terá seu livro traduzido para o francês. O professor Jean Orecchioni, que fará a tradução, assim se expressou a respeito, em carta dirigida ao parlamentar brasileiro: «Entre as diversas obras que eu tive a oportunidade de ler nesses últimos tempos, considero o seu romance «Água Barrenta» como a mais importante. Parece-me êsse livro seu, pelo seu caráter regional, pelo seu conteúdo humano, pelas suas qualidades literárias enfim, uma das melhores expressões da literatura original do Brasil de hoje».

★

O plano Aranha continua a derramar suas bênçãos pela paisagem nacional, de norte a sul. Os livros importados, por exemplo, em virtude do fabuloso plano, sofreram um acréscimo de 30 por cento em seu preço. O que, evidentemente, não quer dizer nada.

★

Com apenas trinta e nove anos, faleceu em New York o poeta inglês Dylan Thomas, considerado como um dos expoentes máximos da moderna literatura inglêsa. Seus livros mais importantes são «The Map of Love» e «In Country Sleep», ambos de poesia.

★

O grande dramaturgo Eugene O'Neill, numa crise de pessimismo, destruiu seu mais recente plano teatral, que incluía doze peças sôbre a vida e a cultura do povo americano.

★

Stéphane Mallarmé continua preocupando os ensaístas de todo o mundo. Acabam de aparecer na França, a seu respeito, dois novos ensaios: um de Adyle Aida, sôbre a influência de Victor Hugo na poesia do criador de «L'Aprés-Midi dun Faune»; outro, de Charles Chassé, sôbre a esterilidade e a virgindade de Mallarmé.



★

O último romance de Cronin, «Beyond this Place», que vem obtendo grande êxito nos EE. UU., constitui uma crítica ao sistema penal inglês, e conta a história de um jovem idealista que vem a ser condenado por um crime não cometido.



— Faça o favor de despir-se, eu lhe mostrarei a pequena diferença . . .



SEM PALAVRAS



— Eu não posso, naturalmente, garantir que êste perfume aja apenas em relação a oficiais.



— É carta aérea?

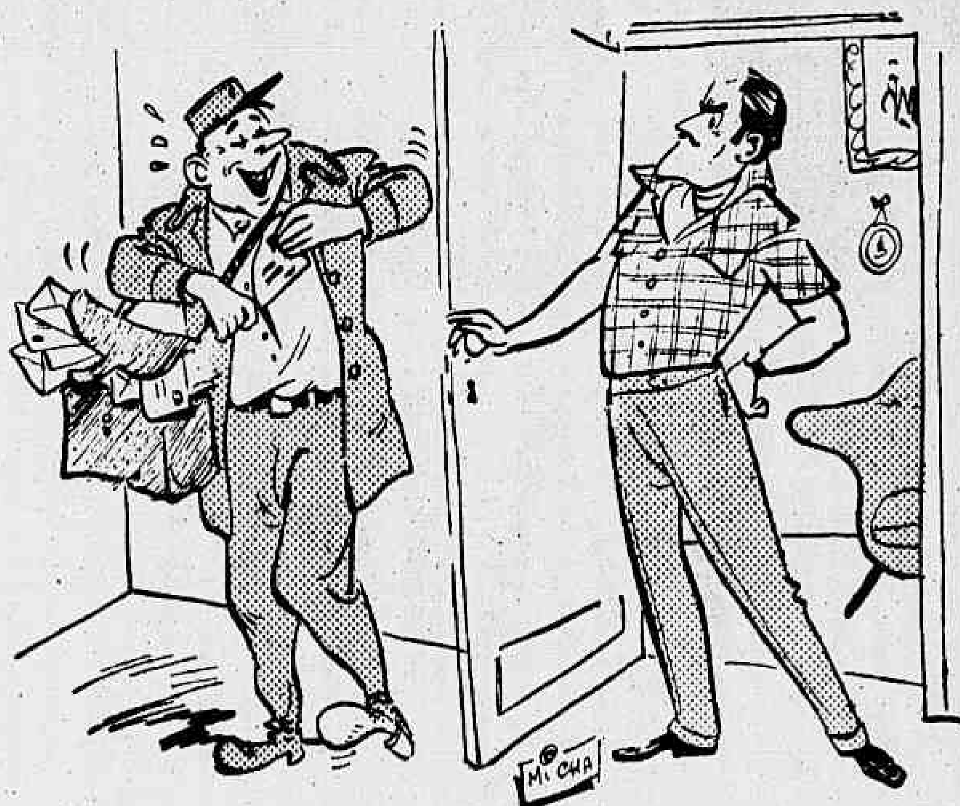
O RISO DOS OUTROS



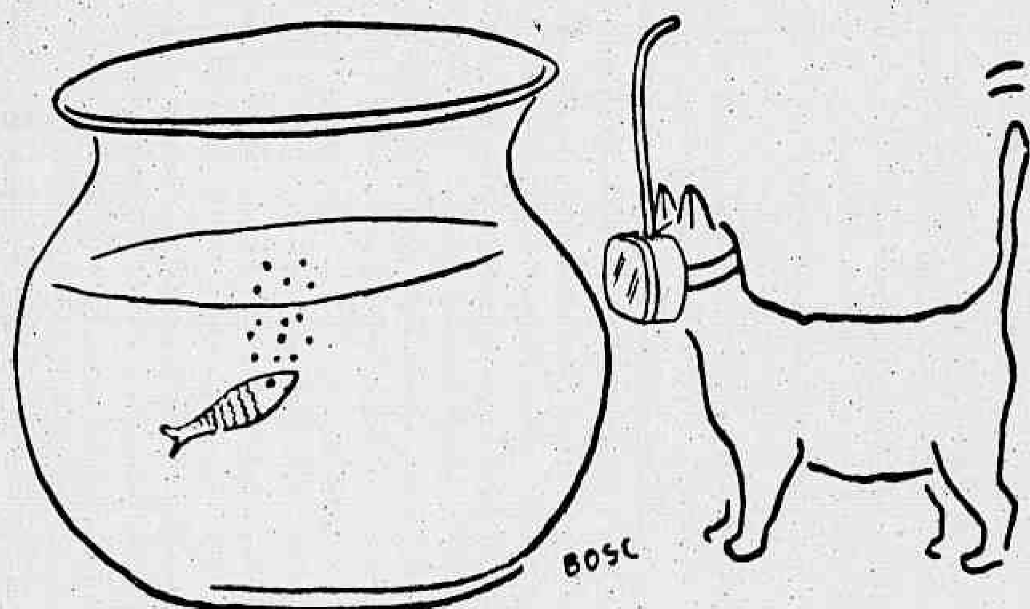
— Vou aumentar um pouco o rádio e logo estarei a seu dispor.



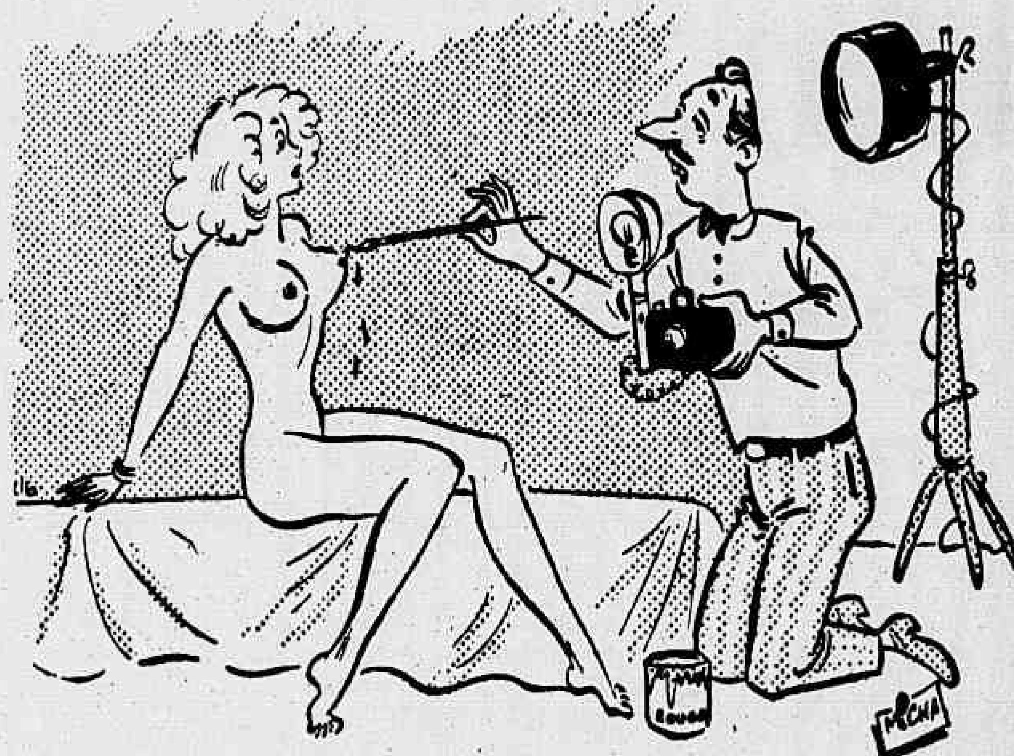
— Garanto-lhe que a minha panela-automática é muito mais eficiente.



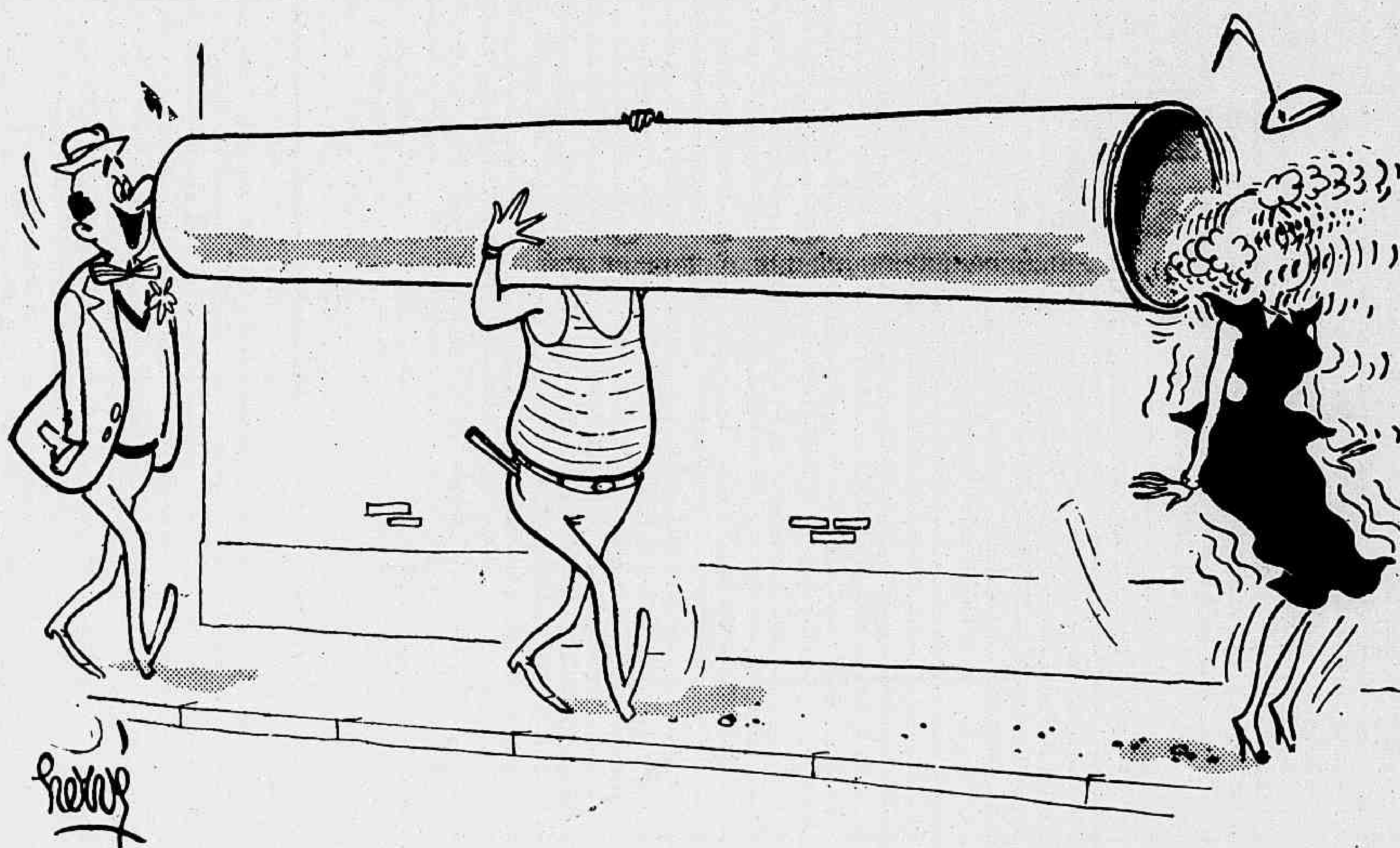
— Desculpe-me, mas as cartas para o senhor são tão perfumadas que não resisto à tentação de guardá-las debaixo da camisa . . .



SEM PALAVRAS



— Não leve a mal . . . Trata-se de uma foto colorida . . .



— ALÔ, BONECA! . . .

9 PEQUENAS PARA um RAPAZ

QUANTO às outras pediram a minha presença porque não conseguiam distinguir sòzinhas as valises de cada uma. Eu não podia também me dividir em nove, nem servi-las tôdas a um tempo, mas elas se aglomeravam tôdas à minha volta como se meu nome estivesse no «carnet» de baile de tôdas e tôdas esperavam que as atendesse.

Fiquei vermelho de raiva, minhas mãos tremiam de cólera incontida, mas tôdas acharam que aquilo era um sintoma de insolação e prestimosas me aconselharam compressas geladas.

As nove pequenas, conduzidas por Léna, entraram na Casa de Estudantes. Eu as seguia pràticamente derretido de suor. Cinqüenta pares de olhos me fitaram quando passei pois lá só havia rapazes, e eu trazendo nove pequenas!

— E agora (anunciou Léna com voz de diretora de pensionato), vocês vão poder tomar uma boa ducha.

— Uma boa ducha? (perguntei como um sonho). Onde há disso? E me precipitei afobado pela primeira porta, mas Léna com muita superioridade e muito chocada, me olhou sem indulgência e disse:

— Os rapazes terão de... digo «o» rapaz terá de esperar que as moças tomem primeiro suas duchas.

Baixei a cabeça submisso como um aluno que foi repreendido e fui me reunir à bagagem.

Então as pequenas cantando alegremente começaram a reunir material para o banho. E moviam-se com uma calma de quem tem todo o tempo à sua frente, despreocupadas, e foi um tal de trocas amistosas de sabonetes e empréstimos de toalhas de banho, muito divertido.

E eu encostado na parede como um velho saco de viagem aposentado. Calculei ingênuamente que cada uma levaria um quarto de hora para tomar banho. Calculei direitinho mas não contei com os contratempos; hora era Danise que voltava para buscar o pente, depois Catherine que esquecera a saboneteira e ao encontrá-la verificava que não sabia onde estava o sabonete. Passaram-se uns quinze minutos e as meninas ainda não tinham começado os banhos, nas cabines. Cabeça nas mãos eu aguardava numa atitude de Pensador de Rodin, embora um pouco mais triste.

Aos poucos foi me dando uma vontadezinha de dormir... Durante uns três quartos de hora coxilei e ali depois dêsse curto espaço de tempo eis que reaparecem as meninas perfumadas, alegres e repousadas.

— Já é tempo de comermos alguma coisa (diz uma, animada).

— E o pobre do Michel que ainda não tomou banho, é melhor deixar que êle tome ao menos uma ducha! (Diz outra em tom de comiseração que me irrita — o tom da patroa que diz à camareira piedosamente que vai chegar tarde mas que ela pode ir dormir e que pensa consigo mesma que no fim as camareiras também são humanas).

Eu não precisava da piedade de ninguém, um banho naquele momento era para mim um direito indiscutível e imprescindível que talvez até figurasse na Declaração dos Direitos do Homem. E ergui a cabeça com altivez; havia algo de severo no meu olhar.

Passei por Catherine e Andrea que estavam esfusiantes como duas cascatas romanas.

— Ninguém mais deseja um banho? Posso enfim penetrar no sagrado recanto?

— Não, ninguém mais. Agora, eu duvido que você consiga tomar uma ducha.

Senti meu sangue parar nas veias, e perguntei altivo:

— E por quê?

Entrei então na cabine. Com certeza tinham acabado com a água (pensei), água ali já era coisa rara como haviam dito os franceses que encontramos em Poggioreale...

Mas uma quantidade de água escura começa a escorrer pela porta entreaberta cobrindo meus pés completamente, fecho a porta depressa e lanço um olhar à minha volta por aquêle recanto tranqüilo. Depois andando nas pontas dos pés dirijo-me para a sala; é incrível, mas nunca vi maior inundação. Chego à conclusão de que tôda a quantidade dágua reservada ao consumo de tôda Rijeka por um período de dois meses está empoçada ali. As paredes estão escuras de humidade e tenho a impressão de que não há uma polegada sequer de sêco em tôda a sala e eu não sei na verdade onde vou colocar minha roupa limpa.

Nisto um pé de chinelo me escapa da mão e mergulha e na luta desesperada que faço para apanhá-lo minha camisa limpinha cai também com um ruído surdo que me apunhala o coração. Esquecendo o chinelo contemplo desanimado a camisa que flutua nas águas mansamente. Com desgôsto lembro-me que aquela é uma das três camisas que eu trouxe e com as quais conto-me arrumar o tempo todo. Giro a bica na esperança de que um jato de água benfazeja me acalmará. Eu não sou um homem exigente e não esperaria um banho morno em pleno agôsto. Creio mesmo numa certa predileção pelas duchas frias mas o jato que recebi de repente me fêz dar um berro de dor. Foi gelado, violento, parecendo vir não sei de que canto da terra. Mergulhar bem no meio do Oceano Ártico não deve ser tão penoso como aquela ducha. Todo mundo sabe que no outono para conseguir uma temperatura agradável basta deixar correr um bocado a torneira até que se escoe a água que ficara estagnada nos canos e então virá uma onda deliciosa lá dos mananciais.

Eu poderia perdoar a inundação promovida por aquelas inoventes e inexperientes meninas, mas nunca perdoaria, em verdade, aquela água que tendia progressivamente a 0º ou menos à medida que eu me banhava. Estava vendo a hora em que meus braços se cobririam de gêlo e então senti pelas mulheres um ódio digno de um jovem pastor puritano.

Cinco minutos mais tarde eu me apresentava pràticamente congelado perante minhas nove meninas sempre sorridentes.

Observei-lhes as fisionomias e nenhuma teve a coragem de dizer que o tempo de minha ausência fôra longo demais.

— Muito bem, meninas, agora espero que possamos ir comer qualquer coisinha...

— Houve modificação no programa (anuncia Léna com sua voz enérgica), vamos nadar um pouco.

Nadar?! Mas eu morro de fome!

E podia acrescentar ainda que nem estava bem sêco do banho que acabara de tomar.

— Vamos nadar um pouco (repetiu Léna com um sorriso encantador que não admitia dúvidas nem discussões).

E eu me curvo cortezmente.

E de olhos arregalados observamos a multidão iugoslava. E' uma multidão de pessoas em férias, homens de camisas esportivas, outros de troncos bronzeados e calções curtíssimos. Nada disso corresponde à imagem da gente socialista da imensa Rússia que amàvelmente nos querem inculcar. Há carrinhos de sorveteiros em quase tôdas as esquinas.

Paro diante de um magnífico arranha-céu enfeitado por enorme estrêla encarnada. Êste vale uma fotografia.

Imediatamente pego a minha câmara fotográfica enquanto seguro debaixo dos braços os diversos utensílios que tenho de carregar. A saber: meu calção de banho (não o esqueci) um caderninho de notas, uma célula foto-elétrica, lenços coloridos e duas bôlsas de praia das meninas e outras bobagens. E então procuro e acho o ângulo ideal. Mas três iugoslavas, que não trazem sequer o tradicional fichu, escolhem justamente aquêle ângulo para discutir um assunto qualquer. E elas cobrem os quatro quintos do imóvel que quero retratar e que agora espia tìmidamente por trás de suas silhuetas. E eu me desloco pra cá e pra lá no intuito de não focalizar as três iugoslavas, mas estas também se deslocam, talvez por simpatia, não sei. E depois de uma verdadeira partida de es-

RÉSUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e seus apuros começam com os palpites que lhe dão. No dia da partida o viajante corre para a estação onde o «organizador» da viagem revela que êle é o único rapaz do grupo e lhe confia tôda a responsabilidade. Michel confere os passaportes das moças que partem com êle pois outras embarcam nas estações seguintes. Cruzam a fronteira e êle inicia uma carta para casa mas não conta que seus companheiros são: Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette... Quando chegam a Milão o expresso que deveriam tomar está saindo e não o pegam. Michel corre ao guichê de informações, é preciso avisar o guia que os espera em Rijeka. Embarcam em outro trem e viajam de pé. Chegam a Trieste e conseguem telefonar para Françoise que em Poggioreale se reúne ao grupo. No caminho cruzam com turistas que voltam da Iugoslávia e cujo aspecto desanima. Tomam outro trem até Sezana onde Michel luta por um lugar na fila para comprar passagens para Rijeka. Novo embarque e daí por diante Michel aflito indaga os nomes das estações. Chegam ao ponto e temendo a curta permanência do trem, aí fazem um desembarque precipitado que diverte a todos pois a parada aí dura horas. Nova corrida para pegar outro trem, lotado, viajam todos de pé, espremidos, comentando em voz alta os outros passageiros que, por azar, entendem tudo o que êles dizem, ou traduzem para os que não sabem. E assim embaraçados, com todos no vagão falando francês, chegam a Rijeka!

conde-esconde e de passes sensacionais que seriam apreciados num jôgo de «rugby», e depois de uns saltos a fim de evitar um ciclista displicente que passa logo no ponto onde me coloco para tirar a tal chapa, consigo um retrato, embora sem poder evitar duas sombras iguais que se projetaram bem na frente, enfim...

Enquanto isto as minhas meninas, distantes uns dez metros, voltam-se para mim e batendo os pés nervosas e impacientes, embora com ritmo magnífico e preciso de quem segue o compasso de um «swing», e perguntam:

— Quantas chapas você tem, Michel? (E' Andrea que fala).

— Devo ter umas 360 à minha disposição...

— E quanto tempo você pretende levar para tirar cada uma? Será que vai levar outro tanto como desta vez?

— Oh! Isto não é nada, é assim como um foto para reportagem, mas quando chegarmos a... ei! Meu Deus... o filtro amarelo!

— Que filtro amarelo?

— Calculei tudo para o filtro amarelo e tirei o retrato com filtro de outra côr... não vai sair! Vou tirar outro! E me precipito outra vez para o meio da rua quando sinto a mão firme de alguém descer sôbre o meu ombro. Volto-me e... surprêsa:

— Devemos ir andando (diz Léna sorridente), senão a piscina será fechada.

— Só dois minutinhos... (imploro).

— Já é muito tarde (responde ela com voz sepulcral).

E ela me arrasta sem que eu possa tirar minha fotografia. Sinto ódio no coração. Não me deixam sequer tirar uma fotografiazinha. Sinto-me acorrentado, como os presos das galés, nesta viagem organizada...

★

Na praia o espetáculo é maravilhoso. Uma curva grande da praia é cercada por uma grade e ali fervilham as ondas agitadas por corpos bronzeados. O mar de um azul puríssimo, é uma grande banheira azul, com as ilhas de sonho lá longe cavalgando para o infinito...

Pela primeira vez então temos consciência de que aquêle cenário vale trinta e nove horas de viagem.

Léna aluga uma cabine coletiva.

— Tudo o que é coletivo (explica ela com a chava na mão) é sempre uma boa compra. Transportes, espetáculos, espórtes, vagas. E ela parece fazer a propaganda por uma marca de geladeira. Nós fazemos que sim com a cabeça loucos para entrar na água azul.

E reprisamos a cerimônia do banho de ducha, isto é, eu encostado na parede esperando enquanto as moças trocam os «maillots» e esquecem coisas e emprestam coisas.

— Esperem por mim (grito eu afobado quando chega a minha vez de ocupar a cabine para trocar de roupa). Um ninuto. E segundos depois saio pronto para a praia, mas a claridade é tanta que me ofusca a vista e eu atribuo a isso o fato de não ver uma só das minhas meninas esperando por mim. Mas qual nada! Elas nem esperaram por mim.

Finalmente avisto o grupinho lá longe perto da tal rêde que protege contra os tubarões. Elas formam um grupo bem unido, mas que nem dá pela minha falta. Eu sou o ser singular, destacado, deslocado, sou assim como a roda ímpar daquela carruagem dourada. Ninguém se dignou a me esperar. Ninguém me ama.

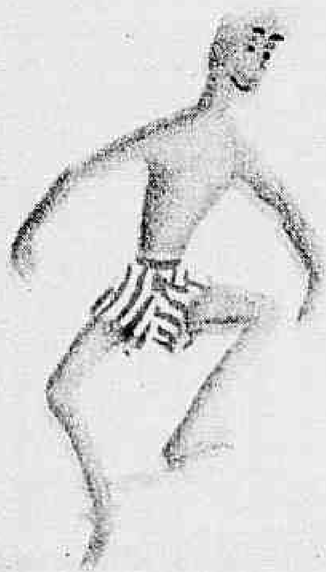
Mas... eis que elas me acenam lá das rêdes contradizendo os meus pensamentos negativos e pessimistas.

Aqui tenho de fazer um parêntesis um tanto penoso mas como estou decidido a não torcer a verdade, absolutamente, sinto-me na obrigação aqui de descrever tudo fielmente, sem o mínimo retoque e confesso, portanto, que sou mau nadador e tendo de escoltar dez excelentes «nageuses» capazes de, entre duas taças de chá, atravessar o canal da Mancha — ida e volta — estaria em apuros.

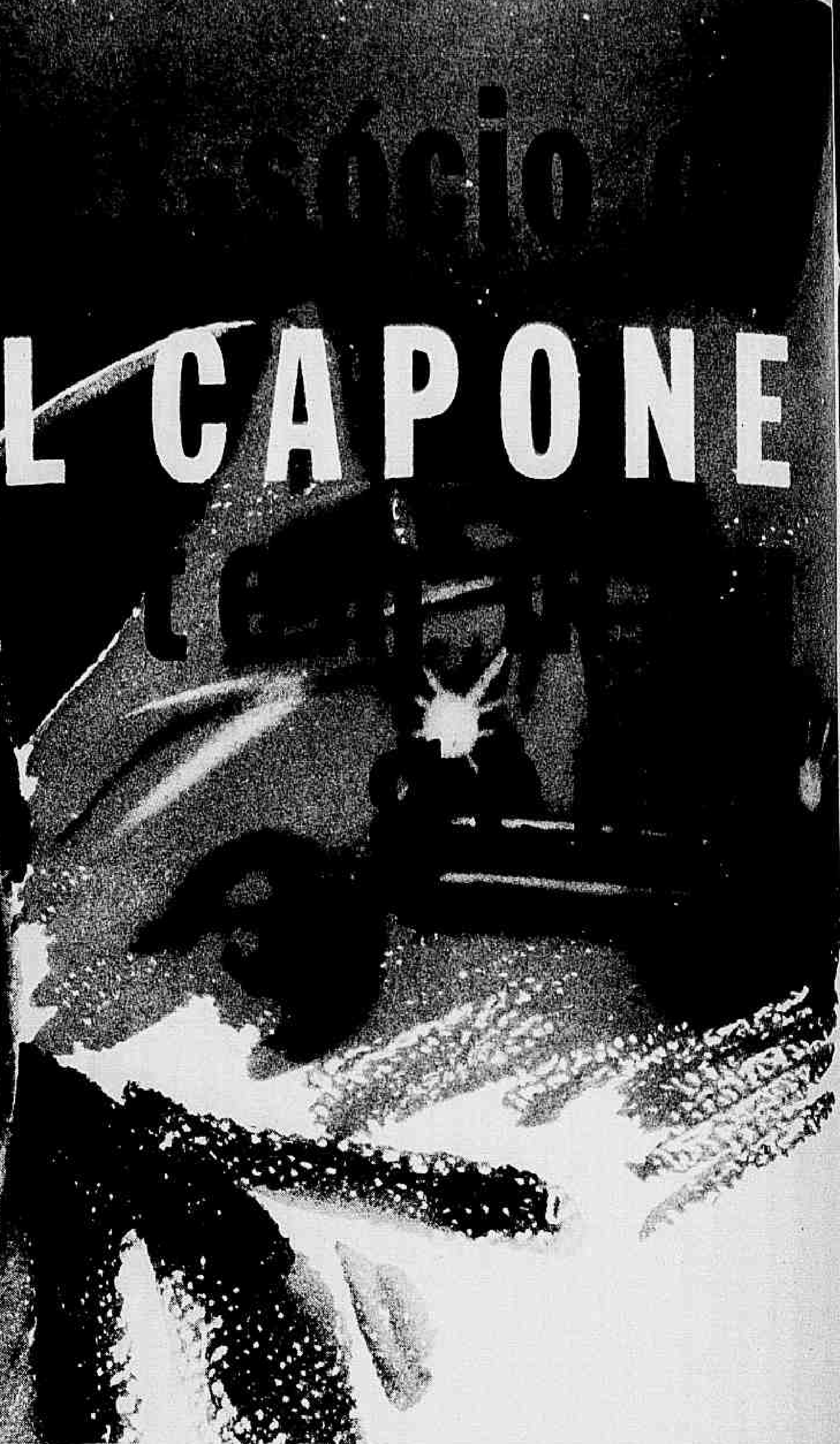
Pesa-me ainda na memória um banho de mar que tomei em Deauville, num certo 14 de julho, e com o qual inaugurei minhas férias. Desci do trem lá, às dez horas, às dez e quarenta e cinco chegava à praia em calção e às onze estava dentro da água nadando. Eu havia encontrado aí, nesta ocasião, um amigo que há muito não via e que, do ponto de vista de natação, eu não saberia como classificá-lo entre uma cobra piton ou um ferro de engomar! Nós demos um vigoroso apêrto de mão e entramos naquela água fria e agradável para umas deliciosas braçadas. Neste momento, um avião trazendo nas azas dizeres de propaganda de não sei que produto, em letras berrantes, (vejam o resultado de tal publicidade: até hoje ainda não sei qual era a produto) e só Deus sabe porque não me foi dado guardas de memória o que diziam as tais letras, mas o tal avião deixava cair de vez em quando uma quantidade de pára-quedazinhos coloridos, dos quais pendia um objeto de cortiça e que ficavam boiando, dançando ao sabor das ondas, atraíndo curiosidade. **(Continua no próximo número)**

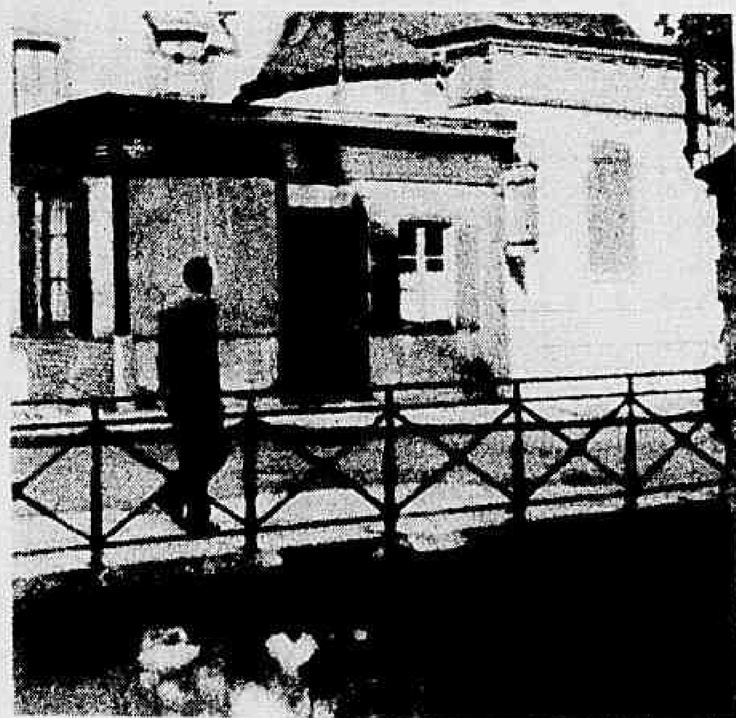
Romance de MICHEL DUCHEMIN **Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO**













Novarro vai à delegacia assinar papéis. Volta em direção aos seus aposentos; o repórter interroga-o. O aventureiro se enfesa, corre e apanha um





ESPAIRECE, AGORA, NUMA PEQUENA CIDADE SUÍÇA, MAS É OBRIGADO A ASSINAR, DIÀRIAMENTE, O PRONTUÁRIO POLICIAL ★ PERTO DE TRÊS MILHÕES DE DÓLARES NUM BANCO DE ZURICH E MAIS: FAZENDA DE CAFÉ NO BRASIL, MINA EM SAN DIEGO E UMA RÊDE DE CINEMAS EM MONTEVIDÉU ★ DE NATURAL CALMO E FRIO, FICA MALUCO QUANDO É ABORDADO POR UM REPÓRTER.

O homem está louco de raiva. Corre atrás do repórter, que escapa, por um triz.



QUANDO na redação de «L'Ilustrée», o conhecido semanário suíço, souberam que se achava em Montargis um dos mais famosos aventureiros do século, o último dos «bootlegers», o homem das numerosas identidades e que se apresentava como sendo Fernandez Novarro, talvez seu verdadeiro nome, um repórter se apressou a ir até lá. Seu objetivo era o de fotografá-lo e obter do mesmo o que de mais precioso houvesse de informações.

Todos sabem que a vida dêsse homem se mantém sob o mais denso mistério. Autoridades e polícia guardam o maior silêncio. Mas o jornalista descobriu onde estava o ardiloso Novarro: Montargis, Hotel de la Poste, quarto 43, com banheiro.

Em maio último Fernandez Novarro-Ciwolski chega à sua residência forçada vindo do Puy, onde também fôra obrigado a ficar depois de submeter-se a um julgamento judiciário. Agora chegava a Montargis e a cidade recebia com deferência êsse riquíssimo cliente. No dia seguinte ao de sua chegada, compareceu êle, às nove horas e quarenta e cinco minutos, ao Comissário de Polícia. Às doze e quarenta e cinco, em lugar de sentar-se à mesa no salão de jantar, viram novamente o homem tomar o caminho daquela repartição policial. Essas visitas se verificaram cotidianamente às 10, 13, 17 e 22 horas... O nababo de Montargis ia apenas assinar na Polícia o registro dos «interdictos da cidade».

Curiosa figura do contrabando internacional é êsse Fernandez Novarro. O «Interpool» e a «FBI» ficam perplexos diante da multiplicidade de origens dêsse ex-companheiro de Al Capone, ora passando como polonês, ora nascido na Espanha, na Rumânia ou na Rússia. Sòmente Deus deve saber, realmente, de que nacionalidade é êle. Entretanto, quando não quer complicar as coisas, Novarro declara sua verdadeira identidade: é espanhol, da cidade de Vigo, onde veio à luz da vida, faz cêrca de sessenta e dois anos. Mas ignora, exatamente a data do seu nascimento. Fala muitas línguas, umas mal, outras não muito melhor. Deixou a Europa há muitos anos, partindo para os Estados Unidos, onde se entregou a diversas atividades, terminando por encontrar emprêgo durante a «lei sêca». Misturou-se com os mais façanhudos elementos da traficância de bebidas alcoólicas proibidas por lei, chegando a ser o segundo elemento do bando de Al Capone.

Uma coisa é certa: a terrível lei do meio trabalhou a seu favor. Depois de vinte anos de ilegalidades, não houve quem o denunciasse. Era um homem respeitado. Rico, esperto, Novarro volta a pisar o solo da Europa. Comparecia a banquetes opulentos, vestido elegantemente, com impecável aprumo, freqüentando ainda tôdas as mesas de jôgo. Foi um dos companheiros do ex-rei Faruk, nas noitadas do pano verde.

HOTÉIS NO URUGUAI E FAZENDA DE CAFÉ NO BRASIL

A 27 de janeiro dêste ano, Novarro é detido na fronteira franco-suíça, em Moillesullaz, quando o malandro procurava transpô-la sob falsa identidade. Hoje curte dias de dissabores em Montargis. Pensará êle na sua mina de San Diego, nos seus cinemas de Montevidéu, em sua plantação de café do Brasil, em sua conta bancária de 2.400.000 dólares, localizada, parece, na Suíça, em sua pasta recheada de ações da «Royal Dutch»? Quando, recentemente, o repórter de «L'Illustrée» chegou ao seu hotel, foi diretamente ao espertalhão:

— Quero falar-lhe.

— Não, nada lhe direi, — foi dizendo. — A imprensa não tem sido boa para comigo. Só me tem feito mal. O que eu quero é ir-me embora, deixar a França...

— O senhor é espanhol?

— Sim...

— Volta de sua livre vontade à Espanha?

— Sim...

Seguir êsse homem de 62 anos, de extraordinária agilidade, é quase impossível. Mas o repórter insistiu na entrevista. Amoladíssimo com essa atitude, Novarro avançou para um canto do local onde se encontrava o jornalista, apanha um martelo que estava no chão, com a ira nos olhos fuzilantes. Volta-se rápido e investe ameaçador contra o repórter, que se aproveitou daqueles momentos culminantes, para fotografá-lo em tôdas as fases dêsse incidente.



martelo e investe como uma fera.. O repórter apanha neste momento os flagrantes da «fera».





Novarro quer, a todo custo, destruir a máquina. Vibra uma martelada... e perde!



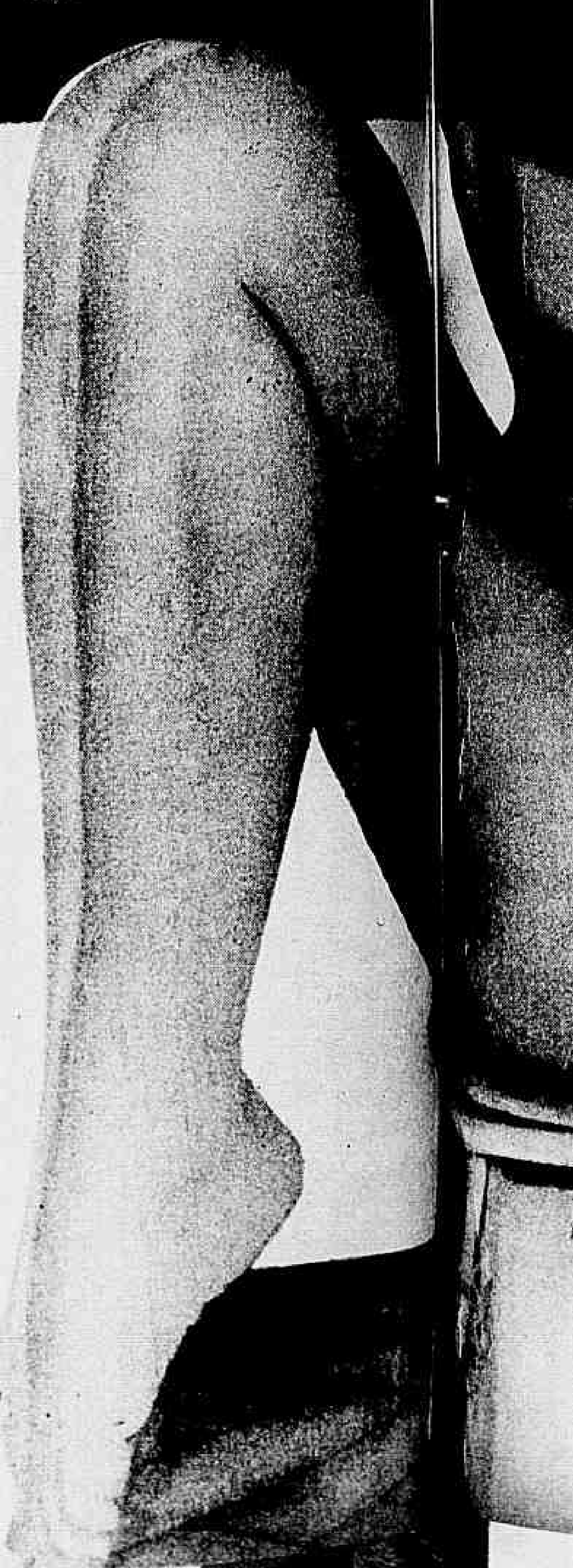
As italianas



CADA filme italiano que nos chega, traz-nos a revelação de novas «estrêlas» ou «starlets» de formosura estonteante. Algumas já são célebres, como Gina Lolobrigida, Carla del Poggio, Rossana Podestá, Silvana Pampanini ou Leonora Rossi Drago. Outras apenas começam a mostrar, nas telas do mundo inteiro, a magia dessa beleza latina impetuosa e sensual, queimada pelo sol mediterrâneo ou afagada pelas brisas amenas da Toscana de Dante e Leonardo.

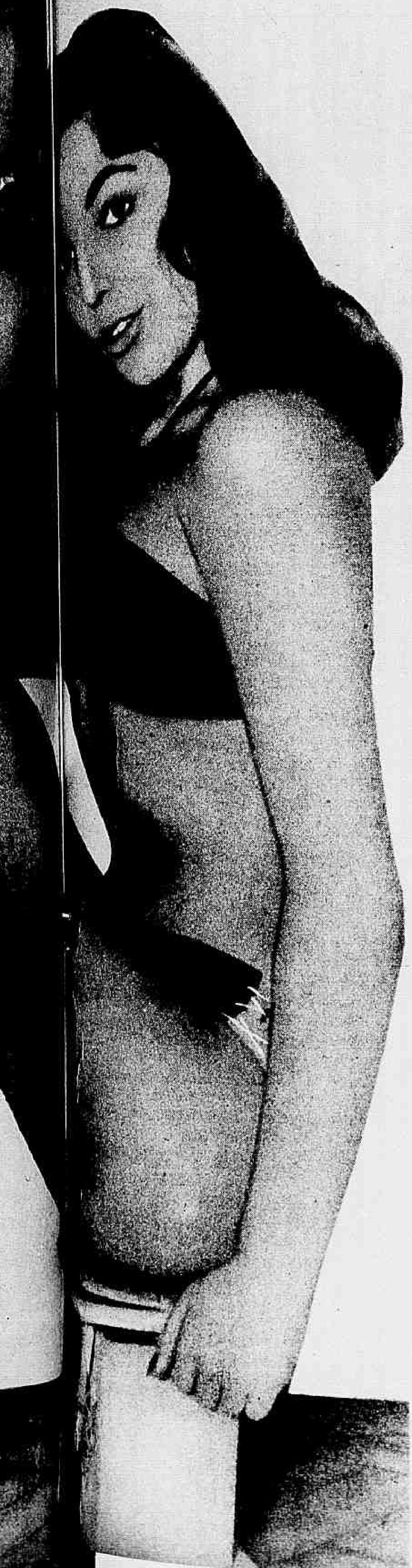
Resumimos, nesta página, como que uma antologia gráfica de algumas das mais formosas «estrêlas» do cinema italiano de hoje. Na foto acima, rodeando o cômico Totó, aparecem Primorosa Battistela, Isa Barzizza, Christiane Dury e Franca Faldini. Ao lado, à esquerda, uma pôse de Floria Lillo. A do centro da página é Gionna Cervi. E, nas fotos à esquerda, aparecem Luisa Rivelli (no alto) e Giovanna Pala (embaixo).

Pouco conhecidas ainda das telas brasileiras, as italianas da nova geração cinematográfica já começam a repetir, no seu país, o fulminante sucesso que marcou a estréia da Pampanini ou da Mangano.



As nov
cinema
fulmin
que fê
ou da
de fan

As novas «starlets» do cinema italiano repetem o fulminante sucesso que fêz da Pampanini ou da Lolobrigida belezas de fama internacional.







● A moda não apareceu êste ano, mas, êste verão parece que vai se generalizar. Já são muitas aquelas que confeccionaram seus próprios maiôs, em tecidos de diversas qualidades, e aguardam apenas que o verão se firme para exibi-los nas praias. Outras, estão à procura de uma vaguinha nas costureiras que se especializaram no gênero (pois também já existe esta especialização entre as profissionais da costura) para mandar fazer o seu, segundo o modêlo que idealizaram ou que viram numa revista. Apresentamos alguns modelos de maiôs que podem ser confeccionados em tecidos, desde a lonita, e o tecido de jersei esponjoso, até o tafetá de algodão e estampados.

● A principal condição, para que resultem elegantes, é que sejam de corte impecável, ajustando-se bem ao corpo. Muitos dêles destinam-se apenas ao banho de sol, outros podem servir, também, para a natação. É uma moda muito agradável, esta de cada uma fazer o seu maiô, pois permite uma maior variação de modelos e estilos, assim como de combinação de côres, ainda que, quando confeccionados por uma profissional, nem sempre sejam mais econômicos do que os maiôs de confecção em série, em lastex ou malha. FLAMA





1 *KORET, duas peças confeccionadas em lonita mescla, vivos em branco.*

2 *HEIM, modêlo feito em popeline algodão vermelha, saia tôda pregueada.*

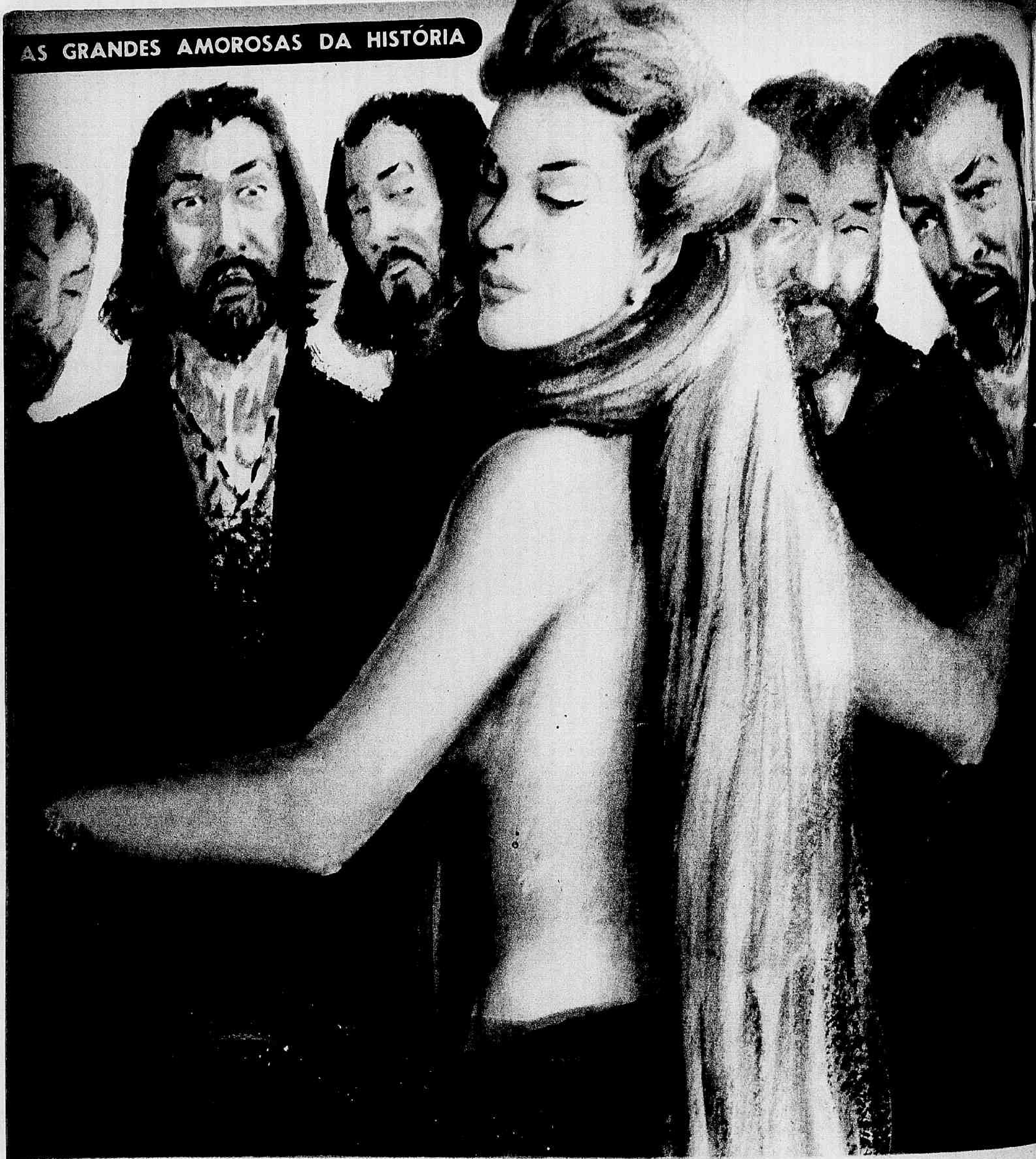
3 *LINDA LEE, sêda estampada em côres vivas. Os amarrados em ilhoses.*

4 *HORBACH, algodão esponjoso azul, casaco de lonita vermelho e branco.*



maillots





IMPÉRIA

Por OLGA BERARDI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO V

— ... Fugirmos, disseste? — responde hesitante. — Fugirmos de Roma ?... Podes vender tuas jóias, mas é disso que tenho mêdo. Como é possível que possas renunciar a tudo? Tôda tua vida é aqui... Não sou rico, mas sempre vivi de meu dinheiro, agora teria que viver com o teu...

Impéria desafia-o, com os olhos ardentes:

— Continua! porque não dizes «com dinheiro de Chigi»? — ... Oh! Perdoa-me amor, não queria ferir-te...

E a cena termina entre beijos e palavras doces, e não se fala mais do projeto louco... Mas, no coração de Impéria, ficara uma ferida.

O grande tormento de Ângelo é o pensamento de Chigi: poderia esqu compreender; muitas coisas do passado de Impéria; perdoar, procurar ignorar, mas o banqueiro de Siena está por demais presente, vivo, desafiante, com o pêso de todos os milhões que dá a Impéria, e que esta, com a maior das simplicidades, continua a aceitar... Ângelo não se consola, mesmo sabendo que Impéria se veste magnificamente para êle. Uma vez ela o recebeu nua, coberta sòmente com suas jóias mais famosas e ricas, como um ídolo. Diante do olhar

triste do homem amado ela logo compreendeu, porém, que errara, e tirou as jóias com violência. Depois, apertando de encontro ao peito as flores que Ângelo trouxera, ofereceu-lhe a bôca por entre as rosas.

A amargura daquele quadro, ficara, no entanto, no coração do amante que estava se arruinando para oferecer a Impéria a centésima parte do que desejaria.

A espôsa, por sua vez, não pode se conformar com essa nova relação do marido, que está durando muito. Pedira mesmo ao irmão cardeal, que fizesse intervir o Papa, para fazer cessar o escândalo. O cardeal, porém, rira-lhe na cara. Realmente, não pode imaginar Júlio II, enterrado até o pescoço na política, imiscuindo-se nos caprichos de Impéria! Além disso, havia Chigi pelo meio!

Porém, pensou em persuadir Ângelo, pouco a pouco, de que não pode lhe agradar ter uma amante tão, digamos, pública. Ninguém pensa que se possa tratar de um amor digno de respeito, de um amor que está transtornando tôda a vida de uma mulher, todos os seus planos, tôdas as suas magníficas possibilidades...

O trabalho de afastá-la é fácil. Impéria não sabe se defender. Quando começa a sentir que alguma coisa anda mal chora e se irrita. Orgulhosa, às vêzes fora de tempo, e muito humilde quando já é inútil, sente que perde terreno. Em inesperado sentimento de espanto, ao ver destroçada sua paixão, passa angustiadamente, a primavera e parte do verão de 1512.

E a escuridão entra imprevistamente, na alma de Impéria. Estamos em 12 de agôsto de 1512.

Que lhe aconteceu? Oh! muitas coisas... Ela está estirada sôbre o divã do seu quarto de vestir sôbre aquêle divã que se tornou lendário e que foi descrito mil vêzes. Tornara-se famoso e fantástico, precioso como os das sultanas das mil e uma noites. Na realidade, é apenas recoberto por um finíssimo tecido de ouro, um tecido como aquêle descrito, um século mais tarde, por madame de Sevignè, com o seu espírito sorridente... «... de ouro sôbre ouro, bordado de ouro, e por cima, um ouro áspero, acabado com ouro misturado, com um certo ouro...» Os pés do divã são de malaquita, e os travesseiros de renda, também estas de fio de ouro, certamente, não mais fulgurantes do que os cabelos louros de Impéria, que, quando soltos, cobrem-na até os joelhos.

Faz calor. A vestimenta leve descobre aquêles «amplos e maravilhosos seios»... cantados por tantos poetas. Porém, tôdas aquelas coisas que aos pouco lhe vão oprimindo a alma estão prestes a sufocá-la.

Chigi voltara de Veneza, havia poucos dias. Ela já sabia porque êle se demorara tanto. Na realidade, ainda esta vez, fôra tratar de seus negócios com o Sultão, com alguns de seus amigos comerciantes venezianos, e para as filiais de seu banco, que, em Veneza, são muito florescentes. Isso ela sabe. Mas, também é certo que lá fôra por causa de uma mulher. Impéria está bem informada, tem por tôda parte emissários e criados de confiança. A jovem, pois se trata de uma quase menina, tem 16 anos.

«Dezesseis anos!» — pensa Impéria — «Francesca Ardeosia tem quase a idade de milha filha!...» Êste pensamento é doloroso para qualquer mulher. Para uma que seja uma cortesã, e em nada mais acredite senão na fôrça de sua beleza, êste pensamento aniquila. Além disso, sente, mesmo sem ter nenhuma certeza, que é coisa séria, como se visse além do tempo. Parece visualizar, com os olhos do subconsciente, a cena que se passará em 1519: Francesca conduzida pela mão do Pontífice, e ajoelhando-se diante do altar, e casando-se com Chigi.

Correra à Farnesina, apenas soubera da volta de Chigi; bela como nunca, e elegantíssima. Êle recebeu-a festivamente.

— Bom dia, divina Impéria! Estás mais fresca do que a aurora! Quantos corações destroçastes desde minha partida? E, como estão as obras do palácio. Tôda Siena fala das maravilhas que estão sendo construídas para ti. Não estás contente? Quando queres mudar-te para lá?

Impéria teve um gesto de protesto:

— Por favor, Agostinho, não venho falar-te disso...

— De que, então? Fala. Se queres dinheiro, basta dizer-me quanto. A gloriosa Impéria tem todos os direitos...

— Dinheiro? — Impéria abre os olhos explêndidamente claros, como se não compreendesse de que lhe fala êle, ela que pelo dinheiro jogara tôda sua vida.

— Não, venho perguntar-te uma coisa. E' verdade que em Veneza te enamorastes de uma jovem?

— Por todos os santos! — respondeu sorrindo Chigi — é impossível esconder-te alguma coisa. Como conseguiste sabê-lo tão depressa? Não faça êsse rosto assim tão sério! Sim, estou enamorado, mas não te abandonarei nunca. Sabes que sou teu amigo certo. A hora do amor chega para todos... e chegou também para mim. Sou muito teu amigo para ocultar-te a verdade... e sois por demais inteligente para não compreender-me. Não faça êsse rosto sofredor... Eu te quero muito bem, e, repito-te, serei sempre para ti o melhor e o mais fiel dos amigos.

Chigi aproxima-se da divina criatura. Beija-a na fronte; depois, sem pesar a crueldade de suas palavras, prossegue:

— Se soubesse como é meiga minha Francesca! Uma menina, ainda. Imagina que tive que raptá-la: Agostinho Chigi não basta para os Ardeosia. Trouxe-a agora aqui para Roma. Tive que pô-la num convento, a fim de que complete a sua educação. Imagina! — e Chigi ri, com um riso cheio de ternura.

Impéria sofre. Sim, é verdade, ela foi quem primeiro o traiu; ela é quem ama dedesperadamente a um outro; está porém, acostumada à apaixonada dedicação de Agostinho; a vê-lo sempre hipnotizado pela sua beleza, cego de desejo. Ela quer-lhe bem e, além disso, êle é seu protetor. Ela existe porque Chigi está sempre às suas costas. Não poderia nem ao menos imaginar a vida sem êle. Compreende, porém, que Agostinho está saciado de luxo e prazeres, de vício e corrupção, de tudo que Impéria representa no mundo; e, uma menina ingênua... tranqüilamente o conquistou.

Daí a dois dias deixa a Farnesina, tendo antes procurado reconquistar o seu amante, com tôdas as fôrças da carne e do espírito. Ela se vai, cheia de presentes preciosos certa, porém, de que não conseguirá vencer uma menina. Impéria sente apertar-lhe o coração. Uma menina!... ela que nunca pudera sê-lo! Na idade de Francesca Ardeosia, Impéria já se deitava com comerciantes e monsenhores. Soluça de amargura!

★

Ângelo espera-a em casa. O homem que recusara ir-se com ela, que lhe oferecera a vida, que se sentiria feliz em viver com êle na pobreza!... Vai-lhe ao encontro, esquecendo-se de seus sofrimentos, ávida de ternura, sabendo que nenhuma tristeza poderia atingi-la se êle a amasse. Porém... no olhar de Ângelo não há nenhum carinho... Êle investe para ela, e as palavras mais raivosas, os vitupérios mais graves, ferem-na como punhaladas. O pretexto é sua recente permanência na Farnesina, e cem outras coisas, verdadeiras e falsas. Sob as palavras irritadas, porém, Impéria sente aflorar nítida e precisamente a vontade de romper uma relação que se tornara enfadonha. Oh! ela sabia que Francesca De Cuppis (mais uma Francesca!) é sua inimiga acérrima... O que não sabia, porém, é que essa tola e gorda mulher, tão inferior a ela, terminaria por vencê-la... Terá demonstrado ao marido que êle estava se desonrando por amar uma mulher que era pùblicamente sustentada por outro, que trocava vertiginosamente de amantes, que todos podiam se vangloriar de a haver possuído... que tinha vindo da prostituição...

Porém, que importa o que teria lhe dito? Venceu e basta. Impéria sorri, com o desespêro no coração, e deixa que Ângelo se vá, sem saudá-la. Friamente, pensa que não aguenta mais. Não é a perda de seu protetor que a faz sofrer; não é a doença que aflora com a decadência provável; não é o amor que se afasta; mas é tôda sua vida que se aniquila!

Sua adolescência sem virgindade; a maternidade precoce; a luta para instruir-se; tôda a fôrça que lhe foi necessária para elevar-se; às honras inúteis que foram prestadas à sua fama; os sofrimentos que semeou sua beleza; o seu orgulho que nunca se dobrou; e tudo, Deus meu, tudo... Não aguenta mais!

Retorna transtornada dêsse delírio a sangue frio. Dois versos martelam-lhe estùpidamente o cérebro. Lembra-se de Geloloma Belli d'Argenta «... as ondas do meu pensamento levam o coração às praias da esperança ou do pavor...»

— Esperança? — diz — não, não espero mais, não creio mais na alegria, na vida, no amor... porém, mêdo? Não. — Levanta orgulhosamente a cabeça escultural, coroada pelo ouro de seus cabelos: — Não, nem ao menos o mêdo... — Resolve morrer, friamente firme, desapegada de tudo.

Não a detém as pequeninas mãos de Margarida, sua filhinha, que se parece prodigiosamente com Chigi, nem as mãos puríssimas de Lucrécia que completara quatorze anos. Ao contrário, é sobretudo por causa delas que lhe parece bom desaparecer assim, em pleno fulgor.

Antes de se ir, porém, tem uma coisa a fazer... Convida todos os seus amigos, os de mais confiança, aquêles que nunca foram seus amantes, mas lhe quiseram bem com o coração e a alma, aquêles que a administraram e louvaram: Castiglione, Bembo, Mário Boccacello, Andrea Navagero, Sannazzaro, o poeta gentil que lhe escrevera uma vez «... minha carne se distila de pranto...» Ela, porém, não chora. Convida também Rafael, aquêle que, primeiro de todos, pintou-a nua e explendente, como a Vênus, rainha dos amôres, e que nunca a beijou.

Só quer êstes; sòmente dêstes quer se despedir; sòmente para êles deixará uma mensagem: «Digam ao mundo que Impéria morreu porque desprezou a vida».

O jantar foi realizado com o luxo de sempre, com rosas raríssimas e vinhos escolhidos, com pratarias e toalhas de renda, com pratos delicados e serviço impecável, compondo a habitual harmonia principesca. Impéria é a rainha da reunião e fala com estranha doçura a êstes caros amigos que escolheu entre todos. A febre provocada pelo pensamento da morte próxima torna-lhe os olhos fulgurantes e irresistíveis, e, sobretudo a voz...

Quando chega ao fim da ceia ela diz:

Esperai um pouco, senhores, tenho uma surprêsa para vós.

— Alegre? — pergunta sorrindo alguém.

— Talvez seja alegre, senhores, mas vós o negareis que o seja...

Desaparece, pedindo aos amigos que se entreolham espantados, que passam dentro de cinco minutos, a sua saleta, aquela célebre saleta, cantado pelos novelistas, como maravilhosa. Nesse cenário luxuoso, a seus olhos atônitos, aparece de imprevisto Impéria, completamente nua, com os cabelos soltos a acariciarem-lhe as formas magníficas. com o rosto tão triste que os amigos sentem no coração a angústia de um pressentimento de desventura. Foi um momento, um longo momento que nunca mais haveriam de esquecer. Ela fica assim, diante dos homens emudecidos, depois envolve-se num manto e diz:

— Quis que vísseis que Impéria é sempre Impéria, e que, além disso, vós, que sempre fôstes amigos tão ternos, fôsteis os últimos a me ver. Assim, agradeço a vossa profunda amizade, e desculpo-me por dizer-vos adeus.

As fôrças parecem faltar-lhe. Reprime-se, ainda, e murmura:

— Acabei de beber um veneno, o mais forte que consegui encontrar. Não queria que falhasse. Morro...

(Conclui no próximo número)

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Impéria, famosa cortesã do século XIV — reina em Roma sôbre homens e riquezas. Protegida do poderoso banqueiro do Papa Júlio II, Agostinho Chigi, dêle recebe tudo que deseja em riquezas e honras. Porém, apaixona-se, um dia, mas não consegue realizar com Ângelo, o homem amado, o amor com que sonhara tôda vida, ainda que soubesse não estar a seu alcance...

Aguardem

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

PARA 1954

- Ciência
- História
- Política
- Religião
- Romances
- Curiosidades
- E muitos outros assuntos

★

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO.

★

O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 12 E 18 DE DEZEMBRO DE 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — As favorabilidades, no seu caso, estarão reduzidas na próxima semana. O astro que lhe orienta o destino receberá uma série de aspectos desfavoráveis e disto resultará uma situação instável, prejudicial mesmo, para suas atividades e para seus negócios.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — No setor dos negócios novos, sua chance não será das melhores. O melhor, no caso, será a estabilização. Fique onde se encontra. O ambiente não favorecerá qualquer nova iniciativa. Os piores dias serão 13 e 16.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não haverá, no novo período, uma modificação substancial na posição atualmente ocupada pelo leitor. A chance, nos negócios, continuará, podendo-se dizer o mesmo em relação à vida particular. Os melhores dias: 12, 14 e 17.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os casos sentimentais estarão mal amparados na semana entrante. É conveniente evitá-los. Os romances iniciados nesse novo período, não se desenvolverão de modo auspicioso e terão um final de tragédia. Evite o outro sexo, principalmente, nos dias 11, 13 e 18.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua posição astral vai ser melhorada. O leitor terá êxito nos negócios que empreender e nas solicitações que fizer. Evite transações com militares, pois haverá perigo de grandes aborrecimentos.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não inicie viagem, aérea ou marítima, nesse período. Os dias 13, 16 e 18 o predisporão a acidentes em meios de transportes coletivos e de longo percurso. Não haverá perigo na sua locomoção comum, diária, no exercício das atividades a que se entrega.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — As especulações de tôda sorte, até mesmo políticas estarão bem astralizadas, na semana entrante. Sua chance será integral na obtenção de lucros. Os negócios correrão com a maior facilidade notadamente nos dias 12, 14, 16 e 18.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Ofertas tentadoras lhe serão feitas no curso dos próximos sete dias. Recuse as que importarem em mudança de local de emprêgo ou de posição. Seu destino não comportará uma modificação substancial, nos próximos dias, nos rumos da sua orientação nativa.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O período que se vai iniciar, não favorecerá as amizades novas. Os negócios recentemente iniciados, igualmente passarão por uma prova muito rude. Previna-se, pois há perigo de insucesso, no seu caso.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os negócios a prazo não lhe correrão a contento. O mesmo acontecerá com as operações imobiliárias. Saturno que simboliza a duração das coisas, estará em mau aspecto com o Sol de sua natividade.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — A situação econômica-financeira do leitor vai sofrer um certo desafôgo. Um negócio imprevisto lhe dará margem a essa folga prevista, particularmente, para os dias 15 e 17. Algo bonançoso virá independentemente dos seus esforços.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Uma semana farta, movimentada e cheia, terá o leitor. Aproveite a oportunidade tão favorável que se apresenta para dar andamento aos negócios em pasta. O momento será de excepcional favorabilidade para seus negócios.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro	12	—	Etelvino	—	Elmina
"	13	—	Heitor	—	Estela
"	14	—	Fulgêncio	—	Horacina
"	15	—	Dagoberto	—	Márcia
"	16	—	Henrique	—	Dulcina
"	17	—	Tibúrcio	—	Zenaide
"	18	—	Sérgio	—	Vanilda

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro	12	—	20º - 10' - 59"	(Signo do Sagitário)
"	13	—	21º - 12' - 1"	(" " ")
"	14	—	22º - 13' - 3"	(" " ")
"	15	—	23º - 14' - 5"	(" " ")
"	16	—	24º - 15' - 7"	(" " ")
"	17	—	25º - 16' - 11"	(" " ")
"	18	—	26º - 17' - 14"	(

Os alunos do Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, vencedores do interessante certame instituído pelo Ministério da Aeronáutica na «Semana da Asa», no momento do embarque à viagem-prêmio a B. Horizonte, oferecida pela «Nacional» Transportes Aéreos



COMO parte das comemorações da «Semana da Asa», dêste ano, o Ministério da Aeronáutica, em combinação com o Ministério de Educação e Cultura, instituiu um interessante concurso entre alunos de cursos secundários, para a apresentação de teses sôbre a aviação. Um número incontável de estudantes participou do certame, fato aliás que veio dar ensejo à observação do elevado grau de conhecimentos e do entusiasmo da juventude pelos assuntos aeronáuticos. Entre os prêmios aos alunos classificados, foi recebida com a mais expressiva satisfação a oferta da Nacional Transportes Aéreos, colocando à disposição dos estudantes viagens e estadas em Belo Horizonte, pois êsse oferecimento veio corresponder a um desejo dos escolares de conhecer a moderna capital mineira, a sua famosa igreja de Pampulha, outros passeios não menos pitorescos, que bem caracterizam a bela metrópole montanhesa. Um grupo de alunos do Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, formou entre os vencedores do concurso e a fotografia que estampamos é do momento do embarque dos colegiais num dos aviões da Nacional Transportes Aéreos que, diàriamente, voam para a capital mineira. Após gozar as magníficas «férias» que a importante emprêsa de aviação lhes proporcionou, os estudantes, que se fizeram acompanhar de professôres, de regresso transmitiram suas impressões de viagem à diretoria do Instituto Carlos A. Werneck, tendo o seu diretor, nessa oportunidade, dirigido à Nacional Transportes Aéreos o seguinte ofício:

PREMIANDO A MOCIDADE ESTUDIOSA

A «NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS» OFERECE VIAGENS AOS VENCEDORES DO CONCURSO DA «SEMANA DA ASA».

• «Venho, pelo presente, em nome de meus alunos e professôres e no meu próprio, agradecer-vos de forma muito sincera a magnífica excursão que proporcionastes aos alunos desta escola, vencedores do concurso realizado na «Semana da Asa», promovido pelo Ministério da Aeronáutica e pelo Ministério da Educação e Cultura.

As gentilezas com que cumulastes os componentes da equipe vitoriosa dêste colégio, a segurança com que foram realizados os vôos de ida e volta a Belo Horizonte e a fidalguia com que foram tratados os alunos e os professôres no magnífico hotel que para êles escolhestes, calaram fundo no espírito dos estudantes vitoriosos bem como no de todos os alunos que estudam neste estabelecimento. Gestos como o vosso, proporcionando à mocidade estudiosa de nossa terra oportunidade de viajar em condições tão seguras e favoráveis, demonstram claramente que os órgãos diretores de nossas companhias de transportes aeroviários possuem uma noção bem elevada do que seja a obra de divulgação cultural em que todos estamos empenhados no Brasil, por isso merecendo todo o nosso respeito e gratidão.

É assim, muito a vontade, Sr. Presidente, que vos envio meus mais efusivos agradecimentos.

Cordialmente vosso, (a) **Dr. Carlos A. Werneck**, diretor.



OS HOMENS OPINAM

Não é muito fácil saber a opinião dos homens sôbre as mulheres — principalmente quando a entrevistadora é uma mulher — pois sempre saem com um galanteio ou como uma frase como esta: «Gordas ou magras, altas ou baixas, louras ou morenas, as mulheres, para mim, são sempre maravilhosas!»

● No entanto, perguntando daqui e dali, e garantindo que as respostas seriam publicadas no mais absoluto anonimato, conseguimos entrevistar cem homens de tôdas as idades e de tôdas as classes sociais. Eis o resultado, resumido em alguns itens, que foram considerados mais importantes.

QUE LHES CHAMA A ATENÇÃO, DE INÍCIO, EM UMA MULHER?

A silhueta geral, sem deixar de lado a expressão do olhar e a maneira de caminhar. Um andar deselegante é, muitas vêzes, o responsável pela destruição de uma primeira impressão favorável.

PREFEREM AS ESBELTAS?

Realmente, todos votaram pela silhueta esbelta e bem proporcionada, de altura média. Todos, porém, fizeram questão de acentuar que não entendem por «esbelta» a ausência total de curvas... detestam silhuetas angulosas.

BELAS MANEIRAS

As mulheres devem ter «belas maneiras», mas devem ser naturais e simples. As sofisticadas ou «amaneiradas» não agradam.

De uma maneira particular todos destacaram que detestam ver uma mulher se pintar ou se pentear em público. Criticaram, também, a maneira de fumar feminina: «deixando pontas de cigarro espalhadas pelos pratos de doce, e usando o pires de café como cinzeiro».

PERSONALIDADE NO VESTIR

«Muitas mulheres se vestem de maneira que não combina, de forma nenhuma, com sua personalidade». «E' um êrro a mania de copiaram as tualetes umas das outras». «E' muito mais agradável ver uma mulher vestida de forma um pouco pessoal, demonstrando, assim, que tem uma maneira própria de trajar».

Essas foram algumas das respostas mais freqüentes, quando êsse tema era abordado.

E OS CABELOS?

Nesse ponto não houve unanimidade. Os apiniões estão muito divididas. Cêrca de metade votou pelos cabelos lisos e a outra pelos ondeados. Alguns preferem-nos curtos, outros compridos. Quanto aos cabelos pintados, detestam-nos, mas confessam que quando vêem uma cabeleira bonita não sabem distinguir se é natural ou pintada...

AS MÃOS

As mãos delicadas, bem tratadas, suaves, encantam os homens, conforme se deduz de suas respostas a essa pergunta. Preferem esmalte de unhas de tonalidades claras.

O PERFUME

Sòmente quatro em cem homens declararam que não apreciam os perfumes. Talvez porque nenhuma mulher ensinou-lhes a apreciá-los. Os outros afirmaram todos que gostam mais das essências de flores do que dos perfumes fortes.

IMPECÁVEIS

Ainda que em muitas circunstâncias os homens não cuidem de sua aparência, gostam de ver as mulheres sempre vestidas «impecàvelmente». Tanto detestam a falta de pintura quanto a maquilage exagerada e artificial. Ficam chocados com a negligência na maneira de se vestir, ou de se comportarem. Eis, sôbre êsse ponto, alguns itens que a opinião dos homens foi unânime em criticar:

— voz estridente, risadas nervosas
— marcas de batão deixadas nos guardanapos e copos
— verniz de unha descascando
— meias torcidas
— combinações aparecendo
— vestidos amarrotados
— falar por falar, sem ter assunto...

A concordância das opiniões sôbre êstes últimos pontos é impressionante.

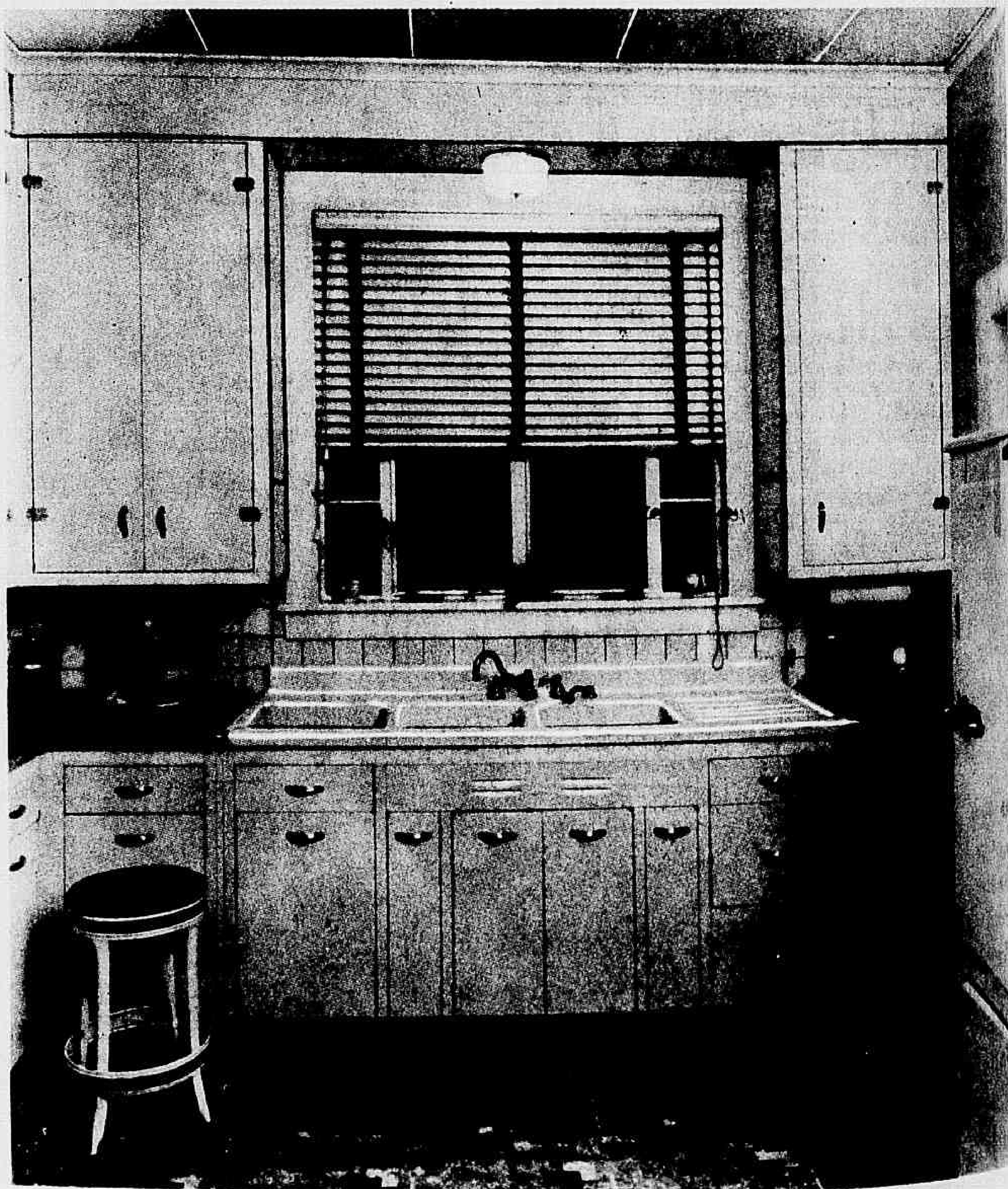
E outra coisa: todos afirmaram gostar de ver mulheres vestidas com excentricidade: decotes amplos, saias muito justas, chapéus exóticos... mas não as próprias espôsas ou namoradas. — L. J.

Sugestão para o lar

● Até poucos anos atrás, a dona de casa brasileira ficava de «água na bôca», quando folheando revistas norte-americanas, nelas encontrava fotografias de cozinhas montadas segundo o mais moderno conceito de confôrto e higiene. Ficava com «água na bôca» porque os nossos industriais ainda não haviam cogitado de fabricar, para o grande consumo, os armários e estantes de montagem rápida, para tal finalidade. Hoje em dia, porém, êsses conjuntos já existem nos mais diversos materiais: desde os de aço, mais resistentes, até os de madeira, pintados ou recobertos com plásticos, e para todos os preços.

● A sugestão de hoje é para uma cozinha de dimensão reduzida, na qual, porém, o espaço foi aproveitado ao máximo: a pia ocupa o centro, em baixo da janela; é bem ampla, para facilitar o trabalho de lavar pratos e talheres. O fogão não aparece, mas fica à esquerda, em frente à geladeira, da qual se vê uma parte no primeiro plano.

As duas fileiras de armários: a inferior e a superior, suspensas da parede, proporcionam bastante espaço para se guardar todos os apetrechos de cozinha, que, assim, não aparecem quando não em uso, dando uma impressão de ordem e limpeza encantadoras. — Nike.



UM POUCO DE BELEZA

FLEXIBILIDADE

● Para conservar a flexibilidade do corpo nada existe como a ginástica diàriamente praticada. Com a chegada do verão, você terá, naturalmente, muito mais disposição para se levantar mais cedo da cama, e, assim, alguns momentos a mais para a prática da ginástica, antes de sair para o trabalho ou de iniciar seus afazeres em casa.

A ginástica estimula a circulação, queima calorias excessivas, e enriquece os músculos. Além de ser um importante fator de beleza o é também de saúde e bem-estar. Habitue-se à prática da ginástica que se sentirá sempre mais animada para tudo, inclusive para resistir melhor aos dias de muito calor. Se fôr possível, pratique os exercícios ao ar livre, ou, então, diante de uma janela aberta. Se você mora perto da praia, dê um jeito de dar um pulinho até o mar, nem que seja para um banho de cinco minutos. **Júlia de Milo**



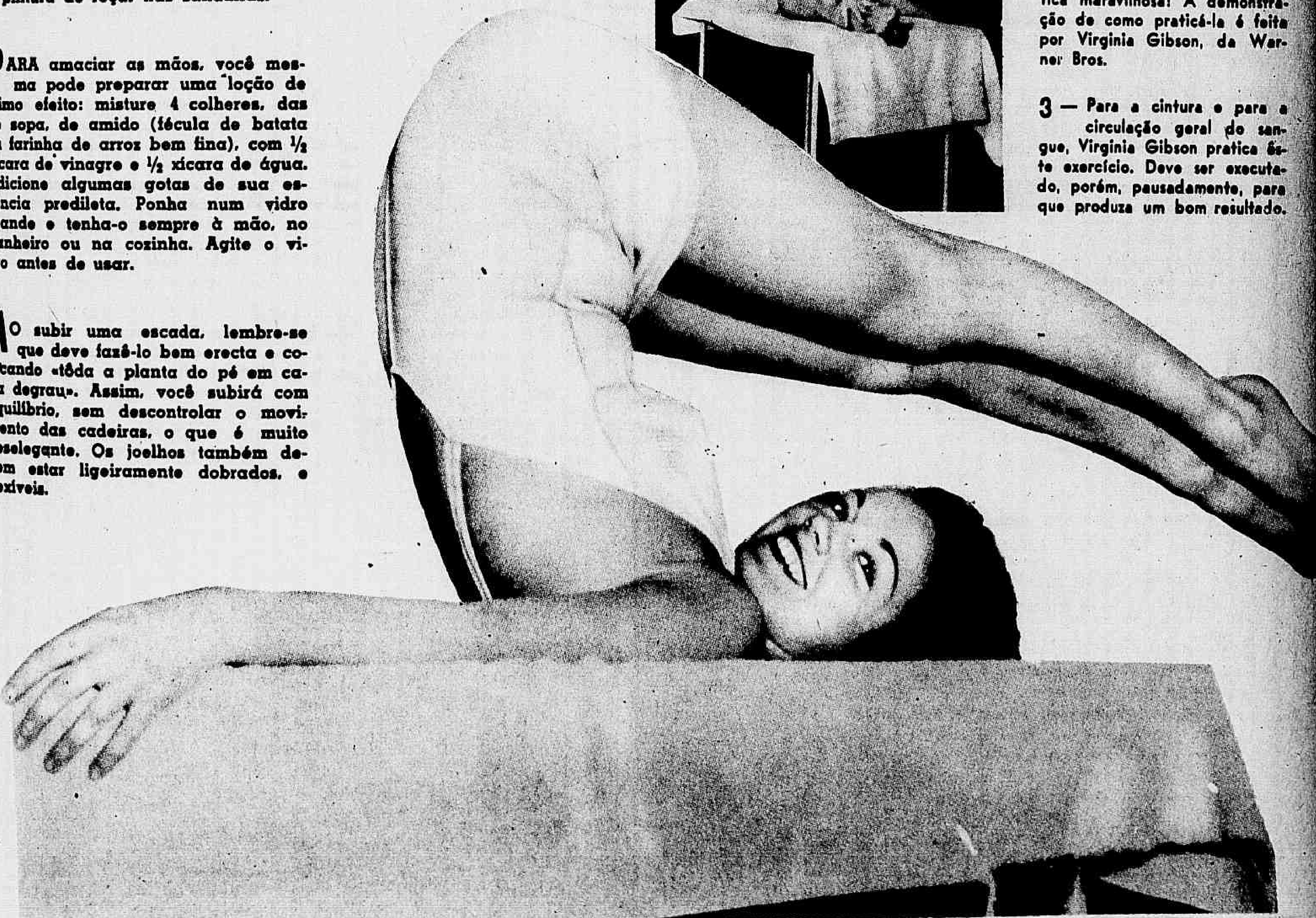
PARA que seus olhos se mostrem sempre claros e límpidos, lave-os com água morna ou com preparados especiais para os olhos. Algumas gotas de colírio, tôdas as noites antes de deitar, também ajudam a conservar os olhos sempre brilhantes e sadios.

SE você gosta de andar com sandálias no verão, cuide muito bem das unhas dos pés. Conserve-as sempre com a cutícula bem aparada. Pinte-as com um esmalte que combine com a côr de seu batão. O melhor meio de aplicar o esmalte nas unhas dos pés é passar duas camadas, sempre da base das unhas para as pontas. Depois, deixe secar muito bem, ou passe por cima um óleo secante, para que não se estrague a pintura ao roçar nas sandálias.

PARA amaciar as mãos, você mesma pode preparar uma loção de ótimo efeito: misture 4 colheres, das de sopa, de amido (fécula de batata ou farinha de arroz bem fina), com ½ xícara de vinagre e ½ xícara de água. Adicione algumas gotas de sua essência predileta. Ponha num vidro grande e tenha-o sempre à mão, no banheiro ou na cozinha. Agite o vidro antes de usar.

AO subir uma escada, lembre-se que deve fazê-lo bem erecta e colocando «tôda a planta do pé em cada degrau». Assim, você subirá com equilíbrio, sem descontrolar o movimento das cadeiras, o que é muito deselegante. Os joelhos também devem estar ligeiramente dobrados, e flexíveis.





1 — Não é muito fácil realizar êste exercício, porém, quando você acostumar fazê-lo-á com prazer. Contribui para fortalecer os ombros, o pescoço, e, ao mesmo tempo, os músculos da perna. Com movimentos de balanço é também uma ótima ginástica abdominal.

2 — Para as pernas e as cadeiras esta é uma ginástica maravilhosa! A demonstração de como praticá-la é feita por Virginia Gibson, da Warner Bros.

3 — Para a cintura e para a circulação geral do sangue, Virginia Gibson pratica êste exercício. Deve ser executado, porém, pausadamente, para que produza um bom resultado.

DÊ À SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

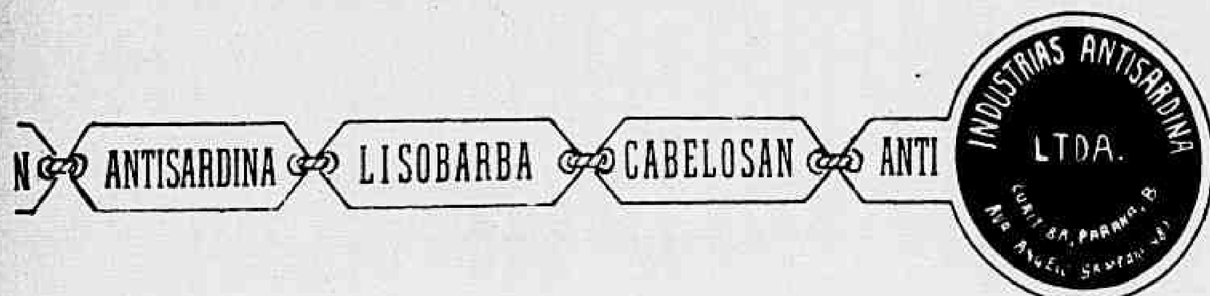
ANTISARDINA



ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA «MAQUILLAGE» PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.



PUXE PELO CÉREBRO



NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Que quer dizer Cecília:**
— Dona de casa?
— Mulher bela?
— Sem ciúmes?

2 **Por que motivo Eróstato ficou famoso na História:**
— Por ter inventado o balão aerostático?
— Porque incendiou o Templo de Diana?
— Por haver fundado a cidade de Efeso?

3 **O bronze é conseguido com a mistura de:**
— Cobre e zinco?
— De prata e arenito?
— De cobre e estanho?

4 **O elefante é animal:**
— Carnívoro?
— Hematófago?
— Vegetariano?

5 **Qual a maior ave voadora que se conhece no mundo:**
— O pelicano europeu?
— O condor dos Andes?
— O albatroz?

6 **Em que Estado nasce o rio Jequitinhonha:**
— São Paulo?
— Minas?
— Bahia?

7 **Que cidade é conhecida como a «Manchester Mineira»:**
— Uberaba?
— Teófilo Otoni?
— Juiz de Fora?

8 **Santos Dumont era:**
— Fluminense?
— Mineiro?
— Paulista?

9 **Quem foi João Henrique Pestalozzi:**
— Famoso educador suíço?
— General de Napoleão?
— Descobridor da vacina contra a varíola?

10 **Em que cidade do Brasil houve, espontâneamente, a libertação dos escravos, oito anos antes do 13 de maio:**
— Recife?
— Pelotas?
— Acarape?

11 **De que general brasileiro foi esta frase na passagem da ponte de Itororó, guerra do Paraguai: «Sigam-me os que forem brasileiros!»:**
— Duque de Caxias?
— General Tibúrcio?
— General Osório?

12 **Qual foi o primeiro nome da Ilha da Trindade:**
— Da Rainha?
— Da Ascensão?
— Das Tartarugas?

(Respostas na página 49)

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



WEEK-END NA COZINHA

CONSELHOS ÚTEIS

★ Quando fizer uma glace de chocolate para bolos, experimente adicionar à mistura um pouco de hortelã pimenta (essência) e creme de leite batido. Ficará mais fina e mais saborosa.

★ Aproveite as sobras de carne, peixe ou galinha: junte alguns ovos duros picados, queijo ralado e môlho branco. Misture tudo, e recheie tomates, pimentões e abobrinhas. ★ Uma bebida saborosíssima e muito fina para o lanche no verão se obtém misturando um pouco de «champagne» ou vinho espumante com sorvete. E' uma variação de sorvete com soda que se serve nas confeitarias. ★ Um bom refresco para o verão? Ferva água, junte açúcar mascavo, e uma boa quantidade de mate. Deixe em infusão, até esfriar. Coe. Acrescente suco de limão e ponha na geladeira. Sirva a qualquer hora, diluíndo com mais água se achar muito forte, e temperando com mais açúcar se desejar. ★ Para limpar bem uma garrafa que tenha contido alguma substância gordurosa, ponha dentro serragem de madeira e borra de café. A seguir, junte um pouco de água quente, e sacuda.

Pudim de banana

● *INGREDIENTES*

2 xicaras de pão de fôrma, cortado em quadradinhos.

3 ½ xicaras de leite fervendo.

3 ovos.

½ xicara de melado grosso

1 pitada de sal

¼ de xicara de manteiga

1 colherinha de essência de baunilha.

2 colheres, das de sopa, de açúcar.

Bananas cortadas em fatias.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Deixe o pão de môlho no leite, cêrca de 5 minutos, para que fique bem embebido.

2 — Bata um ôvo inteiro e mais as 2 gemas. Junte o melado, aos poucos, o sal, a manteiga e a baunilha. Acrescente o pão embebido no leite e amasse, com um garfo, até conseguir uma massa bem ligada. Ponha numa fôrma untada, e cozinhe em banho-maria, durante uma hora mais ou menos, até se tornar muito consistente.

3 — Bata as duas claras restantes em ponto de neve, junte as 2 colheres das de sopa de açúcar, e continue a bater até ponto de suspiro.

4 — Cubra o pudim com as fatias de banana. Espalhe por cima o suspiro. Leve ao forno brando, para assar, de 12 a 15 minutos, até o suspiro ficar ligeiramente corado.



Pimentões recheados

● *INGREDIENTES*

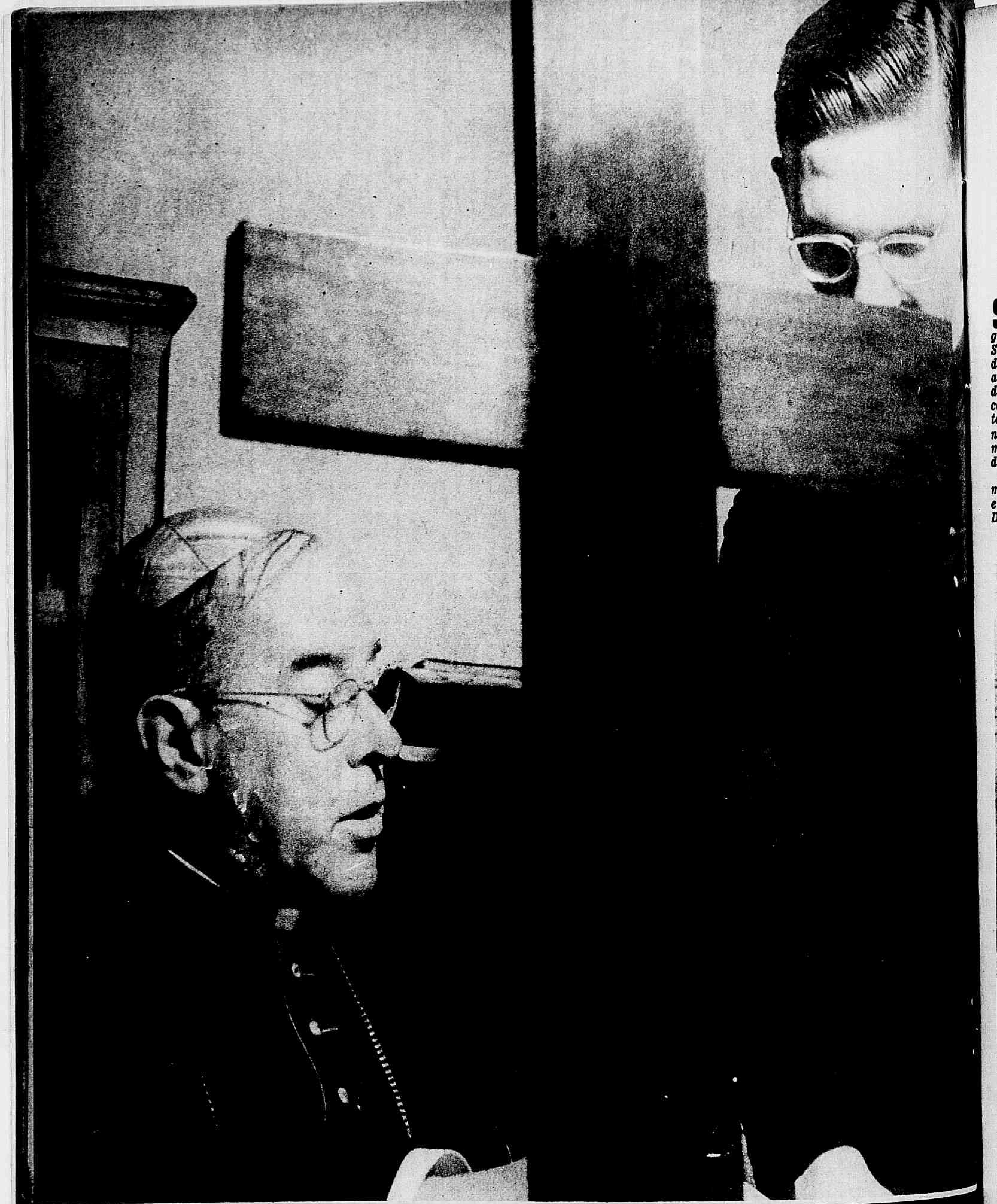
- 6 *pimentões de tamanho médio.*
- 200 *gramas de atum, sardinha ou salmão em lata.*
- 2 1/2 *xicaras de arroz cozido.*
- 2 *colheres, das de sopa, de cebola picadinha.*
- 1/2 *xicara de queijo de Minas, ralado.*
- 3/2 *de xicara de leite.*
- 1 *pitada de sal e outra de pimenta.*
- 1/3 *de xicara d'água.*
- *Môlho de tomate, ou outro môlho de sua preferência.*

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Lave os pimentões e faça uma abertura do lado do cabo. Tire por aí as sementes e membranas do interior. Cozinhe-os em água fervendo, cêrca de 10 minutos, ou até ficarem macios. Escorra bem a água.

2 — Com um garfo, esmague o peixe em lata (atum, sardinha, etc.). Junte o arroz, a cebola, o queijo, o leite, o sal e a pimenta. Misture tudo bem. (Pode acrescentar uma gema de ôvo, se desejar um recheio mais ligado, ou se o arroz estiver muito sôlto).

3 — Coloque o recheio dentro dos pimentões. Asseos numa travessa, ou num taboleiro, com a abertura para cima. Ponha a água em volta dos pimentões. Deixe 30 minutos, mais ou menos, no forno. Sirva quente, com o môlho de tomate ou outro môlho qualquer.



D. JAIME DE BARROS CAMARA

D. [illegible] atual arcebispo do Rio de Janeiro e o catarinense [illegible] mais importante. Nasceu d. Jaime em Florianópolis, onde aprendeu as primeiras letras, matriculando-se em seguida no Ginásio Catarinense. Transferiu-se mais tarde para o Rio Grande do Sul. Com a sua vocação sacerdotal definida e irreprimível, ordenou-se no Seminário de São Leopoldo. Seu irmão, Amantino Câmara, homem de empreendimentos e de grande fortuna legou-lhe uma bela herança. D. Jaime [illegible] o legado em obras de assistência social e em instituições religiosas. Foi elevado ao Bispado de Mossoró, no Rio Grande do Norte e mais tarde ao Arcebispado do Pará. Daí foi distinguido pelo Papa Pio XII com o chapéu e a púrpura cardinalícia para [illegible] d. Leme no cardinalato do Rio de Janeiro. D. Jaime tem pr[illegible] manter a Igreja distanciada do Estado, sendo, todavia, [illegible] pregador da doutrina social católica. É autor de duas pastora[illegible] fizeram estremecer a nação em duas situações de crise moral. [illegible] se que não suporta a burocracia na Igreja e que é favorável [illegible] modernização de muitos costumes e práticas religiosas, entre [illegible] o das vestes sacerdotais, tal como o Papa que o fêz cardeal. M[illegible] estudioso, d. Jaime tem-se revelado bom político e bom diplom[illegible] além de homem de ação.

OS CATARINENSES FEDERAIS

Êles perdem a popularidade na Província, mas ganham terreno na República

★ São chamados de «barrigas verdes» desde a Guerra do Paraguai.

Reportagem de SÉRVULO DE MELO

SANTA Catarina é um Estado pequeno. Suas aspirações, porém, são muito grandes. Pretende ser, em certo sentido, a Suíça brasileira, a área mais europeizada do país e coisas semelhantes. Já ensaiou, algumas vêzes, a conquista da Presidência da República, mas desistiu em tempo. Os catarinenses são geralmente bons intrigantes, adoram o fuxico social, a futrica municipal e transferem essa tendência até às manobras de maior alcance na esfera federal.

Pessoas que vão à Santa Catarina geralmente se queixam de um certo hermetismo e da pouca comunicabilidade dos seus filhos. Dizem que são assim porque não gostam da intromissão de forasteiros nos negócios catarinenses. É uma espécie de defesa antecipada. Constituem uma raça forte e sadia caldeada em maior quantidade de sangue italiano e germânico. De lá vieram aquêles rapazes altos, fortes e alourados que fazem a guarda pessoal do Presidente da República. Malgré tout, os catarinenses são chamados de barrigas verdes. É claro que não a tem dessa côr. O apelido data da guerra do Paraguai. Com a velha mania de destaque, os soldados catarinenses passaram a usar um largo cinto de fazenda verde sôbre o dolman. Isso para se diferenciarem dos soldados gaúchos, assinalar bem os seus feitos e o comando dos seus oficiais e generais. O resultado foi que os soldados de outras procedências passaram a chamá-los simplesmente de "barrigas verdes".

Outro traço característico do catarinense é senso indústrioso, o espírito prático e objetivo, uma vocação real para o progresso e a riqueza. Convém também destacar as mulheres. São geralmente muito bonitas, pouco coquettes e as mais emancipadas do Brasil. Anita Garibaldi nasceu em Santa Catarina. Victor Meirelles, os poetas Luís Delfino e Cruz e Souza e o chanceler Lauro Müller também. Êstes são os catarinenses históricos. Vejamos, porém, os Catarinenses federais.



OS GALOTTIS

● Beijamim é senador; Luís é ministro do Supremo Tribunal. Ambos são catarinenses. O senador é bom político, além de simpático e o ministro, é bom jurista, além de cordial. O senador faz questão de salientar que descende de imigrantes. É um homem temperamental e gosta de discursar com ênfase. Foi eleito pelo P.S.D., mas nem sempre reza pela cartilha do majoritário. É suficientemente liberto para exprimir opiniões suas doa a quem doer. Além disso, é muito galante e também um adorador da vida. O ministro e procurador-geral tem atuado com brilho nas altas esferas dos Tribunais, sendo, todavia, menos expansivo do que o senador. Em suma são ambos bons catarinenses. Parabéns aos Galottis e parabéns a Santa Catarina.



IVO DE AQUINO

● Líder de Dutra e de Getúlio. Nasceu Ivo de Aquino em Florianópolis. É pai do crítico de arte Flávio de Aquino. Foi secretário de Estado, no govêrno de Nereu, durante a ditadura. Elegeu-se senador em 45 e foi líder de Dutra no Senado, prosseguindo na liderança no segundo govêrno de Vargas. O atual presidente da Comissão de Finanças na Câmara Alta é uma criação extra-familiar de Nereu Ramos. Os seus méritos de político são incontestáveis. Aquino é muito inteligente, maneiroso, arguto e, embora lhe neguem as possibilidades eleitorais em sua província, é inegável que conseguiu lavrar alguns tentos brilhantes no desempenho do seu mandato. Tem olheiras profundas, ama muito a boa vida e adora rememorar com os catarinenses coisas da infância, uma das suas técnicas políticas que já se tornou manjada. É um homem social e um conversador agradável.



OS CATARINENSES FEDERAIS

ADERBAL RAMOS

● Nascido em Florianópolis. Sobrinho de Nereu. Tem poucas afinidades como tio. Industrial hoje, depois de ter sido governador do Estado. Quase desbaratou uma fortuna com a política. Estêve no Govêrno apenas dois anos, afastando-se por motivo de doença. É mais conhecido pela afabilidade. É homem de sociedade, tido como o galã nº 1 de Santa Catarina. Desposou a elegantíssima senhora Hopke, filha do maior industrial do Estado. Gosta de esportes e da vida mundana. E não se preocupa muito hoje em voltar à política.

JORGE LACERDA

● Jornalista e deputado federal pela U.D.N. Cometeu o pecado de ter sido integralista ou pelo menos simpatizante dos galinhas verdes. É um grande amigo dos literatos, artistas e intelectuais da capital da República. Tornou-se federal precisamente por isso. Dirigiu, com brilho, na sua melhor fase, o Suplemento Literário de «A Manhã», presentemente extinta. Na Câmara é autor do projeto vitorioso que destina uma verba orçamentária de dez milhões para a construção do Museu de Arte Moderna.

NEREU, O TRONCO DA RAMAGEM

● Nascido em Lages, chamada a Princesa da Serra. Filho de Vital Ramos, antigo governador do Estado. Dizem que foi uma criança pirracenta, um adolescente astuto e um universitário estudioso. Montou a sua banca de advogado em Florianópolis e entrou na política, sem cerimônias, elegendo-se deputado estadual para a legislatura 1926/1930. Legalista ao princípio da Revolução Liberal, aderiu depois ao govêrno provisório de Vargas, tendo sido nomeado interventor federal no seu Estado. Nesse pôsto, foi um dos mais fortes pilares sôbre os quais se assentou a ditadura de 37, até o contra-golpe de 29 de outubro. Apoiou, no P.S.D., a candidatura do general Dutra à presidência da República, (a contra-gôsto, dizem) tendo sido eleito senador e vice-presidente. Fêz de um sobrinho seu sucessor no Executivo de Santa Catarina. Durante o govêrno Dutra, Nereu perdeu a popularidade em sua província, apesar de ter sido candidato em potencial à presidência da República, dentro do P.S.D., afastado depois pelas injunções político-partidárias, que deram origem à candidatura Cristiano (também a contra-gôsto, afirmam). Candidatou-se, então, ao Senado e à Câmara. Sofreu uma derrota amarga, mas conseguiu voltar à Assembléia com a desistência de um dos eleitos e de simples suplente foi alçado à presidência da daquela Casa do Congresso Nacional. Êsse último lance da sua carreira veio demonstrar que Nereu Ramos, embora impopular, na província, é realmente um manobrista excepcional nas altas esferas da política. Sua fisionomia severa e carrancuda esconde um homem de trato amável, um excelente chefe de família, até um pouco exagerado, pois beneficiou enormemente os seus parentes transformando quase tôda Santa Catarina num feudo dos Ramos. A êsse feudo o povo deu o nome de **ramagem**. Só na política Nereu lançou Aderbal, ex-governador e mais três deputados: Joaquim Ramos, Saulo Ramos e Mauro Ramos. No comércio, na indústria, nas profissões liberais os Ramos são poderosos e continuam a florescer à sombra de Nereu.

Sua conduta à frente da Câmara tem sido, fora de dúvida, a de dignificar o Órgão Legislativo.

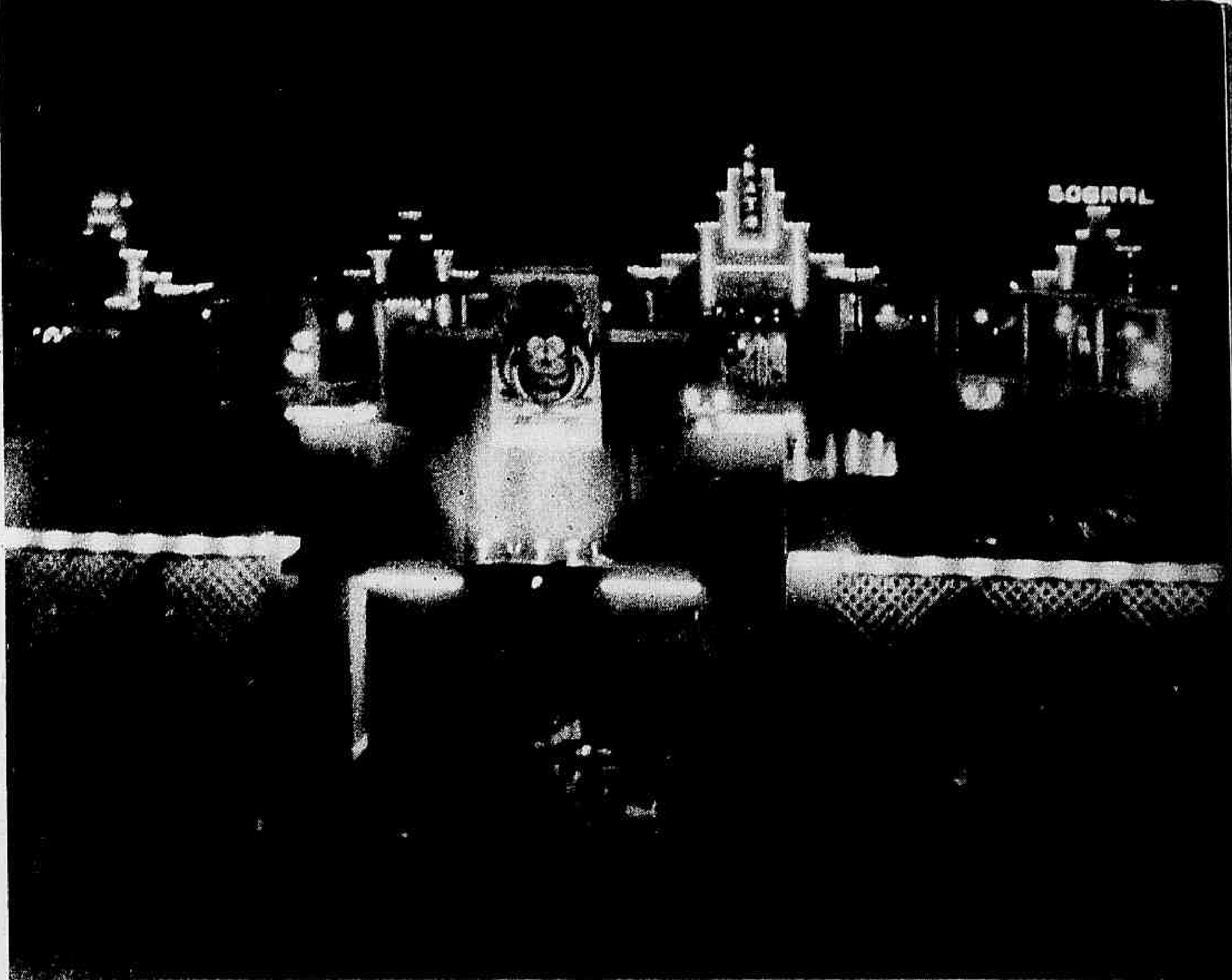


LEÔNIDAS

● Não tem nada a ver com o outro Leônidas. É um atacante do América, que tem deixado em «suspense» os aficionados do futebol carioca. Catarinense, brilhou muito entre os barrigas verdes, mas o seu êxito se fêz mesmo nas canchas do Rio, onde desenvolveu um novo estilo, de drible e de passes, sendo excelente chutador e corredor. Sua personalidade está ainda sufocada pelo «crack» que tem o seu nome. Mas os seus fãs acham que êle vai ser melhor do que o «diamante negro» e estão em dificuldade para arranjar um apelido que o ponha acima do outro Leônidas.

O CRATO DE HOJE

- Área do município: 1.113 quilômetros quadrados.
- População: mais de 50 mil habitantes. Na sede: 30 mil.
- Tem 328 estabelecimentos industriais, no campo e na cidade. E' quase tôda calçada, possui serviço de luz, água, esgôto e rêde telefônica. Suas vias públicas somam 64, com quatro mil e duzentos edifícios. Cinco jornais, três cinemas, uma Rádio Emissora, sete bibliotecas e vinte e quatro associações culturais. Sede de bispado, tem o município 23 templos católicos e dois protestantes. A arrecadação pública total em 1952 subiu a Cr$ .... 10.816.211,70 (federal, estadual e municipal). Há na cidade cinco hotéis e uma dezena de pensões, bem como outro tanto de bares e cafés. Há 125 estabelecimentos de ensino, desde os primários até aos profissionais, normais e seminários católicos.



Visão parcial da imponente e artística Feira de Amostras do Crato. Dez mil pessoas a visitaram no dia da inauguração, e aberta durante outubro.

O CENTENÁRIO DO CRATO

Os festejos começaram a 11 e terminaram a 18 de outubro ★ No fim do ano a eleição e coroação da Rainha do Centenário ★ O prefeito dr. Décio Cartoxo foi o grande realizador do memorável acontecimento do Cariri.

O primeiro núcleo humano que foi a gênese da atual cidade do Crato, às faldas da serra do Araripe, no Ceará, chamou-se o «Brejo do Miranda», em 1743. Vinte e um anos depois, já era a vila do Crato. Dessa época em diante até ser elevada a cidade, a 17 de outubro de 1853, o Crato se notabilizou pelos seus feitos heróicos e cívicos, com a proclamação da República a 3 de maio de 1817, a da independência em setembro de 1822 e adesão à Confederação do Equador, irrompida no Recife, a 2 de julho de 1824. Pelo surto de progresso mental, cultural, político, comercial e agro-pecuário, desde muito cedo o Crato se converteu na capital do Cariri, sul do Ceará, pôsto que continua a manter, perdendo apenas para o Juàzeiro do Norte, sua vizinha, quanto à população. Ocorrendo a 17 de outubro o primeiro centenário de sua elevação à categoria de cidade, o seu prefeito, dr. Décio Teles Cartaxo conseguiu o milagre de realizar comemorações cuja magnitude ficou na memória de todos, residentes ou visitantes, como um atestado do quanto se pode fazer, com a fôrça de vontade e a colaboração entusiástica dos bons conterrâneos. A cidade inteira se integrou no programa: Feira de Amostras, exposição agro-pecuária, inauguração de numerosas obras públicas, conferências culturais, instalação do Centro de Cultura do Cariri, desfiles, esportes, cavalhadas, bailes, fogos de artifício, etc., tudo decorrendo na maior ordem, não se registrando um distúrbio, apesar dos quinze mil forasteiros que a Cidade-Princesa hospedou fidalgamente, não desmentindo um só minuto as suas tradições de civilização e cultura social. As festas centenárias ainda tiveram uma finalidade: deram trabalho a centenas de retirantes e gente pobre da cidade, que encontraram naquele Xangri-La do Cariri, um refúgio cheio de vida, de progresso, água abundante e fartura, sob a proteção de um povo acolhedor e hospitaleiro. Tudo isso conseguiu o dr. Décio Cartaxo, dentro de orçamentos, que teriam desanimado outros menos entusiastas.



A «Cavalhada», com os dois grupos disputantes, um dos interessantes números populares do Programa do Centenário.



O prefeito, dr. Décio T. Cartaxo, ao pronunciar seu discurso na sessão de instalação do Instituto Cultural do Cariri.



Parada militar no dia 17 de outubro, quando tôda a cidade do Crato vibrou ao som de fanfarras e ao ronco dos aviões.



O P.T.B.

Nos Estados, os Trabalhistas estão se unindo aos Udenistas — Uma grande bancada para conquistar o direito de influir decisivamente nos destinos políticos do país — Enquanto isso acontece, estoura, mais forte do que das vêzes anteriores, a guerra intestina na UDN — Os ortodoxos não vêem com bons olhos os entendimentos com o PTB e por isso estão atacando a direção do partido.

Reportagem de ERNESTO LEMOS



JANGO GOULART já revelou a sua estratégia: aliança com quem quer que seja, visando conquista de lugares no Congresso. E o sr. ARTUR SANTOS, comandante udenista, já não pode evitar as alianças regionais entre U.D.N. e P.T.B. Rendeu-se ao fato consumado, contra o qual não pode lutar.

quer cem cadeiras no futuro congresso

IRROMPEU, desta vez mais forte, procurando gerar repercussão de maior profundidade, a guerra interna da UDN. Os líderes da «eterna» vigilância» tomam posição em face da realidade política brasileira, e não podem mais esconder as profundas divergências que os separam.

Esta é a quarta vez, nestes últimos tempos, que a batalha se inicia. A primeira teve lugar quando da reeleição do sr. Odilon Braga e da fixação da linha político-partidária. Os vários grupos chegaram a um entendimento, cedendo um pouco a ala ortodoxa para então conservar nas mãos de um dos seus — o sr. Odilon Braga — a presidência do partido. Dizia-se naquela oportunidade, que não havia número lega para a realização da Convenção e o seu funcionamento fôra obra de um acôrdo. O número aparecera, como por encanto.

Mas o sr. Odilon Braga distanciara-se da realidade udenista. Dirigira a agremiação segundo as tendências e as inclinações do grupo a que pertence, o ortodoxo, o intransigente, o irreconciliável, a oposição por oposição, a oposição acima de tudo. Fugindo de conciliar, por entender que não pode haver transigência na linha de oposição do grêmio brigadeirista, o sr. Odilon Braga perdeu a presidência do Partido, mas ganhou, inegàvelmente, um dos mais categorizados lugares de líder da corrente a que se filiou.

Pode-se dizer, sem receio de contestação, que a última convenção mineira foi a batalha decisiva da UDN para os dias políticos atuais que o partido está vivendo. Foi uma luta dura, terrível. Estava o sr. Magalhães Pinto — individualmente o mais forte líder udenista de Minas Gerais — com a maioria da Convenção inclinada para o seu nome como candidato à Presidência da secção mineira. Contra essa candidatura lançava-se, porém, com tôdas as armas, o sr. Pedro Aleixo, cujo grupo, apesar de ser minoria no seio do partido é, segundo alguns observadores, o mais combativo. Além disso, contam os aleixistas com a grande autoridade moral do sr. Milton Campos, que não se deteve, naquela oportunidade, em assinar um manifesto com a minoria para impedir a caminhada vitoriosa da candidatura Magalhães Pinto.

Mesmo assim, os partidários do sr. Magalhães Pinto venceram a cartada, com o nome do sr. Gabriel Passos.

ARTUR SANTOS, O NOVO MÁGICO UDENISTA

Na Convenção Nacional coube à maioria udenista prender em suas mãos a direção do partido, com a candidatura de conciliação do sr. Artur Santos. Eleito pela unanimidade dos seus correligionários, e



LICURGO LEITE: — Um dos mais jovens parlamentares do atual Legislativo, vice-presidente da UDN nacional, acaba de lançar a inquietação nos arraiais do udenismo com um sensacional discurso pro-Getúlio.



LANDULFO ALVES: — «Que venha a UDN a nosso reino», contanto que traga também votos.

O P. T. B. QUER CEM CADEIRAS NO FUTURO CONGRESSO

líder paranaense age em função da maioria partidária. E' o novo mágico da U.D.N. E essa maioria — eis a verdade — não reza pela cartilha da tese de intransigente oposição.

A imprensa udenista, via de regra ortodoxa, saiu a campo tentando envolver a atual direção do partido, atacando mesmo a sua posição. Foi uma preparação para o que viria depois: o pronunciamento público do sr. Odilon Braga, guerreando os companheiros que militam na ala moderada, aquêles mesmos que empreenderam o movimento culminado com a sua descida da presidência do partido.

Estão em luta, pois, e luta acesa, os dois grupos da UDN. Um, temendo perder o eleitorado substancial do partido que entende prêso à bandeira brigadeirista e ao anti-Vargas, o segundo, achando que sendo a conquista do Poder o objetivo de todos os grêmios políticos, a linha adotada pelo udenismo ortodoxo não levará a UDN a atingir a meta desejada. E, expressando a linha de tolerância a que desejam submeter a agremiação, os partidos dessa tese falaram, em Muzambinho, pela palavra do sr. Licurgo Leite, vice-presidente da UDN. O deputado mineiro respondeu, assim, ao seu coestaduano, sr. Odilon Braga. E os grupos estão perfeitamente definidos, as tropas já dispostas para o combate, embora a tradição da UDN leve os observadores a acreditarem que no final, a solução — qualquer que seja — virá por unanimidade...

UNIÃO PTB-UDN

Acontece, entretanto, que a UDN, em vários Estados, está se unindo ao PTB. Assim foi na Bahia, através do pacto firmado entre os srs. Rafael Cincurá e Landulfo Alves (outras fôrças políticas também assinaram o protocolo), tendo tomado parte ativa e decisiva nos entendimentos o próprio sr. João Goulart. Assim está acontecendo no Ceará, através de entendimentos entre os srs. Virgílio Távora, Secretário Geral da UDN, e Carlos Jereissati, também assistidos e supervisionados pelo sr. João Goulart. Assim está para acontecer em Sergipe e em muitas outras unidades da Federação. Em Minas, mesmo, as relações do PTB com a UDN são bem maiores e mais cordiais do que as do PTB com o PSD.

Firmando êsses acordos com o PTB, inspirada pelos princípios de tolerância política que deseja adotar pelo partido, a maioria da UDN põe em prática a sua tese de conciliação, nos estritos termos da proclamação contida no discurso de posse do sr. Artur Santos, o seu novo mágico.

OBJETIVOS TRABALHISTAS

A verdade é que o fim precípuo do PTB com êsses acordos com a UDN não é o arrefecimento da oposição. Esta é, sem dúvida, a maior conseqüência primordial. O que o PTB pretende, antes de tudo, é fortalecer-se de maneira a conquistar determinado número de cadeiras no futuro Congresso e através dêsse número influir consideràvelmente na direção da vida política brasileira, quando Vargas não estiver mais no Poder.

Determinado líder trabalhista, dos mais categorizados, dizia-nos há seis meses que êste deveria ser o objetivo do PTB nesta fase: conquistar cem cadeiras no Parlamento e através de cem congressistas ganhar, de uma vez por tôdas, o direito de influir decisivamente na vida política dêste país. Esta bancada prepararia o clima para o verdadeiro govêrno trabalhista que há de vir, depois do quinqüênio do sucessor de Vargas. Porque os líderes trabalhistas não acreditam que o partido tenha maiores possibilidades de eleger, já agora, o legítimo govêrno trabalhista. A menos que um novo clima político-emocional facilite uma nova revolução popular através do voto.

Estão se juntando, assim, por mais estranho que pareça, a UDN e o PTB — o primeiro, na certeza de que êste é o caminho da vitória atual e o segundo, convicto de que está fazendo a grande preparação para a conquista definitiva da vitória no futuro.



MAGALHÃES PINTO: — Hoje a sua candidatura à presidência da UDN fatalmente seria vitoriosa.

Lidergrama

Nº 83

A	Relativos a osso	110	1	38	26	125	151	
B	Dissolução; lascívia	16	51	45	115	4	131	90
C	Aeroplano	92	17	44	133	6		
D	Aparatoso; que dá na vista	80	102	30	20	70	41	129
E	Injúrias; ultrajes	2	33	22	101	47	78	114
F	Ébrios	3	139	25	99	89	72	116
G	Cheios de ira; irados	66	148	29	56	82	117	
H	Sentenças; emblemas	130	106	32	65	140		
I	Destróis; tornas raso	11	36	52	75	63	104	128
J	Em que há culpa	83	113	34	122	134	23	150
K	Muito cedo	77	31	48	60	107	96	9
L	Envias	120	37	61	136	28	147	19
M	Italianos	144	59	46	95	35	68	
N	Inchação; aumento de volume	143	57	105	81	8		
O	Enganas; logras	15	85	100	69	49	137	
P	Coloridos	103	50	21	112	14		
Q	Um e outro	24	149	93	53	71		
R	Criaturas; sêres	18	76	108	94	141		
S	Canção popular portuguêsa (pl.)	42	97	135	55	146		
T	Grandes vegetais lenhosos	43	64	124	145	27	88	13
U	Nada (gíria)	39	5	119	86	91		
V	Tôdas as coisas	138	118	74	62			
W	Planta medicinal, o mesmo que babosa	126	58	67	84	98		
X	Costumar, ter por hábito	7	121	109	87			
Y	Reluto, rebato	12	73	142	54	123		
Z	Que têm asas	40	10	127	132	79	111	

EXPLICAÇÃO: Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois as letras das palavras achadas para o quadro de baixo, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

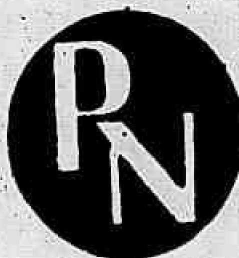
A 1	E 2	F 3	B 4	U 5	■	C 6	X 7	■	N 8	K 9	Z 10	I 11	Y 12
T 13	■	P 14	O 15	B 16	C 17	R 18	L 19	D 20	P 21	E 22	J 23	,	Q 24
F 25	A 26	T 27	L 28	G 29	D 30	■	K 31	H 32	■	E 33	J 34	M 35	I 36
L 37	A 38	,	U 39	Z 40	D 41	■	S 42	T 43	C 44	B 45	M 46	E 47	■
K 48	O 49	■	P 50	B 51	I 52	Q 53	■	Y 54	S 55	G 56	■	N 57	W 58
M 59	K 60	L 61	V 62	I 63	■	T 64	H 65	G 66	W 67	M 68	■	O 69	D 70
■	Q 71	F 72	Y 73	,	V 74	I 75	R 76	K 77	E 78	■	Z 79	■	D 80
N 81	G 82	■	J 83	W 84	O 85	U 86	X 87	T 88	■	F 89	B 90	U 91	■
C 92	Q 93	R 94	M 95	K 96	S 97	W 98	;	F 99	■	O 100	E 101	D 102	P 103
I 104	N 105	H 106	K 107	R 108	X 109	■	A 110	Z 111	P 112	J 113	■	E 114	B 115
F 116	G 117	V 118	U 119	L 120	X 121	■	J 122	Y 123	T 124	A 125	W 126	■	Z 127
■	I 128	D 129	H 130	B 131	Z 132	C 133	J 134	■	S 135	L 136	O 137	V 138	F 139
H 140	■	R 141	Y 142	N 143	M 144	T 145	S 146	■	L 147	G 148	Q 149	J 150	A 151

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 82 — VIRGILIO VARZEA — MARES E CAMPOS. **«Vapores diáfanos diluem-se lentamente, em meio dos listões vivos que purpureiam o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da grandiosa floresta uma orquestração triunfal.»**

SEU AUTOMÓVEL ESTÁ VALENDO MAIS

● *Acompanhe as alterações do plano Aranha sôbre o negócio de automóveis, lendo a revista que publica o preço dos carros anunciados, no Rio e São Paulo, confirmados por telefonemas e visitas pessoais aos vendedores.*

● *E mais: Estudos, comentários, e notícias sôbre PROMOÇÃO DE VENDAS, IMPRENSA, RÁDIO, TV, PROPAGANDA e MERCADOS.*

LEIA 

a revista dos que precisam estar bem informados.

Nas bancas — Cr$ 5,00

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhe fácil saber o número que lhe convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio. de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº........

NOME..........................

RUA.................. Nº........

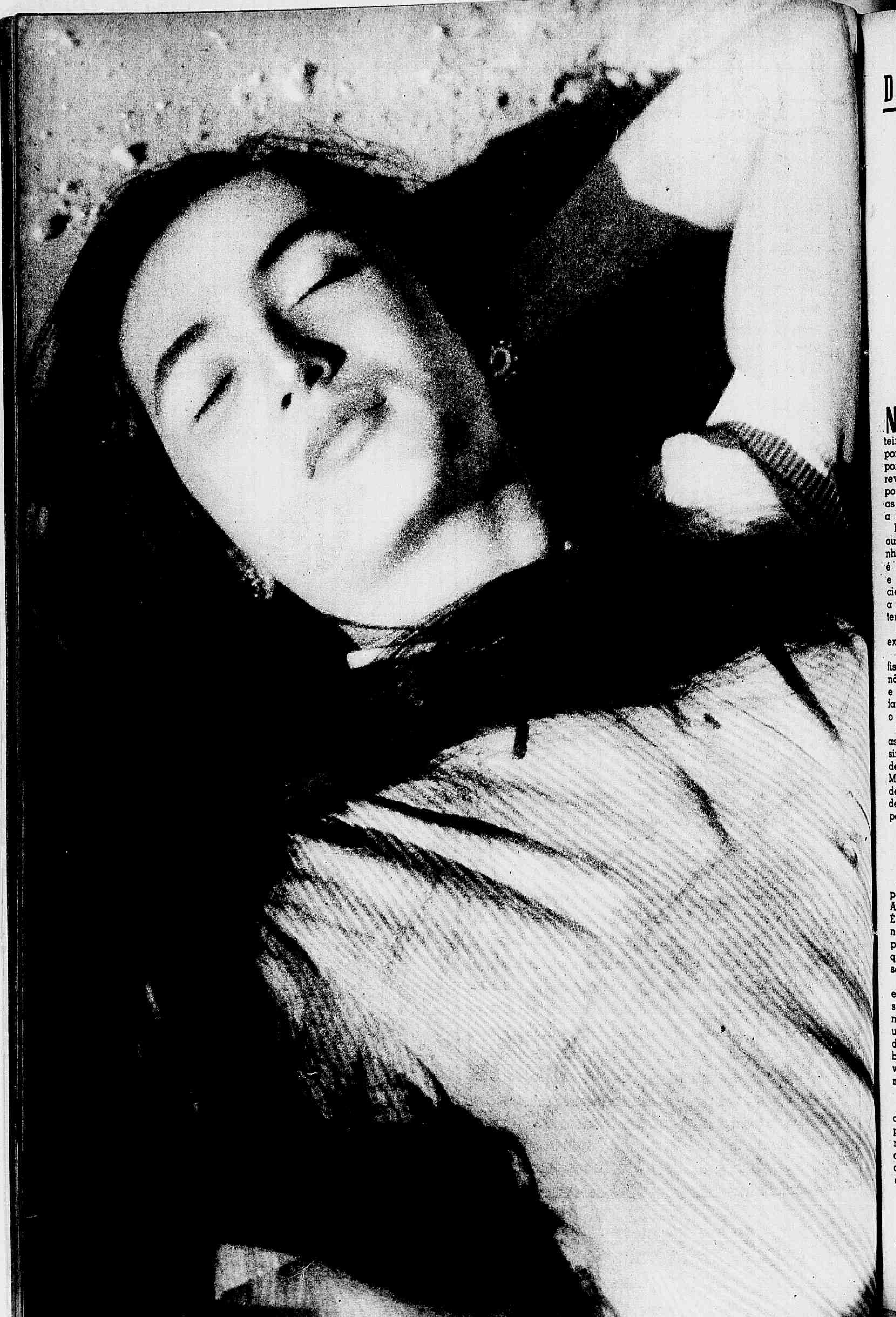
CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

RESPOSTAS AOS TESTES DA PÁGINA 40

1 — Dona de casa. 2 — Porque incendiou o Templo de Diana. 3 — Cobre e zinco. 4 — Vegetariano. 5 — O pelicano europeu. 6 — Minas Gerais. 7 — Juiz de Fora. 8 — Mineiro. 9 — Famoso educador suíço. 11 — Duque de Caxias. 12 — Ascensão.



D. ANA MARIA AFIRMA CATEGÓRICA:

"Dóris não vai se casar"

E ACRESCENTA: "ELA É MARAVILHOSA EM TUDO... COMO CANTORA, COMO ARTISTA DE CINEMA, COMO FILHA — É, PARA MIM, SEMPRE A MESMA MENINA CARINHOSA, BOA E INTELIGENTE". — A JOVEM LAUREADA NO CINEMA NACIONAL JÁ FOI CALOURA (NO "PAPEL CARBONO") E, COM APENAS TRÊS ANOS DE IDADE, "GOSTAVA DE IMITAR TODO MUNDO, COM GRAÇA E MUITO DESEMBARAÇO".

Reportagem de EUGÊNIO LIRA FILHO

NESTES últimos quatro anos (desde que iniciou sua carreira no rádio), Dóris Monteiro tem sido muito comentada. Primeiramente, porque era pouco mais de uma criança; depois, porque — sendo pouco mais de uma criança, revelou talento de gente grande; finalmente, por uma porção de fatôres que foram marcando as fases vitoriosas de sua carreira. Inclusive, a companhia permanente da Mamãe.

Não era, decerto, o primeiro caso. Várias outras artistas jovens tinham sempre a companhia protetora das Mamães. O fato, porém, é que a jovem cantora era bonita, talentosa e vitoriosa — argumentos mais do que suficientes para tentar os D. Juans, e, por isso, a presença da Mamãe era mais notada e mais temida.

D. Ana Maria inicia a conversa com o repórter explicando a situação:

— Dizem que eu controlo muito a Dóris, fiscalizando todos os seus movimentos... Isto não é verdade. Dóris é uma moça inteligente e ajuizada, não me dá preocupações. O que faço é apenas aconselhar — cumprindo, aliás, o meu dever de mãe.

Dona Ana Maria não tem, realmente, nenhum aspecto de «bicho papão». É uma senhora simpática, agradável, que trata a todos com delicadeza e simplicidade. Por outro lado, Dóris Monteiro não tem, nem de longe, o aspecto de uma menina amedrontada. É uma jovem desembaraçada, de personalidade, que sabe perfeitamente se conduzir.

DÓRIS E OS «NOIVOS»...

E a palestra com a Mamãe prossegue:

— A todo momento, estão «arranjando» noivos para a Dóris. E eu pergunto: por que isso? Afinal, a menina é jovem, bonita, inteligente. É natural que tenha muitas amizades — e é natural, também, que dentre essas amizades — pessoas distintas e dignas — surja de vez em quando um «flirt»... Daí, até um compromisso sério, entretanto, vai uma grande distância.

D. Ana não esconde seus pontos de vista: ela pensa que Dóris ainda é muito moça para se casar. Bela e vitoriosa, aos 19 anos, a menina Adelina, segundo a Mamãe, deve viver um pouco mais, divertir-se como tôda moça, dedicar-se à carreira em que tem vencido tão brilhantemente e adquiri- mais experiência da vida, antes de dar o passo decisivo do matrimônio. Mas, Dóris concordará com isso?

É a própria cantora quem responde:

— Decerto que sim. Pretendo casar-me um dia, tenho namorado, como tôda moça, faço planos pa a o futuro, como tôda gente. Mas não tenho nenhum compromisso. No dia em que eu ficar noiva, não esquecerei aquêles a quem devo a maior parte do meu sucesso: os fãs. Êles serão os primeiros a saber.

«ELA É MARAVILHOSA EM TUDO!»

D. Ana é, muito naturalmente, a maior fã de Dóris Monteiro. E diz, arrebatada:



Um sorriso, dois sorrisos. Uma bonita menina de 9 anos e sua feliz mamãe. Dóris Monteiro e D. Ana Maria, numa pose feita há alguns anos atrás, quando a atriz ainda não podia pensar em sucesso.

"DÓRIS NÃO VAI SE CAS





A «estrêla» Dóris Monteiro em três flagrantes: ao telefone, conversando com «êle»; examinando o diploma e ao lado da estatueta com que foi agraciada

— Para mim, ela é maravilhosa em tudo... Como cantora, como artista de cinema, como filha — é, para mim, sempre a mesma menina carinhosa, boa e inteligente.

E diz para o repórter que não quer parecer «coruja». Que é suspeito para falar. Mas que Adelina, desde pequenina, teve vocação artística. Com 2 e 3 anos, imitava a tôda gente, com graça e desembaraço. Logo que iniciou as aulas, no Ginásio Copacabana, foi escolhida para os espetáculos colegiais. Na fase de menina-moça, em tôda festinha familiar era chamada a cantar e representar — e jamais se fêz de rogada.

— Mas não era uma menina sofisticada e fazia tudo por brincadeira. Sua grande paixão era a praia — não fôsse ela nascida e criada aqui em Copacabana... E, não fôsse o acaso de uma nossa vizinha tê-la ouvido cantar, talvez ela nem se tivesse lembrado do programa Papel Carbono...

Na carreira de Dóris Monteiro, de fato, tudo veio naturalmente. A primeira apresentação em «Papel Carbono» — uma cópia de Lucienne Delylle, em «Bolero» — deu-lhe o primeiro prêmio. Depois, audições em «Gente Nova», de Celso Guimarães. Finalmente, uma apresentação imprevista em «Pescando Estrêlas», de Arnaldo Amaral, onde Orlando Correia, entusiasmado com o brotinho-revelação, se propôs levá-la para a Rádio Guanabara. E antes que a PRC-8 pudesse firmar com ela um contrato — já a Rádio Tupi conseguira o seu concurso efetivo.



Em qualquer das poses sua simpatia e «charme» se revelam. Quem poderá negar? no recento concurso do Primeiro Festival Cinematográfico do Distrito Federal.

O JUIZ TINHA RAZÃO

O repórter pergunta à Mamãe como encarou a proibição do Juiz de Menores, para as apresentações de Dóris em «boites». D. Ana Maria é franca:

— Com imensa satisfação... Sinceramente, não gostava muito que Dóris cantasse em «boites»... Aquilo exigia muito esfôrço, sempre com os «shows» muito tarde... Acho que em primeiro lugar está a saúde — e, mesmo quando Dóris completar a maioridade, não creio que ela volte a cantar em «boites», em caráter permanente.

— E quanto ao cinema?

— Bem, creio que só tenho motivos para me orgulhar de Dóris, como artista de cinema. E ela, por sua vez, está radiante. O prêmio que lhe foi conferido no Primeiro Festival Cinematográfico do Distrito Federal, foi reconhecido por todos como honesto e merecido. Dóris ficou contente com o prêmio em dinheiro — mas o que ela guarda como verdadeiras relíquias são a estatueta e o diploma... E acho que ela tem razão: o dinheiro se gasta, mas os troféus serão motivo de orgulho pela vida tôda.

Dóris Monteiro, depois da sua esplêndida vitória em «Agulha no Palheiro», promete novo êxito com o filme «Rua sem Sol», que está prestes a ser lançado. Nesse filme, tem ela um papel de grande importância, ao lado do «galã» Carlos Alberto, uma outra revelação.



Esta é a Dóris Monteiro de há muitos anos: tinha apenas 7 anos, já representava em espetáculos colegiais e, no Carnaval, fazia sucesso no Rio.

A Semana EM REVISTA

BOATES E BARES

★ O «Monte Carlo» apresenta «Qu'est ce que tu penses?», um «show» de Haroldo Barbosa e César Ladeira. Figura destacada do elenco o cômico Valter D'Ávila. Há ainda Celme Silva, Renata Fronzi, Ariston, Gene de Marco e as garôtas.

★ No «Casablanca» o mais pretencioso espetáculo de «boite» jamais encenado no Rio. Mais de uma centena de figurantes, o que nos faz lembrar os tempos dos cassinos, quando a vida noturna do Rio era animadíssima e onde o jôgo pagava tudo, quaisquer que fôssem os gastos dos «shows». «Esta vida é um carnaval» procura fixar a época e tem um elenco cheio de «astros» famosos, como os sambistas Ataulfo Alves e Arnô Canegal, o Grande Otelo, Terezinha Austregésilo, Deo Maia, etc.

★ No «Beguin», do Hotel Glória, continua o sucesso da cantora francesa Paulette Rollin e da orquestrinha de Mário Cesári, a mais animada que nos visitou êste ano.

★ Mas o «Beguin» também prepara o seu «show» de carnaval, que deverá estrear ainda êste ano, trazendo de volta ao seu palco o sambista Jorge Veiga. «Quem roubou meu samba?» é o nome do espetáculo que está sendo escrito e será dirigido por Silveira Sampaio.

★ Também o «Night and Day» prepara-se para o carnaval. Começarão breve os ensaios de «Quem inventou a mulata?», um original de Fernando Lôbo com música de Ari Barroso.

★ Sòmente esta dupla servirá para garantir o êxito do «show», mas, mesmo assim, ainda há um elenco respeitável, liderado pela cantora Ângela Maria. No elenco, também, interpretando a mulata, a linda Arlete, bailarina afro-brasileira que estréia no teatro de madrugada, e Helena Martins, que ainda é uma grande «vedette».

★ Com a saída de Dora Lopes, a «Tasca» contratou a veterana Celeste Aída, para animar as suas noites. Celeste, dona de uma verve realmente impressionante, tem excedido a expectativa.

★ O bar «Maxim's» vai inaugurar uma filial em Petrópolis, com a qual espera fazer furor êste ano, durante a temporada de verão. A inauguração está marcada para o fim do mês e para ela serão convidados todos os fregueses habituais da matriz da Av. Atlântica.

★ Em S. Paulo marca um êxito surpreendente a reabertura da «boite» Esplanada. Contratando o antigo diretor artístico do Casablanca, sr. Paulo Soledade, o «night club» paulista propôs-lhe a encenação de seus antigos «shows», como «Um vagabundo toca em surdina», «Clarins em Fá» e «Feitiço da Vila». Soledade começou por êste último, conservando nos papéis principais os cantores Sílvio Caldas e Elizete Cardoso. O sucesso tem sido tal que já se ensaia a próxima apresentação, ou seja, «Clarins em Fá» que contará com um elenco semelhante ao que vimos no Rio. Apenas Ataulfo Alves, entre os principais figurantes, será substituído, por não poder atender ao convite que lhe foi feito. No seu lugar estará um outro sambista de renome — Heitor dos Prazeres.



DEO MAIA



TEREZINHA AUSTRAGÉSILO

Cartazes

AS CURVAS

AINDA na semana passada lamentávamos a mania que deu nessa gente de estar a três por dois inventando concursos para escolhas de rainhas, misses, etc., disso e daquilo, com ou sem objetivo, com prêmios ou sòmente palmas (às vêzes vaias) à vencedora. Na semana passada — diziamos — lamentávamos. o fato, e já agora aparece um novo concurso, desta vez muito mais velhaco, qual seja o da escolha de Miss Curvas, concurso em que uma comissão de "técnicos" medirá as candidatas para saber qual a mais perfeita ou, pelo menos, a que tem conjunto mais harmonioso.

É um matutino que cria o caso, aproveitando a confusão em tôrno da ridicularizada Miss Objetiva que se não teve em d. Ester Tarcitano uma representante bela, teve na segunda colocada uma candidata de briga, positivamente de briga. E lá vieram elas novamente, na sua sêde de cartaz, brigar pelas páginas do matutino dizendo cobras e lagartos uma da outra, até que a de briga, d. Thais Bellini, propôs a medição: que fossem medidas as curvas de cada uma, para se saber qual a de melhor conjunto.

Mas virou o feitiço contra o feiticeiro. Há muito mais gente atrás de cartaz do que imaginavam as duas belicosas criaturas. E foi o jornal anunciar o próximo pleito, já agora batizado como "Concursos da Miss Curvas", e foi chover candidata. Os empresários de teatro de revista aproveitaram a deixa da publicidade grátis e lá mandaram algumas de suas coristas, onde as curvas sobram para todos os lados. Até de São Paulo surgiu uma dama incontestàvelmente curvilínea, querendo por fôrça ser medida.

E o matutino que tinha apenas duas misses para fotografar passou a contar com dezenas delas, não precisando mais dar tratos à bola para ilustrar o noticiário do concurso. No começo foram obrigados até a dividir a Ester e a Thais em postas, como se faz com garopa, publicando suas fotografias em partes, encimando as legendas respectivas: busto de Thais, tanto — busto de Ester, tanto — cadeiras de Thais, x — cadeiras de Ester, y.

Mas a coisa pegou, sem dúvida, e as mocinhas aparecem aos montes na redação, loucas para sairem no retrato, ávidas de passarem nas provas, aflitas por merecerem um "closse up". Diz, mesmo que as visitas são sempre numerosas, ao jornal que propôs o negócio. Sòmente um tipo de candidato é maior do que o de misses, e êste é justamente o de "candidatos a medir candidatas à Miss Curvas".



BEATRIZ CONSUELO



OSCARITO



MARIA DOLORES



RODOLFO MAYER

TEATRO

A POPULARIDADE de Oscarito é, sem dúvida, incontestável. Saído dos espetáculos musicados do Teatro Recreio, onde foi fator importante para os êxitos de bilheteria da maior parte das revistas de Valter Pinto, Oscarito passou a carregar nas costas as lamentáveis fitas carnavalescas da Cia. Atlântica Cinematográfica. Agora Oscarito tenta a comédia e faz de uma peça medíocre, como é «Cupim», um cartaz duradouro no Glória, onde está há quase 4 meses.

SILVEIRA SAMPAIO assustou-se com a possibilidade da censura mineira congelar as suas peças, consideradas «fortes» para o público de Belo Horizonte, sempre intransigente no que diz respeito às impropriedades para menores. Sampaio, como solução, tratou de atualizar sua primeira peça — «Reginaldo, o costureiro» — que fêz e representou em 1934, quando ainda era estudante de medicina. E, para experimentá-la, lançou em sua última semana no Serrador, com a esperança de senti-la apreciada e poder, assim, programá-la para a temporada que fará brevemente em Minas. «Reginaldo, o costureiro» correspondeu plenamente aos anseios do autor, tanto que Sampaio viu-se obrigado a mantê-la em cartaz por mais de 15 dias, quando sua idéia inicial era deixar o Serrador após 5 representações.

VOLTARÁ AO PALCO o «Studio 53», a mais grata revelação teatral do ano. A novel companhia, que estreou despretenciosamente no minúsculo palco do Teatro de Bôlso, tem planos formados para voltar à cena, graças a boa recepção por parte do público e graças, também, aos elogios que lhe dispensou a crítica especializada.

DEPOIS daquele bonito, quando apresentou «A sapateira prodigiosa», volta o pessoal do «Tablado» aos ensaios. Desta vez representarão em louvor do Natal uma peça chamada «O boi e o burro». Ainda neste mês, portanto, no mesmo palco, isto é, no Patronato da Gávea, à Rua Lineu de Paula Machado, os artistas do «Tablado» em nova apresentação, como sempre dirigida por Maria Clara Machado.

PERMANECERAM NO CARTAZ: «Obrigada pelo amor de vocês», no Dulcina, com Lourdes, Rodolfo Meyer e André Villon; «O que é que o bikini tem», no Recreio, com Valter D'Ávila; «Botando azeite é melhor», no Jardel, com Evilázio Marçal, Deo Maia e Glória May; «O.K. Baby», no Follies, com Virgínia Lane e Consuelo Leandro; «Daqui não saio», no República, com Morineau e os Artistas Unidos; «Cupim», no Glória, com Oscarito & Família; «As árvores morrem de pé», no Carlos Gomes, com Dulcina e Odilon; «O pequenino é quem manda», no Madureira, com Záquia Jorge e sua Cia., e «Depois do Casamento», no Rival, com Marlene e Luís Delfino.

BALLET

QUANDO ESTA revista estiver circulando, provàvelmente já terá estreado no Municipal, onde daria alguns recitais, a bailarina espanhola Maria Dolores, que ali se apresentaria levada pelo coreógrafo e mestre de «ballet» Vaslav Veltcheck. Maria Dolores, nascida na Galícia, e fixada no Rio, ao se dedicar à dança, mostrou logo a sua intenção de fugir às regras da tradição da dança folclórica, o que sòmente serviu para lhe dar mais personalidade.

Do seu repertório e que estarão no programa de suas apresentações, destacam-se os números: «Malagueña» e «Cadiz», páginas do grande Albeniz, que exigem da intérprete uma perfeita noção do ritmo andaluz; «Panaderos», dança antiga; «Sevilhanas», a célebre dança popular de Sevilha; «Farruca», de Manuel de Falla, hoje definitivamente incorporada às grandes páginas do baile flamengo; «Bolero», o bailado que melhor representa a escola clássica espanhola, e ainda «Tanguilho», «Soleares» e «Alegrias», tôdas páginas do baile cigano espanhol.

★

UMA AGÊNCIA telegráfica estrangeira, na semana que passou, andou distribuindo uma notícia absolutamente falsa a respeito da bailarina Beatriz Consuelo, ora dançando com o «Ballet do Marquês de Cuevas», em Paris. E como essa notícia era do tipo «ufanista», a maioria dos jornais tratou de difundi-la, já que se tratava de uma brasileira fazendo sucesso na Europa. E vieram as informações — falsas, repetimos — de que Beatriz Consuelo é um sucesso incontestável, fazendo grandes papéis na Companhia, merecendo grandes elogios da crítica e tendo seu nome definitivamente consagrado entre o público francês.

Nada disso é exato. A verdade, no entanto, é talvez mais digna do que êsse êxito criado nas colunas da imprensa. A jovem bailarina Beatriz Consuelo, 1ª bailarina do Teatro Municipal, sacrificando a sua posição em favor da arte que abraçou, aceitou o convite do «Ballet do Marquês de Cuevas» para nêle figurar em pequenos papéis, insignificantes a primeira vista, mas que serão de capital importância para seu aperfeiçoamento. Assim é que vem aparecendo em alguns «ballets», como «Princesa de Porcelana», em «Princesa Aurora», noutros bailados tais como «Sonâmbula», de Ballantine, «Lago dos Cisnes» ou «L'Ange Gris», além de figurar em todos os conjuntos. Beatriz Consuelo, tudo faz crer, será uma das maiores glória do bailado nacional, se continuar a trilhar êsse caminho que ela mesma escolheu. O fato de ter aceitado o convite para integrar uma grande companhia, sacrificando a sua invejável posição no Corpo de Baile do Municipal, bem demonstra a sua disposição de abandonar o sucesso fácil para um melhor aperfeiçoamento da técnica.

O DONO DA SEMANA



Na semana passada, estourou como uma bomba na Câmara dos Deputados, a leitura de uma carta dirigida ao deputado Raimundo Padilha, pelo sr. Severino Taciano da Costa, contendo tremendas acusações ao sr. Coriolano de Góis quando de sua gestão na CEXIM. Denuncia o missivista uma tentativa de extorsão no montante de vinte milhões de cruzeiros por parte de funcionários da carteira (inclusive um filho do diretor) contra o denunciante. Por sua vez, cientificado dos têrmos da carta, o sr. Coriolano de Góis, indignadíssimo exigiu uma imediata acareação com o sr. Taciano da Costa, afim de destruir face a face a gravíssima denúncia. «Quero pulverizar essa infâmia», concluiu o ex-diretor da Carteira. A Nação espera, agora, que o sr. Coriolano pulverize mesmo. Ou que seja pulverizado.



PERFIL POLÍTICO

D. R.

ANTÔNIO MOURÃO VIEIRA FILHO — O estudante Antônio Mourão era traquinas como todo rapaz. Lá pelo ano de 1927, sua mãe (filha de pescadores do Amazonas) impôs-lhe um castigo: Antônio era obrigado a assistir às aulas de Matemática ministradas pelo irmão no Colégio Estadual do Amazonas. Pouco tempo depois, o filho castigado era assistente da cadeira no regime de exames parcelados. Hoje o secretário da Educação costuma ressaltar em seus discursos a relevância do magistério: POUCAS SÃO AS ATIVIDADES QUE SE IGUALAM, PELA SUA IMPORTÂNCIA E PELO SEU SIGNIFICADO DE SOLIDARIEDADE HUMANA, COM A NOBRE TAREFA DE ENSINAR. O ex-vereador e presidente da Câmara pela legenda do P T B (3ª votação no Distrito Federal), tem hoje 42 anos: nasceu em Manaus, fêz o curso primário e secundário no Ginásio oficial do Estado. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio em 1936 e casou-se no mesmo ano. Seus progenitores eram de condição humilde: o pai — operário pobre; a mãe — filha de pescadores do Amazonas. O espírito de luta e a vontade de servir têm marcado sua carreira política que — por assim dizer — se iniciou em 1950.

Em 1930, Mourão Filho ingressou no magistério carioca e fundou o Colégio Cardeal Leme. Houve época em que o número de alunos gratuitos na casa-de-ensino equiparou-se ao número de alunos pagos. Na zona da Leopoldina, onde tem instalado o consultório de Radiologia, Mourão é queridíssimo: o profissional atendia e tratava de doentes de tôdas as camadas sociais. Naquele subúrbio fundou a Associação Leopoldinense de Educadores e ocupou vários cargos na direção do Olaria F. C. No Bonsucesso organizou um Departamento único na história do nosso futebol: os craques eram obrigados a freqüentar a aula de alfabetização. No próspero subúrbio nenhum político tem o prestígio de Mourão. É um líder local. À testa da Secretaria da Educação, tem uma aspiração máxima: que nenhuma criança fique sem escola no Distrito Federal. O espírito arguto do Secretário já viu que a solução do binômio — escolas e professôres — depende de dinheiro e da formação do magistério. À causa do ensino êle tem dado seus melhores esforços: na Câmara apresentou o projeto de auxílio financeiro do govêrno aos estabelecimentos particulares de ensino (sua idéia vem sendo agora aproveitada numa reforma de base); nos Problemas da Educação do Distrito Federal o educador ataca de frente os males do ensino carioca. Mourão aprecia o futebol e ainda é presidente do Conselho Deliberativo do Bonsucesso. Senhor de memória privilegiada, o político não se esquece de nada. Às vêzes sua memória chega a desconcertar amigos e pessoas que lhe são apresentadas. Amigos e adversários políticos de Mourão Filho já enxergaram esta verdade: a Política ganhou um homem de luta, mas, a Medicina perdeu um Pediatra de mérito.

Semana POLÍTICA

A UDN E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

● O sr. Artur Santos vem desenvolvendo, à testa da UDN, uma atividade incomum. Quando menos se espera o líder paranaense está falando no interior, a presidir convenções do seu partido, tomando conhecimento de que existe alguma coisa além do asfalto da Avenida Rio Branco.

Agora mesmo foi a Belém o presidente udenista e falando aos jornais, a respeito da sucessão presidencial, declarou que o «ponto de vista da UDN é ainda o de que se não pode tratar do assunto objetivamente».

E argumentou: «Entre o presente e a disputa eleitoral do Catete virão as eleições para a renovação das casas do Congresso. Em algumas regiões ocorrerão disputas eleitorais de caráter estadual. Nessa oportunidade os udenistas irão medir fôrças, orientando-se naturalmente para o futuro pleito presidencial».

O FORNO CREMATÓRIO DE ETELVINO

● Está em funcionamento o forno crematório do sr. Etelvino Lins, reduzindo a cinzas os candidatos teimosos que pretendem surgir sem o seu beneplácito. Dêles, o único que continua resistindo é o sr. Jarbas Maranhão, que conhece bem os métodos e os processos do ex-chefe de polícia de Pernambuco. Aí está, por exemplo, o lançamento prematuro e violento da candidatura do sr. Gercino Pontes, de Caruaru. O lançamento feito às escancaras, sem as consultas prévias e sem os prévios e necessários entendimentos, tinha, por isso mesmo, um objetivo: o de dividir as fôrças pessedistas que se estão aglutinando em tôrno de Jarbas Maranhão e, ao mesmo tempo, reduzir a cinzas mais esta candidatura, que, segundo alguns entendidos, também não é do agrado do sr. Etelvino Lins. Está em funcionamento, assim, no Palácio das Princesas, o forno crematório para liquidar os candidatos teimosos. Fato é que êle foi criado para uma só candidatura, a do sr. Jarbas Maranhão.



O candidato Prado Kelly

HUMBERTO ALENCAR

Os udenistas fluminenses mais chegados ao sr. Prado Kelly mostram-se profundamente impressionados sôbre a sorte da candidatura dêsse eminente homem público ao Parlamento. Segundo essas informações, o ex-Presidente da UDN estaria a correr o risco de não se eleger deputado federal, o que seria de todo desagradável para quantos obedecem à sua chefia política.

Conta a UDN fluminense, atualmente, com três deputados, os srs, Galdino do Vale, Edilberto Ribeiro de Castro e Tenório Cavalcânti. O sr. Raimundo Padilha foi eleito na legenda udenista em virtude de um acôrdo com o P.R.P.

Os observadores têm como quase certa a reeleição dos srs. Edilberto Ribeiro de Castro e Tenório Cavalcânti, não achando segura, entretanto, a situação eleitoral do sr. Galdino Vale. O velho político fluminense teria à sua retaguarda o ex-candidato ao govêrno do Estado. O nome do sr. Prado Kelly iria dividir colégios eleitorais que, no último pleito, deram votação massiça ao sr. Galdino Vale e isso, de acôrdo com informações merecedoras de fé, embora sem assegurar a eleição do sr. Prado Kelly, prejudicaria a reeleição do sr. Galdino do Vale.

Não há dúvida de que é realmente curiosa a situação político-eleitoral do eminente ex-líder da UDN. Sendo como é, o sr. Kelly, um dos dirigentes do partido, representando no seio da sua agremiação, o que não constitui segrêdo para ninguém, o pensamento do Brigadeiro Eduardo Gomes seria de fato uma insensatez, menos do eminente homem público do que da seção fluminense da UDN, jogar a sua candidatura aos azares de uma derrota. Poderia ser vencido numa eleição majoritária, e o desenlace da sua campanha não afetaria, em demasia, o seu capital político. Mas lançar-se à disputa de uma cadeira de deputado federal e perder a competição, será o mesmo que jogar fora todo o patrimônio político até então acumulado, quando o candidato é um homem público da altitude do sr. Prado Kelly.

A verdade é que a UDN do Estado do Rio tem pela frente, antes do problema de aliança com outros partidos — situação que não é das mais vantajosas, uma vez que se isolou muito das demais fôrças ponderáveis do Estado — êsse problema que está angustiando a quantos obedecem a chefia política do sr. Prado Kelly.



LUTA PELA POSSE DO PTB PARAIBANO

● A luta política na Paraíba, ao que parece, está prometendo dias agitados para um futuro próximo.

Como se sabe, os adversários do sr. José Américo se aglutinaram e estão dispostos a levar às urnas, como candidato ao govêrno do Estado, o nome do sr. João Agripino, um dos mais ferrenhos e impiedosos adversários do Ministro da Viação. Ainda agora, quando da presença do Ministro na Câmara dos Deputados, assistiu-se a um verdadeiro duelo entre os dois homens públicos. Mas, segundo algumas fontes, nesse acôrdo pro-João Agripino estaria também o sr. Samuel Duarte, com o PTB da Paraíba, atitude essa que teria contado com o beneplácito do sr. João Goulart. Agora, ao que se diz, o Ministro desejaria empolgar a direção do PTB, secção paraibana, não para êle, mas para uma pessoa sua, no caso o deputado Pereira Diniz. Desmoralizaria um dos setores adversários, harmonizaria, no que fala pollticamente ao govêrno federal, a sua situação e a dos seus amigos, que não podem apoiar o sr. Getúlio Vargas se continuarem no PL, e, mais do que tudo isso, continuaria a resguardar a posição dos dirigentes federais de serviço público, na Paraíba.

COMO CRESCE O PARANÁ

● Tudo o que se disser a respeito do desenvolvimento do Paraná parece que ainda é pouco. Tem-se a impressão de uma atividade febricitante, em que os dias se prolongam engolindo as noites... Cidades são construídas num abrir e fechar de olhos, centros comerciais são criados num instante, no tempo, e dezenas de milhares de homens vindos de tôdas as paragens brasileiras avançam mata a dentro, conquistando a terra, domando-a. Para se ter uma impressão do que é o Paraná de hoje, basta assinalar que estrá tramitando na Câmara um projeto de lei criando, de uma só vez, 65 coletorias federais!... A máquina burocrática-administrativa necessita de revitalização, sob pena de sucumbir ao choque do pioneirismo paranaense...

REFORMA QUE MORREU

● As eleições que visam a renovação do Congresso, das Assembléias Legislativas e de onze governos estaduais já estão às portas. Nos círculos políticos não se fala em outro assunto, não se comenta, com maior vivacidade e interêsse, outra cousa, senão isto.

Há mais de um ano os partidos e os círculos dirigentes nacionais discutiram o problema da revisão da Lei Eleitoral a fim de, sanadas as falhas e corrigidos os equívocos do Estatuto vigente, outro regime legal viesse a vigorar nos novos pleitos.

Comissões foram criadas para isso, até mesmo uma na Câmara dos Deputados, que tem como relator o ilustre deputado Gustavo Capanema.

Ao que parece, porém, tudo vai ficar como dantes... A lei não será revista, a menos que se a submeta a um regime de pressa, de urgência, como não convém a uma proposição de tal vulto e importância para a vida política brasileira.

Por ora, em matéria eleitoral, o que se tem feito é repetir o vício muito nosso de alterar, aos pedaços, a legislação fundamental...

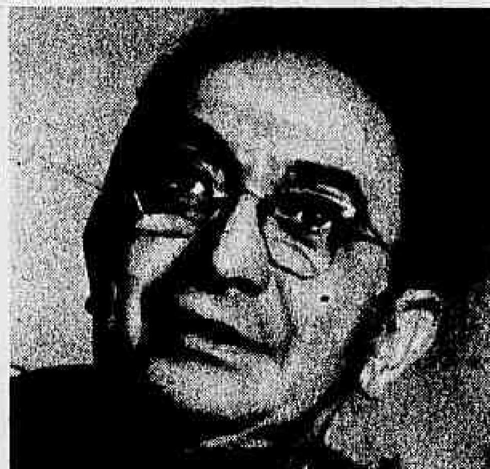
DICIONÁRIO POLÍTICO

★ ESQUEMA

É o prefácio do cambalacho. Os cozinheiros da salvação nacional querem jogar uma porção de partidos e candidatos dentro de um caldeirão cívico, deixando-o, em seguida, a esquentar no banho-maria da intriga política. No fim sai uma sopa azeda e jamais uma solução. O tempêro do apoio popular é quase sempre esquecido pelos mestres-cucas. A sopa enfuzada do esquema Dutra foi o sr. Cristiano Machado. A do «esquema Etelvino» poderá ser o sr. Ataulfo de Paiva, que bem merece mais uma oportunidade.

★ SUPLENTE

O suplente é capaz de botar uma bomba no avião do titular. Sonha com desastres de lotação, veneno tomado como remédio, paixões homicidas, enfartos do miocárdio,, Tenório Cavalcânti, reformas ministeriais. Quanto melhor colocado o suplente, mais profundo deverá ser o seu mergulho no inferno. O suplente não usa cartão de visitas: só usa cartão de pêsames. Nos jornais só lê a seção fúnebre. Ao saudar o titular não diz «Como vais?», mas sim «Quando vais?». Não dorme, tem pesadelos. O suplente é o monstro do regime.



★ VICE-PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O sr. Café Filho queria transformar uma posição decorativa numa posição de côr ativa. Mas só conseguiu um pálido muito chinfrim, depois de misturar muitas tintas berrantes. Entre a vice-presidência e a presidência da República a distância é ao mesmo tempo, astronômica e insignificante: uma morte, uma renúncia, um golpe. Tudo isso não é fácil de acontecer e, todavia, acontece com a maior facilidade. Dizem os ex-amigos do sr. Café Filho que êle ficou tão insôsso e sofisticado, que deveria passar a chamar-se Nexcafé Filho.

★ LUCAS GARCEZ

Figura hidráulica da política nacional. Professor de engenharia, mas calouro em política, está sofrendo dos veteranos os trotes mais duros. Na primeira série foi um aluno bem comportado, o modêlo da classe: era amigo até os alunos mais endiabrados e de má fama. No segundo ano começou a pôr as manguinhas de fora, deu para perseguir môscas azuis, numa louca demonstração de lirismo colegial. Depois ficou Hamlet por muito tempo. Trair ou não trair, foi o seu problema. Hoje o dilema está resolvido, mas o professor de engenharia se atrapalha com uma simples conta de somar: ou seja, a soma de partidos e de votos para elegê-lo presidente da República.



★ CANDIDATO

Substantivo eleitoral, do número infinito. Tirando os selvícolas e os menores de 5 anos, mas incluindo os loucos de todo gênero, não há brasileiro que não seja candidato a alguma coisa, neste país. O candidato é a véspera indócil e pródiga de um amanhã cheio de promessas radiosas, jamais cumpridas. A maioria é composta de candidatos a candidatos. Quando o registro eleitoral lhes dá fixidez às ilusões esvoaçantes, estão prontos para salvar o Brasil. Alguns candidatos, de tanto o serem, como o brigadeiro Eduardo Gomes, estão a merecer o amparo da justiça trabalhista.

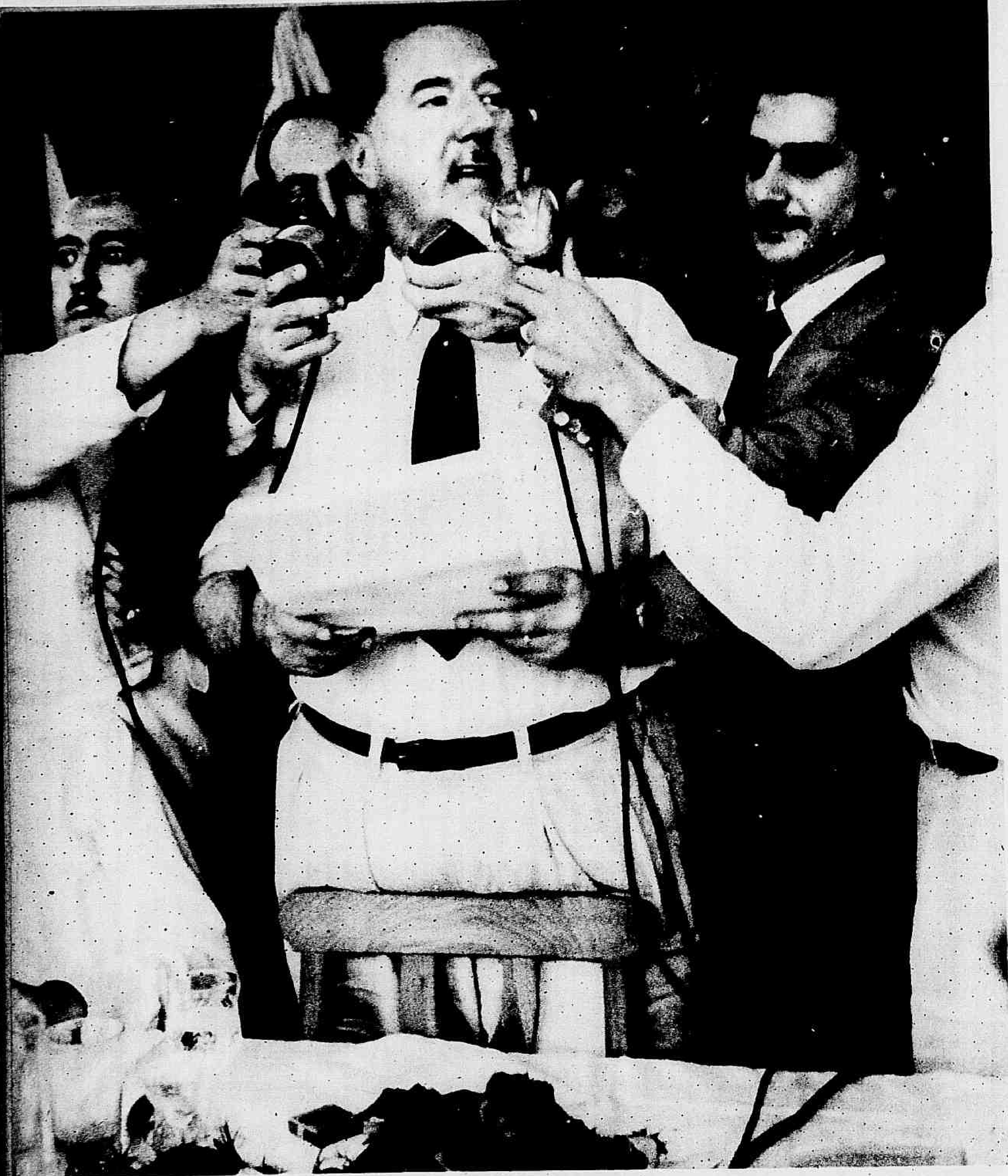
★ PARLAMENTARISMO

O Brasil só vai pra diante quando fôr soberano, diziam os patriotas da independência. O Brasil só vai pra frente com



a derrocada da monarquia, diziam os republicanos. O Brasil só endireita mesmo quando der fim ao presidencialismo, dizem os parlamentaristas, desde quando o dr. Raul Pilla não soube mais distinguir entre um presidente da República e um ditador. No fundo, todos têm a secreta convicção de que o Brasil não vai pra diante de jeito nenhum. Todavia, convenhamos que o parlamentarismo é um regime muito mais divertido.

ÚLTIMO FLASH



A FEIJOADA DE ADEMAR

● Uma mudança radical parece ter-se operado no comportamento do dr. Ademar de Barros. O chefe do populismo nacional tão dinâmico e de tantas atitudes políticas pitorescas e expansivas, está virando quase macambúzio. Foi, pelo menos a impressão que deixou na maioria dos repórteres políticos e dos fotógrafos que compareceram em massa à feijoada de fim de ano que o ex-governador de São Paulo ofereceu à imprensa carioca, sábado, dia 28 último, no Restaurante Recreio. Mais de uma centena de comensais, inclusive grande número de partidários do sr. Ademar de Barros, senadores, deputados e também o famoso ex-prefeito Paulo Lauro, lá estavam. E, como o chefe, todos em mangas de camisa, conforme manda a cartilha «populista». Aliás, «as mangas de camisa» constituíram a única demonstração populista no seu encontro com os jornalistas, naquela tarde. Os fotógrafos mantiveram-se na espectativa esperando qualquer gesticulação mais graciosa do homem, e um dos profissionais tanto «secou» Ademar, que êste, agastado, pediu que parasse com os flagrantes. E, até o fim, assim se manteve o ex-governador, grave como um britânico, quieto, mas observador. Seu discurso (em várias laudas datilografadas) não falou em sucessão nem expôs pronunciamentos. Foi todo um catatau simbolista. A primeira parte dedicada ao elogio da imprensa, e a segunda, repleta de críticas violentas à chamada «recuperação moral» do país. Pouco depois, interrogado pelos repórteres se seria candidato à presidência da República, respondeu, religiosamente, que só Deus sabia. E manteve ainda esta mesma resposta a quantas outras perguntas lhe fizeram a seguir.



GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

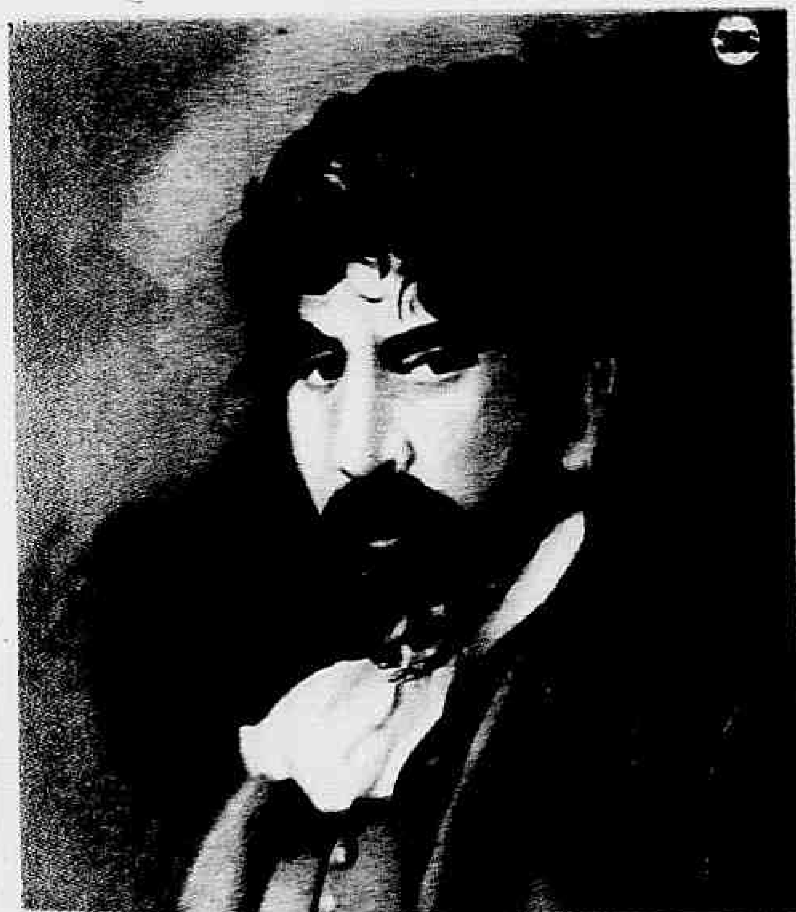
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953 não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencheram os claros do ALBUM, a partir da edição desta REVISTA nº 27, de 4 de julho último, terão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ALBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro

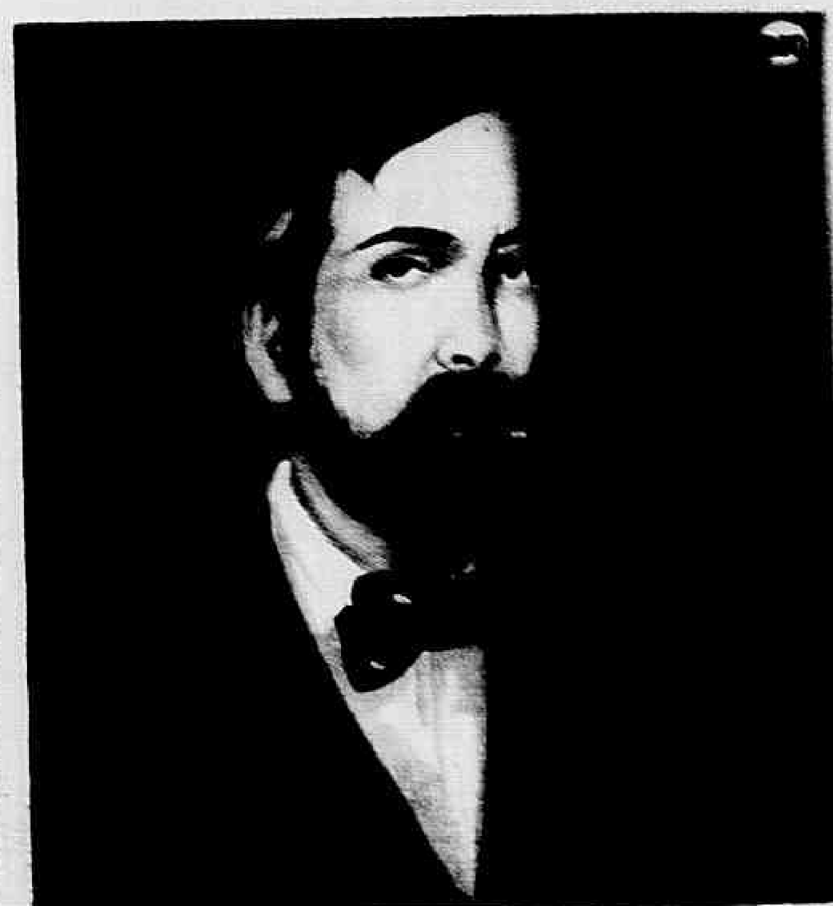






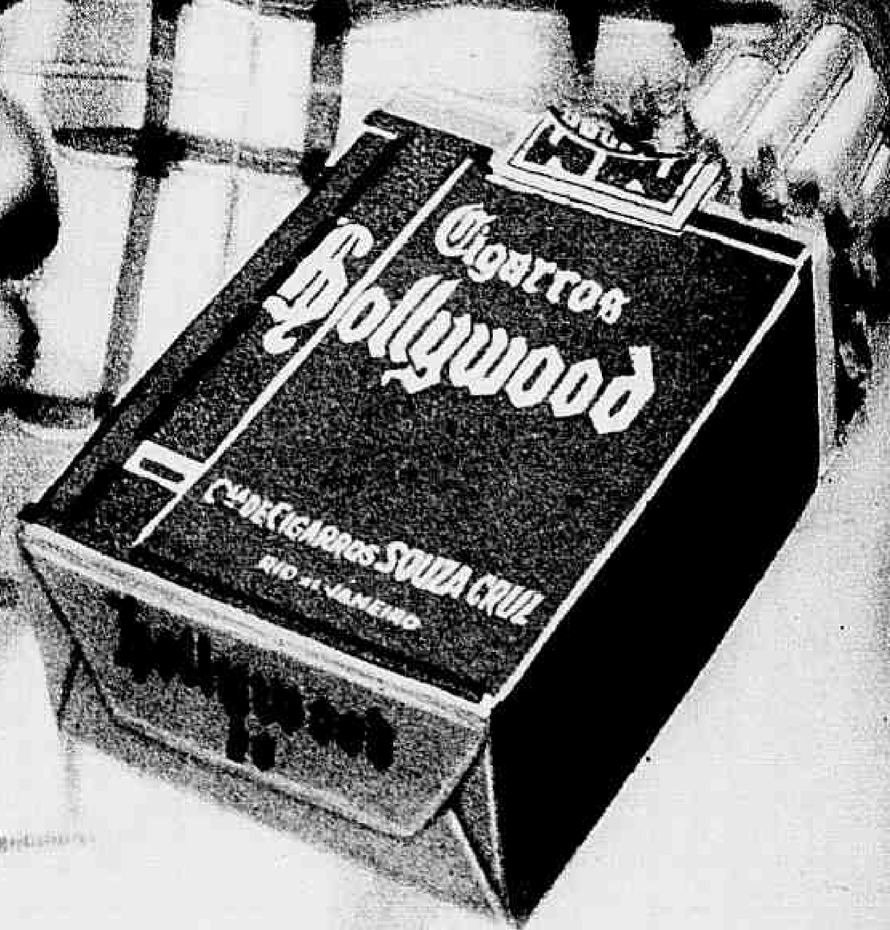






Uma tradição de bom gôsto

CIGARROS
hollywood



H-68.214

UM PRODUTO SOUZA CRUZ